



PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM CAJAZEIRINHA:

Estudo Exploratório em Ilhas do
Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí

EDENICE PEREIRA DA SILVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Edenice Pereira da Silva

PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM CAJAZEIRINHA:

Estudo Exploratório em Ilhas do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí

Belém – Pará

2013

Edenice Pereira da Silva

PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM CAJAZEIRINHA:

Estudo Exploratório em Ilhas do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de Concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Estratégias Institucionais em Comunicação na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Aparecida Marques

Belém – Pará

2013

Edenice Pereira da Silva

PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM CAJAZEIRINHA:

Estudo Exploratório em Ilhas do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para a Defesa de Dissertação.

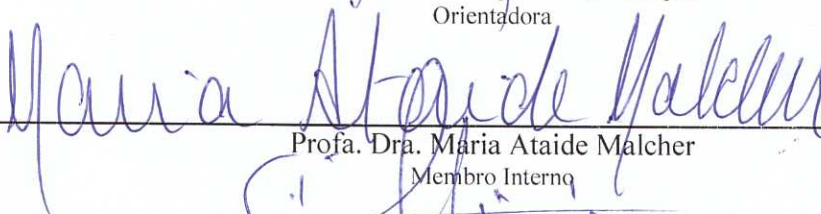
Orientadora: Profa. Dra. Jane Aparecida Marques

RESULTADO: APROVADO () REPROVADO

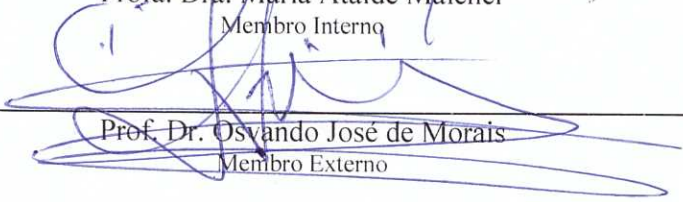
Data: 31/07/2013



Profa. Dra. Jane Aparecida Marques
Orientadora



Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher
Membro Interno



Prof. Dr. Osvando José de Moraes
Membro Externo

Belém-Pará

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Edenice Pereira da.

Processos Comunicacionais em Cajazeirinha: Estudo Exploratório em Ilhas do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí / Edenice Pereira da Silva. - 2013

174 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Jane Aparecida Marques

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, 2013.

1. Comunicação. 2. Processos comunicacionais. 3. Amazônia. 4. Lago de Tucuruí. 5. Comunidade Cajazeirinha. I. Marques, Jane Aparecida, *orient.* II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

CDD: 301

A Deus;
Aos meus pais;
À Tucuruí e à Cajazeirinha;
Aos apaixonados pela (in)Comunicação.

AGRADECIMENTOS

“Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse amor, nada seria”.
(1 Co 13, 1-2)

Eu nada seria se não fosse Deus, O qual me conduz, me inspira, me move e me proporciona a convivências e *experiências comunicativas* com pessoas de diferentes maneiras, ainda bem! É o amor de Deus que realiza todos os amores, em especial o amor de um pelo o *outro* e com o *outro*.

Agradeço, Pai, por essa oportunidade de realização e de amor também pelas pesquisas e ciências. E para que tudo acontecesse, vários *sujeitos comunicativos* e em *comunicação* se relacionaram nesse meu processo de iniciação de uma construção epistemológica. Portanto, obrigada, Senhor:

Pela minha mãezinha, meu paizinho e meus familiares, que mesmo à distância sempre estão pertos, pois sem eles eu não teria o mesmo sustento, alegria, entusiasmo e determinação para seguir, até mesmo na pesquisa de campo, onde também auxiliaram-me;

Pelo meu noivo, que me incentiva e me apoia, sempre zelando e ajudando-me, em especial, durante o processo de desenvolvimento desta dissertação, ficando ao meu lado até nos últimos detalhes de entrega dessa pesquisa;

Pelos meus futuros sogros e cunhadas, pelo apoio, incentivo e carinho ofertados, também, nesse tempo de estudos;

Pela minha amada comunidade Casa da Juventude (Caju), pelos meus amigos e irmãos cajuíno, leigos e sacerdotes, que caminham juntamente comigo experimentando e comunicando a vocação de viver a Alegria da Ressurreição sendo ação do mundo;

Por todos os meus amigos tucuruíenses, belenenses, pela fidelidade e fraternidade, entendendo-me em todos os instantes, até nos momentos de ausência;

À minha orientadora, professora Jane Aparecida Marques, pela paciência, pelas criteriosas reflexões e sugestões efetuadas durante o desenvolvimento deste trabalho, além de sua dedicação e colaboração, demonstradas em todo o processo;

Agradeço, de forma muito especial, à professora Maria Ataíde Malcher, pelo compromisso, pela confiança, pelo olhar atento e cuidadoso e por suas importantes contribuições em minha caminhada teórica para a realização deste trabalho;

À professora Netília Silva dos Anjos Seixas, pela acolhida antes mesmo do mestrado, pelo envolvimento na minha formação e auxílio em todos os momentos de minha trajetória;

Ao professor Manuel José Sena Dutra, que iniciou como meu orientador nessa pesquisa, portanto, agradeço pelas contribuições e ensinamentos durante o curso e nas discussões de orientações;

À minha turma de mestrado, pela amizade e pelas alegrias e “crises” compartilhadas (saudades das nossas imersões epistemológicas);

Aos amigos que ganhei nesse processo acadêmico: Fernanda Chocron, Gleidson Gomes, Leandro Raphael, Manuella Reale (Cajuína também), Rose Pepe, Suzana Lopes, Suelen Miyuki, Vanessa Brasil... e a toda a equipe do Laboratório de Experimentação em Multimídia da AEDi da UFPA, parceiros inseparáveis e inesquecíveis. Fica o meu respeito e grande admiração pela capacidade, empenho e dedicação profissional;

A todos aqueles que se dispuseram a me receber e a me conceder parte de seu tempo em entrevistas para esta pesquisa;

Dirijo, igualmente, meu reconhecimento e agradecimento à Universidade Federal do Pará (UFPA), especificamente ao Programa de Pós-Graduação Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCOM), pela acolhida e pelo interesse demonstrado na execução e conclusão do trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo estímulo na concessão de bolsa de mestrado;

A todos aqueles da Assessoria de Educação à Distância (AEDi) e da Academia Amazônia, pela disponibilidade em sempre me ajudarem.

À Basílica Santuário de Nazaré, na pessoa dos sacerdotes Jeorge Miranda, José Ramos e Giovanni Incampo, e de outros padres amigos, como padre Cláudio Pighn, pelo incentivo ao longo de minha vida pessoal e acadêmica;

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para realização deste trabalho.

Muito obrigada!

"Apostai sobre os grandes ideais, sobre as coisas grandes. Nós, cristãos, não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jovens, jogai a vida por grandes ideais!"
(Papa Francisco)

RESUMO

Esta pesquisa aborda processos comunicacionais em uma comunidade amazônica, denominada Cajazeirinha, situada no Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no estado do Pará. O objetivo central da investigação foi identificar e analisar os processos comunicacionais das crianças no cotidiano da Cajazeirinha. Esta comunidade tem a especificidade de localizar-se a poucos metros da usina hidrelétrica e, contraditoriamente, não ter acesso ao fornecimento de energia elétrica, o que faz com que a população busque fontes alternativas de eletricidade (bateria de carro, placa solar ou gerador) para, entre outras coisas, utilizar meios de comunicação, como a televisão, o rádio e o celular. Inicialmente, partiu-se do pressuposto de que, para se analisar a comunicação de uma comunidade ou grupo de pessoas é necessário compreender o seu campo de ação e sua constituição, e então observar a realidade de maneira contextualizada, não dissociada no tempo e no espaço. Assim, procurou-se compreender os processos comunicacionais da comunidade, baseando-se nos conceitos teóricos de processos comunicativos de Vera França, processos comunicacionais de José Luiz Braga, no conceito de mediações de Jesús Martín-Barbero e nas bases teóricas dos Estudos de Recepção Latino Americano, a partir das autoras Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks, além da noção de interação social, de John Thompson. O caminho metodológico trilhado tem como perspectiva a pesquisa exploratória com análise de dados qualitativos, a partir de pesquisas bibliográficas, de entrevistas em profundidade (com crianças, mães e formadores de opinião), da observação não participante sistemática e do diário de campo. O intuito foi identificar e analisar os processos comunicacionais da comunidade Cajazeirinha e mapear os meios de comunicação massivos existentes em Tucuruí e nas ilhas dessa comunidade. Nessa pesquisa, verificou-se que na Cajazeirinha os processos comunicacionais são constituídos a partir de mediações socioculturais, com destaque para a família, a igreja e a escola. Também foram observadas as interações comunicacionais que ocorrem em momentos de lazer e a presença dos meios de comunicação no cotidiano da comunidade, principalmente no que concerne a conteúdos como telenovelas, telejornais e desenhos animados. Por fim, verificou-se que os modos de recepção na Cajazeirinha são permeados por características espaço-temporais locais, por conta do ritmo do rio que determina a vida da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Processos comunicacionais. Amazônia. Lago da Hidrelétrica de Tucuruí. Comunidade Cajazeirinha.

ABSTRACT

This research talks about the communicational processes in an Amazon community, called Cajazeirinha, located in the Lake of the Tucuruí Hydroelectric Power Station, in the state of Pará. The main purpose of the investigation was to identify and analyze the communicational processes of the children from Cajazeirinha daily. This community has the specificity of locating in a few meters from the Hydroelectric Power Station and, contradictorily, not accessing the electrical energy supply, what makes with the population search for alternative sources of electricity (car battery, solar board or generator) to, among other things, using the broadcasting, such as the television, the radio and the cell phone. Initially, it started with the assumption that, to analyze the communication of a community or a group of people is necessary to understand its playing field and its constitution, and then observe the reality in a contextualized way, not dissociated in time and space. So, it was sought to understand the communicational processes of community, basing in the theoretical concepts of communicational processes from Vera França, communicational processes from José Luiz Braga, in the concept around Jesús Martín-Barbero and in the theoretical basis of the Studies of Latin-American Reception, from the authors Ana Carolina Escosteguy and Nilda Jacks, besides the notion of social interaction, from John Thompson. The methodological way treaded has as a perspective the exploratory research with qualitative data analysis, from bibliographical researches, deep interviews (with children, mothers and trendsetter of opinion), observation not systematic participant and field diary. The purpose was to identify and analyze the communicational processes of the community Cajazeirinha and map the existent broadcasting in Tucuruí and in the islands of this community. In this research, it was verified that in Cajazeirinha the communicational processes are constituted from the sociocultural mediations, highlighting the family, the church and the school. The communicational interactions were also observed, those that occur in leisure moments and the presence of broadcasting in the daily community, mainly in that involves contents such as soap operas, television news and cartoons. Finally, it was verified that hte ways of reception in Cajazeirinha are permeated by characteristics space-temporal-places, because of the rythm of the river that determines the life of the community.

KEY WORDS: Communication. Communicational processes. Amazon. Lake of the Tucuruí Hydroelectric Power Station. Community Cajazeirinha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Divisão territorial do Brasil com duas Províncias: Estado do Maranhão (que abrangia o Grão-Pará) e Estado do Brasil, no século XVII.	29
Figura 2: Divisão territorial do Brasil com o Amazonas, após emancipação do Grão-Pará e São José do Rio Negro	30
Figura 3: Vila de São Bernardo de Pederneiras (conhecida como Pederneira)	33
Figura 4: Percurso da Estrada de Ferro Tocantins	39
Figura 5: Trabalhadores fazendo manutenção na EFT	40
Figura 6: Locomotiva Maria Fumaça, no Centro Cultural da Vila da UHE de Tucuruí	41
Figura 7: Antigo escritório da ferrovia Estrada de Ferro Tocantins, atual Secretaria de Educação do Município	42
Figura 8: Tucuruí situa-se no sudeste do Pará	44
Figura 9: Tucuruí polo regional	45
Figura 10: Bandeira de Tucuruí	47
Figura 11: Brasão de Tucuruí	47
Figura 12: Tucuruí e suas cidades vizinhas Breu Branco e Novo Repartimento, que se emanciparam	57
Figura 13: Vertedouros abertos da UHE Tucuruí	58
Figura 14: Escavações para a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí	58
Figura 15: Comboio nas Eclusas de Tucuruí	60
Figura 16: Eclusas de Tucuruí	61
Figura 17: Crianças brincando no lago da UHE Tucuruí, na Cajazeirinha	65
Figura 18: Área de Proteção Ambiental do Lago de Tucuruí (delineado na cor roxa)	69
Figura 19: Mapa do Mosaico de Unidades de Conservação do Lago de Tucuruí	71
Figura 20: Umas das ilhas da Cajazeirinha, no Lago de Tucuruí	75
Figura 21: Uma das casas em Cajazeirinha	75
Figura 22: Solo acidentado com algumas árvores, entre elas uma mangueira, em Cajazeirinha	76
Figura 23: Cachorro e gato domésticos em um espaço próprio em uma casa na Cajazeirinha	78
Figura 24: Criação de patos, galinhas e pintos, na Cajazeirinha	78
Figura 25: Página inicial do Estatuto da Associação Comunitária dos Moradores das Ilhas de Cajazeirinha	86
Figura 26: Moradores da Cajazeirinha indo de rabeta para Tucuruí em uma manhã de sábado	94
Figura 27: Moradores da Cajazeirinha vindo da cidade para as ilhas em um final da tarde	94
Figura 28 e 29: Fachadas (frente) de uma das casas da Cajazeirinha	95
Figura 30: Bateria automotiva sendo carregada na placa solar, no quintal de uma casa	96
Figura 31: Bateria automotiva sendo carregada na placa solar, no quintal de uma casa	96
Figura 32: Fachada da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha	104
Figura 33: Cozinha e copa da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha	105
Figura 34: Crianças lanchando durante o intervalo da aula na Escola Emília	105

Rodrigues	
Figura 35: Banheiros da Escola Emília Rodrigues, na Cajazeirinha situados no meio do mato	106
Figura 36: Lixo escolar entulhado ao lado da escola Emília Rodrigues, na Cajazeirinha	106
Figura 37: Crianças chegando à Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha	107
Figura 38: Crianças saindo da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha	108
Figura 39: Crianças, sem colete salva vida, na volta para casa, na Cajazeirinha	108
Figura 40: Parte interna da embarcação que leva as crianças para a escola, na Cajazeirinha	108
Figura 41: Rádio poste, instalada em Tucuruí	120
Figura 42: Detalhe da rádio poste, em Tucuruí	120
Figura 43: Antena parabólica sem uso em Cajazeirinha	125
Figura 44: Televisores e rádio ligados à bateria automotiva, em Cajazeirinha	126
Figura 45: Livros didáticos na escola Emília Rodrigues	127
Figura 46: Revistas e livros na Escola Emília Rodrigues	127
Figura 47: Aparelho de rádio em uma moradia em Cajazeirinha	128
Figura 48: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 7, menino, 6 anos)	135
Figura 49: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 10, menino, 6 anos)	135
Figura 50: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 9, menina, 6 anos)	135
Figura 51: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 16, menina, 7 anos)	136
Figura 52: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 15, menino, 7 anos)	136
Figura 53: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 4, menina, 9 anos)	137
Figura 54: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 6, menina, 9 anos)	137
Figura 55: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 12, menino, 9 anos)	137
Figura 56: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 11, menino, 9 anos)	137
Figura 57: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 3, menina, 9 anos)	138
Figura 58: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 5, menina, 9 anos)	138
Figura 59: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 2, menina, 10 anos)	138
Figura 60: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 1, menino, 10 anos)	138
Figura 61: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 13, menina, 10 anos)	139
Figura 62: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 14, menino, 10 anos)	139
Figura 63: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 8, menina, 11 anos)	139

anos)

Figura 64: Televisão com aparelho de DVD em uma casa em Cajazeirinha 144

TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de crianças que estudavam na Escola Emília Rodrigues Pereira em 2012 e de crianças entrevistadas em 2013	25
Tabela 2: Populações atingidas durante a construção da UHE Tucuruí (dados de novembro de 1982)	62
Tabela 3: Levantamento de comunidades e famílias nas ilhas da região da UHE Tucuruí até fevereiro de 2005	72
Tabela 4: Local de nascimento das mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas	80
Tabela 5: Local de nascimento das crianças entrevistadas	80
Tabela 6: Quantos filhos (vivos) tem as mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas	93
Tabela 7: Religião das mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas	100
Tabela 8: Religião das crianças entrevistadas	100
Tabela 9: Quantidade de alunos matriculados na Escola de Cajazeirinha por ano	109
Tabela 10: Atuais meios de comunicação em Tucuruí	124

QUADROS

Quadro 1 – Coleta dos dados da pesquisa empírica	27
Quadro 2 – Escolas existentes nas ilhas do lago da UHE	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALBRÁS – Alumínio Brasileiro S/A

ALUMAR – Alumínio do Maranhão

ALUNORTE – Alumina do Norte do Brasil S/A

AM – Amplitude Modulation

CHESF - Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

CRT – Cathode Ray Tube

DNAEE – Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EFT – Estrada de Ferro Tocantins

ELETRONORTE – Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A

ENENORDE – Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da região Nordeste

ENERAM – Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da Amazônia

FM – Frequency Modulation

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JICA – Japan International Consulting Associations

LCD – Liquid Crystal Display

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragem

MME – Ministério das Minas e Energia

MRN – Projeto Trombetas da Mineração Rio do Norte

PGC – Programa Grande Carajás

PIN – Programa de Integração Nacional

PMT – Prefeitura Municipal de Tucuruí

PPGCOM – Programa de Pós-Graduação Comunicação Cultura e Amazônia/UFPA

RBA – Rede Brasil Amazônia de Comunicação

RDS – Reservas de Desenvolvimento Sustentável

RTC – Rede Tucuruí de Comunicação

RTP – Rede de Televisão Paraense

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SECTAM – Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente

SECULT – Secretaria de Estado de Cultura

SEMA – Secretaria de Estado de Meio Ambiente

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SPL – Serviços de Planejamento S.S

SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

TELENORTE – Telecomunicações do Norte

TELEPARÁ – Telecomunicações do Pará S/A

TV – Televisão

UCS – Mosaico de Unidades de Conservação do Lago de Tucuruí

UHE – Usina Hidrelétrica de Tucuruí

VHS – Video Home System

ZPVS – Zonas de Preservação da Vida Silvestre

SUMÁRIO

COMO TUDO COMEÇOU...	17
OS CAMINHOS DA PESQUISA	21
1. DESTINO: TUCURUÍ	28
1.1 A Estrada de Ferro Tocantins	34
1.2 Eis uma nova cidade na Amazônia: Tucuruí	43
1.3 Símbolos de Tucuruí	45
1.4 O Projeto de uma Hidrelétrica em Tucuruí	48
1.5 O Processo de Construção da Usina	57
1.5.1 Desenvolvimento e Impactos em Tucuruí	61
1.5.2 Características Físicas da Região da UHE Tucuruí	63
1.6 Ilhas do Lago de Tucuruí	68
2. CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE CAJAZEIRINHA	73
2.1 Mediações socioculturais de Cajazeirinha	74
2.2 Para além dos meios	110
3. COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA NO COTIDIANO DA CAJAZEIRINHA	116
3.1 Meios de Comunicação Presentes em Tucuruí	119
3.2 Os Meios de Comunicação em Cajazeirinha	124
O QUE ENCONTRAMOS NO CAMINHO	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
APÊNDICE I	163
APÊNDICE II	170

COMO TUDO COMEÇOU...

Minha mãe: *“Vai começar o Tucuruí Agora. Liga o rádio”*.

E entre os recados ditos no programa, exclamava o locutor:
*“Atenção dona Maria Silva, que mora na ilha Cajazeirinha, na Hidrelétrica,
venha para Tucuruí, pois sua irmã está muito doente”*.

Muitas vezes, desde criança, me deparei com situações como a narrada acima. Eu sempre achei curioso e até intrigante, a maneira como a comunicação ocorria entre os moradores da cidade com a população das ilhas adjacentes à usina hidrelétrica desse lugar. Os recados e/ou acontecimentos (festas, doenças, nascimentos, falecimentos etc.), até hoje, são noticiados e transmitidos sem nenhum eufemismo.

Com a oportunidade de pesquisa em pós-graduação na área de Ciências da Comunicação, aqui na Amazônia, não tivemos dúvida que seria importante retornar às minhas origens para compreender o processo de comunicação ali presente, mais especificamente, nas ilhas dessa região, um pedaço da Amazônia pouco ou nada estudado sob o viés científico da Comunicação.

Na pesquisa bibliográfica, dediquei-me a buscar o que já havia sido discutido sobre essa região, contando com o aporte de outras áreas: Geografia, Engenharias, Sociologia, Física, e as várias vertentes da Saúde. Todas essas pesquisas me auxiliaram a compreender, em partes, a história desse lugar, que eu, ingenuamente, pensava que conhecia...

Como já sabia da presença do rádio e da televisão nessas ilhas e percebendo o grande número de crianças nas comunidades, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), buscando ativar um desejo antigo de pesquisar as relações desse público, o que deixava meu sorriso mais largo... Meu objeto empírico já começava a ser delineado... No entanto, ainda precisava ter foco, e ao longo das disciplinas, defini que seria uma das comunidades situadas às margens da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí.

Decidi visitar algumas famílias nas ilhas da UHE Tucuruí. Parti, no dia 29 de dezembro de 2011, para uma pesquisa de observação preliminar e deparei-me em Cajazeirinha, a comunidade mais próxima da cidade de Tucuruí, situada a, aproximadamente, 15 km do porto na vila da hidrelétrica até a primeira moradia (em uma das ilhas) da comunidade, o que resulta em um trajeto de 50 minutos de barco.

Além de perceber que os residentes desse lugar têm mais “facilidade”, em relação às demais comunidades do lago, de ir até Tucuruí (considerada pelos moradores como a “cidade”), também me chamou a atenção o fato de não haver fornecimento regular de energia elétrica, o que faz com que os domicílios utilizem-se de alternativas de acesso à energia – baterias automotivas, placas solares ou geradores a óleo – para ligar, ao menos, a televisão e carregar o celular.

Nessa primeira ida a campo, visitei três famílias pertencentes à comunidade de Cajazeirinha, e pude levantar algumas informações sobre os tipos de moradia, os costumes familiares e/ou hábitos culturais dos moradores, especialmente das crianças, que assistem à televisão, embora muitas delas, apenas à noite, quando os pais também assistem. Eles, em geral, economizam energia (no caso das baterias automotivas, quando necessário, são recarregadas em Tucuruí) para o funcionamento do aparelho televisivo, que é utilizado para entretenimento, mas também para obtenção de informações, por meio das notícias locais, nacionais e/ou internacionais.

De posse desse material inicial, retornei, então, para os estudos e pesquisas bibliográficas que me ajudaram a vislumbrar a possibilidade de estudar esse contexto amazônico pelo viés das diferentes mediações. Com lacunas de informações acerca da realidade comunicacional de Cajazeirinha, surgiu a necessidade de outra visita exploratória a campo, que se deu no dia 04 de maio de 2012.

Nessa segunda visita à comunidade, o objetivo foi observar a participação das crianças na escola e nas atividades da família e suas relações com os meios de comunicação. Nessa oportunidade, realizamos entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado, que teve, como eixos orientadores os temas TV, crianças, escola e lazer. O ponto de partida foi tentar perceber a presença da televisão na constituição dos processos comunicativos das crianças da comunidade Cajazeirinha; refletir sobre os processos comunicativos estabelecidos pelas crianças, compreendendo qual é a atuação dos conteúdos televisivos nesses processos; e mapear os meios de comunicação existentes em Tucuruí e em Cajazeirinha. Pois, assim, poderíamos entender como os meios midiáticos estavam inseridos, ou não, em seu cotidiano.

Naquela ocasião, identifiquei que só havia uma escola na comunidade, a Escola Municipal Emília Rodrigues Pereira, e aproveitei para fazer o levantamento dos meios de comunicação de massa presentes nessa região, a saber: televisão (Rede Globo, SBT e Record possuem os melhores sinais); rádio (com sinal das emissoras de Tucuruí, Belém, Macapá e Manaus); celular (a operadora VIVO é a mais comum, pois tem o melhor

sinal); além disso, encontrei, com frequência, revistas e livros didáticos de disciplinas escolares. Pude perceber, nessas breves visitas, que a preferência da garotada é pela televisão, o que, no meu entendimento, indiciava o foco de análise.

Mesmo as crianças tendo limite de tempo para uso diário desse meio de comunicação, pude observar que elas comentavam, no decorrer do dia, sobre algo ou alguém que tinham visto e/ou ouvido na TV, com ideias que ora convergiam, ora divergiam sobre o que assistiram. A partir disso, pude articular os conceitos trabalhados por Jesús Martín-Barbero, como o de mediações, e o de processos comunicativos de Vera França, fundamentais na construção deste estudo.

Após um levantamento detalhado da história e formação dessa região, e com os dados observados nessas visitas preliminares, pude produzir a primeira parte desta pesquisa rumo à qualificação. Em seguida, comecei a levantar o arsenal teórico sobre os processos de comunicação, buscando compreender como ocorrem as interações sociais e comunicacionais, preparando-me para perceber esses processos na pesquisa de campo.

Assim, aconteceu a terceira e última ida a campo, realizada no período de 7 a 16 de abril de 2013. A decisão foi a de articular dias possíveis de agendamento com os formadores de opinião de Tucuruí e de Cajazeirinha, para que eu pudesse entrevistá-los e, concomitantemente, fiz a pesquisa de campo no colégio e em todos os domicílios das crianças que estudam na Escola da comunidade.

Todos os agentes com os quais, direta ou indiretamente, tive contato me ajudaram na construção desta dissertação. Dentre tantos colaboradores, destaco o auxílio do professor e historiador, Luiz Henrique Barros da Silva, pessoa fundamental nesta pesquisa, pois além de explicar a história do município de Tucuruí, também disponibilizou um livro de sua autoria, ainda não publicado, que muito me orientou. Para além da origem de Tucuruí, indicou-me pistas para outras pesquisas bibliográficas e documentais, também importantes, como a do professor e engenheiro Ignácio Baptista de Moura que, em uma de suas obras, detalha a história de Alcobaça, antigo nome da cidade de Tucuruí.

Ciente de que a análise de uma pesquisa, de cunho exploratório, não permite generalizações, apresento os resultados obtidos nesta dissertação, com o intuito de contribuir para a compreensão dos processos comunicativos existentes em uma comunidade – Cajazeirinha –, que tem características peculiares, como a falta de energia elétrica, mesmo estando localizada ao lado de uma hidrelétrica, em meio ao ambiente amazônico. Conhecer a realidade desses sujeitos, foi muito importante na minha

formação como pesquisadora, no sentido de possibilitar a reflexão sobre as diversas mediações existentes, que constituem diferentes *brasis*, dentro de um mesmo estado com grande extensão territorial, como é o caso do Pará.

Não pretendia focar, estritamente, na história, no entanto, como ainda há lacunas de registros escritos sobre essa comunidade, compreendi que era importante registrar alguns aspectos que obtive por meio de depoimentos orais (entrevistas em profundidade). Entendo, pois, que ao escrever, estou também registrando parte dessa história.

“O tempo tem tempo de tempo ser,
o tempo tem tempo de tempo dar,
ao tempo da noite que vai, correr,
o tempo do dia que vai chegar”.

(Ruy Barata)

Os Caminhos da Pesquisa...

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para Selltiz *et al.* (1974, p. 12), a pesquisa ocorre por meio de um processo, que consiste em algumas atividades, intimamente relacionadas, as quais se sobrepõem continuamente. Essas atividades são tão interdependentes, que muitas vezes “[...] a primeira etapa do projeto de pesquisa determina a natureza da última”.

Na área da Comunicação, enquanto processo, a pesquisa constitui um objeto de estudo, que é construído “[...] no âmbito de uma *relação social* e, por isso, não pode existir de forma autônoma da perspectiva teórica adotada e do contexto no qual ela é empregada” (BARROS; JUNQUEIRA, 2006, p. 34). Isto é, o objeto de estudo se delinea teórico-metodologicamente, levando em consideração o seu contexto sociocultural.

Nessa perspectiva, esta dissertação baseia-se nos Estudos Culturais Latino Americanos, com o intuito de compreender as interações sociais de crianças que vivem em uma comunidade denominada Cajazeirinha, em Tucuruí, sudeste do Pará. Mais especificamente, buscamos compreender a constituição dos processos comunicacionais também a partir dos meios de comunicação. Ancoramos nossa pesquisa no conceito de *mediações*, de Jesús Martín-Barbero (1997), para a compreensão das relações interacionais dos indivíduos em questão. Tomamos como base, também, os conceitos teóricos de processos comunicativos de Vera França (2001) e processos comunicacionais de José Luiz Braga (2011). Dessa forma, destacamos a relevância de “olhar” os processos comunicacionais pelas bases teóricas dos Estudos de Recepção, que mostram na raiz de sua análise, a comunicação não em um fluxo único, e sim como uma interação entre as partes.

As autoras Nilda Jacks, Daiane Menezes e Elisa Piedras (2008), ao discutirem meios e audiências, como estudos de recepção no Brasil, ajudam-nos a perceber a comunicação como um processo contínuo:

Nesse contexto, o processo de comunicação nos estudos de corte sociocultural é entendido como horizontal, onde não há um emissor onipotente manipulando um receptor passivo, mero depositário de mensagens, mesmo que haja uma tentativa de imposição de um discurso hegemônico por parte dele (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008. p. 106).

Admitimos, assim, com a perspectiva teórica citada acima, que o objeto de estudo desta pesquisa implicaria uma determinada metodologia – pesquisa exploratória de natureza qualitativa – para apoiar toda a construção e desenvolvimento a cada etapa

e/ou fase. Tendo como proposta a análise dos principais processos comunicacionais de crianças da comunidade Cajazeirinha, a partir de conteúdos midiáticos, consideramos também as indicações de Bonin:

[...] Como prática metodológica, a pesquisa exploratória implica aproximações empíricas ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades. Tatear o fenômeno, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta, caracterizam este processo (BONIN, 2012, p. 4).

Assim, inicialmente, foram adotadas algumas técnicas de pesquisa. Primeiramente, fizemos uma pesquisa teórica, de levantamento exploratório bibliográfico e documental, com o objetivo de obter informações fidedignas sobre Tucuruí e as ilhas situadas no lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Obtivemos informações que explicitam desde o surgimento de Tucuruí enquanto vila, passando por sua emancipação como município, até as condições atuais, apresentando aspectos da realidade da cidade, que integra uma grande usina hidrelétrica. Da instalação dessa usina, as intercorrências que levaram ao surgimento de várias ilhas, que são habitadas por comunidades no entorno do lago da hidrelétrica, dentre outros estudos de dados secundários.

Realizamos o levantamento de documentos publicados, como decretos do município, relatórios de estudos socioambientais, entre outros arquivos documentais, além de bibliografias que abrangessem o tema abordado, mesmo que em outro campo do saber, o que permite clarear e nortear as investigações sobre as relações sociais nesse lugar e sobre o ambiente empírico.

Tivemos em vários momentos, que entrecruzar depoimentos, obtidos a partir de entrevistas não estruturadas, com os registros já obtidos, para relatar as partes dessa história, que ainda não estão publicadas. Selltiz *et al.* (1974, p. 65) destacam a importância da pesquisa exploratória, indicando, também, o “estudo da experiência”, que objetiva “compreender as relações entre variáveis, e não conhecer, exatamente, as práticas atuais ou um simples acordo quanto às melhores práticas”. Todas essas descrições da ambientação (lócus) de nossa pesquisa estão apresentadas à frente.

Por este trabalho ser de natureza exploratória, coube o método de *pesquisa exploratória* com enfoque qualitativo. O enfoque qualitativo dá profundidade aos dados, por contemplar uma riqueza interpretativa, priorizar a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas. “Também oferece um ponto de vista ‘recente, natural e holístico’ dos fenômenos, assim como flexibilidade” (SAMPIERI; COLLADO;

LUCIO, 2006, p. 15). A pesquisa qualitativa mostrou-se a mais adequada, para a compreensão dos processos comunicacionais de crianças, por meio de observações e entrevistas em profundidade.

Para isso, fizemos, primeiramente, algumas idas a campo (à comunidade Cajazeirinha), para ambientarmos com o lugar, com os seus habitantes e suas *experiências* de vida, o que, geralmente, não constam, exatamente, nas bibliografias disponibilizadas. Foram feitas, inicialmente, duas visitas à comunidade: no dia 29 de dezembro de 2011 e no dia 04 de maio de 2012. Na primeira visita, o objetivo foi conhecer a comunidade e seus moradores, em busca de mais detalhes, que nos permitissem ajustar nossos instrumentos de coleta de dados às características próprias do local. Já na segunda visita, o motivo principal foi entrevistar líderes comunitários¹ e fazer contato com professor(es) e a escola, onde as crianças de Cajazeirinha estudam e também para obter informações, mais precisas, sobre a possibilidade de utilização desse espaço, já que nesse ambiente se processam importantes mediações sociais das crianças.

A partir das pesquisas de campo exploratórias iniciais e, com apoio do referencial teórico, desenvolvemos roteiros específicos, que nos auxiliaram na observação sistemática que seria feita com as crianças em seu convívio natural, para percebermos as mediações sociais, usos e apropriações de conteúdos midiáticos e ressignificações de mensagens em seu dia a dia, aspectos que estamos tratando nesta dissertação por processos comunicacionais.

Como já havíamos definido o universo da pesquisa – crianças da comunidade Cajazeirinha, situada do Lago da Hidrelétrica de Tucuruí, na Amazônia Brasileira –, que frequentam a Escola Emília Rodrigues Pereira, foi necessário apenas a revisão dos potenciais entrevistados. Inicialmente, selecionamos uma amostra composta por 17 crianças, na faixa etária de 6 a 12 anos, que totalizavam 10 famílias. Todas essas crianças estudam em uma única turma dessa Escola, que agrega alunos do 1º ao 5º ano². Embora, nos levantamentos prévios, que fizemos em 2012, constassem registros de 30 alunos, efetivamente, matriculados, na coleta de dados realizada, somente, identificamos 17 alunos estudando nessa escola. Desses, somente uma menina não pode ser entrevistada, porque estava doente. Obtivemos, assim, entrevistas de 16 crianças ao final da pesquisa. A distribuição amostral, por idade, está apresentada na tabela a seguir:

¹ O roteiro utilizado está apresentado no Apêndice I desta dissertação.

² As classes multisseriadas, comuns no campo (área rural), têm apenas um professor para atender alunos com idades variadas e níveis diferentes de escolaridade (MEC, 2009).

Tabela 1 – Quantidade de crianças que estudavam na Escola Emília Rodrigues Pereira em 2012 e de crianças entrevistadas em 2013

Idade	Quant. Alunos Matriculados (Dados 2012)	Quant. Alunos Pesquisados (Dados 2013)
6 anos	4	3
7 anos	1	1
8 anos	8	-
9 anos	5	6
10 anos	2	4
11 anos	2	1
12 anos	3	1
13 anos	3	-
14 anos	1	-
15 anos	1	-
TOTAL	30	16*

(*) Amostra de crianças entrevistadas na pesquisa de campo.

Primeiramente, analisamos a caracterização demográfica dessas crianças, como idade, gênero, naturalidade, etc., para depois avaliarmos grupo(s) social(is) a que pertencem, oriundos ou não da família: religião, partido político, e, por fim, perceber os hábitos e costumes, dentro do cotidiano e da cultura local, que podem, também, ser considerados como *mediações* (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Devido a imprevistos que ocorreram durante a pesquisa, foram necessárias algumas mudanças, o que, reconhecemos, enriqueceu toda a metodologia do trabalho. No primeiro dia de ida à Cajazeirinha, uma quinta-feira, o barco fretado precisou voltar para a cidade no meio da tarde. Assim, não pudemos visitar mais de uma família nesse dia, além do que, na sexta-feira esse transporte não estava disponível. No entanto, aproveitamos para realizar as entrevistas com alguns líderes de opinião, que residem em Tucuruí e para fazer o levantamento de dados complementares para a pesquisa de campo. Estivemos na Secretaria de Educação do Município (SEMED), na Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Tucuruí, no Departamento de Turismo, no escritório local do IBGE, na igreja (da vila da Hidrelétrica) e na rádio, todos sediados em Tucuruí.

Esse fato, também, nos ajudou a ter uma noite para planejar a viabilidade da pesquisa com uma nova amostra, já que a professora nos deu a notícia de que, em 2013 só tinha uma turma de alunos na Escola de Cajazeirinha, totalizando 17 crianças, na faixa etária de 6 a 12 anos, logo, a população seria toda essa turma multisseriada (1º ao 5º anos), que estudava no período matutino, como já explicitado anteriormente.

Dessa maneira, fechamos a amostra, com as seguintes características: 17 crianças, sendo 10 meninas e 7 meninos, todos na idade entre 6 a 12 anos, e que estudam na única escola da Cajazeirinha. No entanto, no final, a amostra ficou com 16 crianças (9 meninas e 7 meninos), pois uma menina não foi a aula e não conseguimos entrevistá-la em sua casa, pois estava doente, em repouso total. Essas crianças totalizam 10 famílias, pelo fato de ter irmãos e primos, na amostra, que moram juntos.

Conseguimos entrevistar, ainda, sete líderes de opinião (profissionais das áreas de educação e de comunicação, líderes da comunidade e/ou de movimentos, e religiosos), que muito nos auxiliaram na construção da história dessa localidade, que ainda não totalmente documentada. Todos os respondentes serão mantidos sem identificação, ao longo desta dissertação, para preservarmos o anonimato, atendendo às condições éticas de uma pesquisa acadêmica.

Adotamos, além dos métodos e técnicas descritos, a observação não participante e sistemática para auxiliar na análise das mediações das crianças, a partir de presenças midiáticas, e o uso de diário de campo, de modo a anotar as observações gerais percebidas durante a pesquisa de campo. Para tanto, a coleta de dados ocorreu entre 7 e 16 de abril de 2013³.

Cabe destacar que, dentro da perspectiva de procedimento de observação sistemática, “[...] o pesquisador sabe quais os aspectos da atividade do grupo que são significativos para os seus objetivos de pesquisa e, portanto, pode criar um plano específico, antes da coleta de dados, para a realização e o registro de observações” (SELLTIZ *et al.*, 1974, p. 247).

Portanto, apresentaremos no primeiro capítulo um levantamento sobre a história de Tucuruí, dando destaque aos grandes projetos que aconteceram no sudeste do Pará, e mostraremos a contextualização e a caracterização dessa cidade. No segundo capítulo, trataremos mais especificamente da comunidade Cajazeirinha, aqui estudada, desde sua formação, a partir da implantação da UHE Tucuruí até seu contexto atual, relacionando com as mediações socioculturais percebidas nesse lugar. No terceiro capítulo, demonstraremos um levantamento dos meios de comunicação tanto de Tucuruí quanto de Cajazeirinha, e os usos e apropriações de seus conteúdos nos processos comunicacionais das crianças dessa comunidade.

³ Os roteiros de entrevistas utilizados estão apresentados no Apêndice I e as dinâmicas realizadas com as crianças no Apêndice II desta dissertação.

Ressaltamos, ainda, que referenciais teóricos, embasados nos Estudos de Recepção Latino Americanos, mediações, interações sociais e processos comunicacionais são abordados a partir do segundo capítulo até o final desta pesquisa.

Por fim, o processo de pesquisa citado, ocorreu da maneira explicitada no quadro 1 apresentado a seguir.

Quadro 1 – Coleta dos dados da pesquisa empírica

DATA	MANHÃ	TARDE	FINAL DA TARDE/NOITE
07/04/2013 (Domingo)	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Articulação e contatos com os formadores de opinião. 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Articulação e contatos com os formadores de opinião. 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Articulação e contatos com os formadores de opinião.
08/04/2013 (Segunda)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Ida a escola, para conversar com a professora sobre a nova realidade dos alunos. • Verificar a composição amostral. • Atualizar informações sobre a comunidade em geral. • Agendar entrevista com a professora. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 1: uma mãe e duas crianças (Apêndice II). 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista com o líder de opinião 1 (Apêndice II). • Planejamento amostral a partir da nova realidade de pesquisa.
09/04/2013 (Terça)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Escola: entrevista com a professora. • Anotação geral sobre informações das crianças (nome dos pais, endereço das ilhas, agendamento de dois dias para as dinâmicas na escola). 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa bibliográfica e documental na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (buscar alguns dados pendentes na pesquisa). 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista com o líder de opinião 2. (casa em Tucuruí).
10/04/2013 (Quarta)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Escola: Dinâmica 1 com as crianças (Apêndice III). • Escola: Dinâmica 2 com as crianças. • Observação e entrevista com a família 2: uma mãe e uma criança. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 3: uma mãe e duas crianças. • Entrevista com o líder de opinião 3. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 4: uma mãe e uma criança. • Observação e entrevista com a família 5: uma mãe e duas crianças.
11/04/2013 (Quinta)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Escola: Dinâmica 3 com as crianças. • Escola: Dinâmica 4 (confraternização) com as crianças e pais. • Observação e entrevista com a família 6: uma mãe e duas crianças. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 7: uma mãe e duas crianças. • Observação e entrevista com a família 8: uma mãe e uma criança. 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Articulação e contatos com os demais formadores de opinião. • Organização geral da pesquisa de campo.
12/04/2013 (Sexta)	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Pontual pesquisa bibliográfica no IBGE (buscar alguns dados pendentes na pesquisa). 		Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista com líderes de opinião 4 e 5.
13/04/2013 (Sábado)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 9: uma mãe e duas crianças. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e entrevista com a família 10: uma mãe e uma criança. 	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação (final da tarde).
14/04/2013 (Domingo)	Cajazeirinha: <ul style="list-style-type: none"> • Observação e convivência. 		Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Organização geral da pesquisa.
15/04/2013 (Segunda)	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Entrevista com o padre. 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Observação sobre as emissoras de meios de comunicação. 	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Organização geral da pesquisa.
16/04/2013 (Terça)	Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Visita à UHE Tucuruí (para obter informações pontuais da obra e tirar dúvidas técnicas). 		Tucuruí: <ul style="list-style-type: none"> • Organização geral da pesquisa (retorno a Belém).

“Amanhecer.

Correr.

Emaranhar-se por entre os raios do sol.

Peito ofegante. Coração ardente.

A vida mais infinita do que o tempo.

Todo o universo cabendo em uma
beira do rio”

(João de Jesus Paes Loureiro)

Destino: Tucuruí

1 DESTINO: TUCURUÍ

Para uma reflexão sobre os processos de comunicação em Tucuruí, especificamente entre as crianças de uma comunidade do Lago da Usina Hidrelétrica (UHE) dessa cidade, chamada Cajazeirinha, é necessário compreender a história da cidade, não datando apenas sua criação, em 1947, mas desde as primeiras povoações. Precisamos perceber o contexto em que a UHE Tucuruí foi implantada (obra inaugurada em 22 de novembro de 1984), até chegar ao momento atual, em que moradores de ilhas, ainda, convivem, e se comunicam, com hábitos de comunidades tradicionais: prevalece a comunicação oral, de forma presencial.

Devemos recordar que, em 1621, o Brasil possuía uma distinta divisão geográfica. Havia duas colônias portuguesas na América, chamadas Estado do Maranhão e Grão-Pará e o Estado do Brasil (figura 1).

Figura 1: Divisão territorial do Brasil com duas Províncias: Estado do Maranhão (que abrangia o Grão-Pará) e Estado do Brasil, no século XVII.



O historiador Luiz Henrique Barros da Silva (s/d), morador de Tucuruí, destaca, em uma de suas obras, que até meados de 1772, “o Pará e o Amazonas faziam parte da

Província do Grão-Pará e São José do Rio Negro, quando em 1850, já no Império, passou a ter outra configuração política” (SILVA, s/d, p. 9). Mas isso não foi simples. Houve muitos conflitos e interesses, especialmente políticos, nessa conformação territorial. Portanto, somente no século XIX, houve a divisão política do Brasil, em 18 estados e, em 1850, ocorreu a separação da Província do Grão-Pará e São José do Rio Negro, que se tornaram Grão-Pará e Amazonas (figura 2).

Figura 2: Divisão territorial do Brasil com o Amazonas, após emancipação do Grão-Pará e São José do Rio Negro



Discorremos, até aqui, sobre dados históricos que contribuíram na constituição e divisão política atual, mas por não ser foco deste estudo as questões territoriais, avançamos no tempo para discutir a região onde está situada a comunidade de Cajazeirinha, na região Amazônica, lócus de nosso estudo.

As riquezas naturais da Amazônia, como os grandes rios e a sua variada fauna e flora, que formam a maior floresta tropical do mundo, a Floresta Amazônica atrai a atenção de muitos estados e países. Tucuruí, no sudeste do Pará, foi um dos pontos escolhidos na região amazônica para incrementar a economia do Brasil, primeiramente

com a Estrada de Ferro Tocantins (EFT) – que saía de Tucuruí até Jatobal no Km 117 – e depois com a Usina Hidrelétrica de Tucuruí – que, atualmente, possui capacidade instalada de 8.370 MW de potência de energia – importantes fatos que comentaremos no decorrer deste capítulo. A EFT operou, de forma sazonal, entre 1908 e 1939, e continuamente de 1939 a 1973, quando foi extinta por determinação de um decreto federal, porque parte de sua área ficaria submersa pela Hidrelétrica de Tucuruí.

A história de Tucuruí, desde a sua origem nativa, possui raras publicações. Por isso, há falta de precisão das informações sobre a região. Porém, alguns historiadores como Edmilson Rodrigues Maciel (2006) e Luiz Henrique Barros da Silva (s/d) têm uma mesma versão do processo de formação dessa cidade.

A população nativa estava ligada a três povos indígenas: Assurinís, Parakanãs e Gaviões da Montanha. Essas tribos, “com hábitos e culturas provavelmente nômades, se diferenciavam umas das outras, tanto étnicos, como linguísticos, e provavelmente o nome Tucuruí tenha surgido da linguagem de um desses povos” (MACIEL, 2006, p. 102).

Os Assurinís continuam em Tucuruí, nas proximidades do km 18 da Rodovia Transcarnatá, enquanto que as duas outras populações indígenas precisaram ser levadas para regiões vizinhas, devido à formação do Lago da UHE Tucuruí. Atualmente, os Parakanãs estão nas redondezas do município de Novo Repartimento, e os Gaviões da Montanha estão na cidade de Rio Maria.

Além das três tribos identificadas por Maciel (2006), que estão presentes na região desde a época da colonização, o professor Barros da Silva (s/d) identifica mais uma, que é a tribo dos Camutás, localizada “onde hoje se situa o município de Carnatá” (SILVA, s/d, p. 10).

A história de Tucuruí começa a ser relatada, basicamente, no século XVII, em 1625, quando Frei Cristóvão de Lisboa chegou à região, objetivando catequizar os índios (MACIEL, 2006, p. 2). Além das tribos indígenas que habitavam essa região, sua formação geográfica, provavelmente, facilitou o contrabando de ouro das minas, que ocorria na Província das Minas Gerais e de pedras preciosas de Goiás e Mato Grosso, para a Região Norte, por meio dos rios Araguaia e Tocantins.

Para abordar a história de Tucuruí, vamos apresentar trechos da vida do engenheiro e professor Ignácio Baptista de Moura que, em uma de suas obras, detalha a história de Alcobaca, antigo nome da cidade de Tucuruí. O engenheiro civil, Ignácio Baptista de Moura, nasceu em 31 de julho de 1857, em Carnatá, trabalhou na construção

da Estrada de Ferro de Bragança, em 1883, e foi deputado provincial, em 1885. Em 1890, foi designado para a Comissão de Legislação da Estrada de Ferro Norte do Brasil, e nessa função visitou Alcobaça (antiga denominação de Tucuruí), durante a construção da Estrada de Ferro Tocantins, no final do século XIX.

No livro de Ignácio Moura (1989), após a introdução, lemos a cronologia da vida desse engenheiro e professor viajante, a partir de fontes recolhidas pelos organizadores do projeto.

Professor em vários estabelecimentos de ensino, Ignácio Baptista de Moura pertenceu a associações científicas da Europa e dos Estados Unidos, foi presidente honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e membro de seus congêneres do Ceará, Pernambuco, Bahia, Amazonas, Acre, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Cego, foi dos primeiros a praticar a escrita Braille no Pará (MOURA, 1989, p. 24).

Ignácio Moura foi também escritor, publicou várias obras sobre Belém, o estado do Pará, a Amazônia e o Brasil. Esse autor, em 22 de maio de 1897, publicou, com apoio financeiro previsto pela Lei nº 513, o livro “De Belém a São João do Araguaia – Valle do Tocantins”, obra na qual ele reconhece o estado de Tocantins. Porém, os recursos que a lei estabelecia não foram liberados, e a publicação dessa obra aconteceu apenas em 1910, no Rio de Janeiro. E, é somente em 1989, pelo projeto “Lendo o Pará”, organizado pela Secretaria de Estado de Cultura (SECULT), que o governo paraense publicou essa obra.

No final do quinto capítulo da obra referida, Moura (1989) evidencia a história do início de Tucuruí. Antes denominada Vila de São Bernardo de Pederneiras, Tucuruí se resumia a uma tapera que, em 1781, o então governador do Pará, José Nápoles Telles de Menezes, havia mandado construir. A descrição do local mostra a que veio: “uma organização meio fiscal, meio militar, a fim de facilitar a navegação do rio, civilizar ou domar os índios das margens, impedir a fuga dos escravos e desertores do Pará para Goiás e cobrar os direitos do ouro que descia deste Estado” (MOURA, 1989, p. 156).

Segundo informações nos Inventários Turísticos de Tucuruí, de 1999 e 2010, nessa região havia um pequeno povoado, pertencente ao atual município de Baião, que abrigava cerca de 300 escravos fugitivos dos engenhos de cana-de-açúcar, lavouras de cacau e algodão das povoações de Abaetetuba, Igarapé-Mirim, Barcarena e, principalmente, de Cametá. O local ficava sob a responsabilidade de Felipa Maria Aranha, uma mulher que comandava esses negros fugitivos (TUCURUÍ, 1999; 2010). Em uma reportagem intitulada “Governadora da República”, publicada na revista

Desafio (2007), de Tucuruí, é apresentada a história desse mocambo, que era governado por Felipa Maria Aranha.

Os negros que haviam fugido da escravidão viviam em uma verdadeira república, inclusive, com uma jurisdição policial por eles criada, praticando uma agricultura de subsistência e é a partir daquele Mocambo que se inicia a história do atual município de Tucuruí, mas os primeiros fatos históricos que se têm registros da cidade e do município de Tucuruí datam de 1781, quando a Vila de Pederneiras foi fundada pelo Governador José Nápoles Telles de Menezes (DESAFIO, 2007, p. 9).

Silva (s/d) relata que, em 1782, para facilitar o trabalho de fiscalização, o governador Telles de Menezes mandou construir o Forte da Faxina ou Forte Nossa Senhora de Nazaré, com objetivos fiscal e militar.

A denominação, Vila de São Bernardo de Pederneiras, também conhecida por Pederneiras, é devida ao “grande número de pedras de fuzil, que alastram a zona desta região e que eram utilizadas como espoletas nas espingardas antigas” (MOURA, 1989, p. 158).

Figura 3: Vila de São Bernardo de Pederneiras (conhecida como Pederneira)



Fonte: Maciel (2006, p. 3).

Aproximadamente um século depois da instalação da Vila de São Bernardo de Pederneiras, em 31 de outubro de 1870, ela passa à condição de Freguesia, denominada então Freguesia de São Pedro de Alcântara, pela Lei nº 661. Cinco anos depois, a Lei nº 839, de 19 de abril de 1875, mudou o último nome do local, que ficou denominado Freguesia de São Pedro de Alcobaça, durante o governo de Francisco Maia Correia de Sá e Benevides, que dirigiu o estado no período de 1875 a 1876 (SILVA, s/d).

Alcobaça, como ficou popularmente conhecida, foi alvo de ataque dos índios Assurinís do Trocará, em 1894, que se sentiam ameaçados pela população local. O que, provavelmente, impulsionou esse massacre, foi o fato dos colonizadores:

[...] destruírem as matas com a derrubada das árvores, as queimadas para limpeza do terreno, e também os colonizadores se alimentavam de animais, pois ainda não havia uma criação de bovinos que suprisse as necessidades da população da Vila de Alcobaça e povoações adjacentes (SILVA, s/d, p. 12).

O historiador Maciel (2006) afirma, entretanto, que Alcobaça foi logo reerguida, devido a importância do Forte da Faxina de Nossa Senhora de Nazaré, que visava controlar, basicamente, o contrabando de ouro de regiões vizinhas.

1.1 A Estrada de Ferro Tocantins

A Freguesia de São Pedro de Alcobaça, um ano após o massacre citado, mais especificamente em 1895, passa a fazer parte das povoações que ficariam na rota escolhida pelo Governo Federal para construir a Estrada de Ferro Tocantins (EFT), o que fez aumentar o fluxo de pessoas para a região.

[...] no decorrer dos anos o vilarejo já era conhecido em toda a região como Alcobaça e sua população contava com cerca de mil habitantes, principalmente devido a notícia que se espalhou da construção de uma ferrovia na região, e para aqui vieram pessoas de outras povoações e de outras partes do Brasil (SILVA, s/d, p.12).

A autorização para construção da EFT ocorreu no início do Brasil República, e a empresa responsável, Companhia de Navegação e Férrea Araguaia Tocantins, instalou-se em Alcobaça, onde logo ergueu alojamentos para os trabalhadores da ferrovia. O objetivo dessa estrada de ferro era viabilizar a navegação e a comunicação de regiões do Médio e Alto Tocantins com o restante do Brasil, pois o trecho do rio Tocantins, entre Tucuruí e Marabá, não era navegável, devido às corredeiras que havia das proximidades de Tucuruí, à época Alcobaça, até a antiga Vila de Jatobal: “Itaboca e Capitariquera com muitos canais e rebojos a transpor, como o Engenho de Ferro, do Virgílio, canal das Três Pedras, Furo das Moças ou das Velhas, Correirinha, Rebojo do Bacuri e Pancada do Herculano” (SILVA, s/d, p. 28).

O historiador citado afirma que, inicialmente, a ferrovia havia sido planejada para ir de Alcobaça, no Pará, até Boa Vista do Padre João, em Goiás, onde hoje é a cidade de Tocantinópolis, no Estado de Tocantins. “A construção da ferrovia contemplava o sonho de seu idealizador, deputado e ex-governador das Províncias de Mato Grosso e

Goiás, Couto de Magalhães, considerado pelos historiadores como o maior navegador e estudioso dos rios Araguaia e Tocantins” (SILVA, s/d, p. 29).

O projeto do empreendimento passou por várias mudanças, por falta de recursos federais e conhecimento prévio da região para sua execução. Por esse motivo, o projeto da ferrovia, que iria até Goiás, foi modificado. A extensão da estrada passou a 175 quilômetros, indo de Alcobaça até a Praia da Rainha, porém só foi construído o trecho até a vila de Jatobal, então município de Itupiranga, que não existe mais, pois foi inundada durante o enchimento do Lago da UHE Tucuruí.

O engenheiro e professor Ignácio Moura, que tinha publicado a obra “Memória sobre Estradas de Ferro para o Norte do Brasil”, escrita em 1882, quando se formou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, já profetizava algumas ferrovias, e indicava que precisavam ser feitas, com urgência, as Estradas de Ferro de Alcobaça e a de Mamoré.

Esse mesmo professor visitou as obras da ferrovia de Alcobaça, após dois anos do início de sua construção, na função de fiscal do Governo Federal. Ao chegar a Alcobaça, hoje Tucuruí, ele conta: “Pela madrugada, chegamos ao porto de Alcobaça, e, quando acordamos, já a lancha estava atracada ao barranco do lugar, que será um dia o porto da mais importante cidade do Tocantins” (MOURA, 1989, p. 159).

Em Alcobaça, Moura conta que havia um casarão de madeira, coberto com folhas de zinco, que era o escritório e residência dos funcionários da administração e técnicos da estrada de ferro, que àquela época tinha sido “transformada em Companhia das Estradas de Ferro do Norte do Brasil” (MOURA, 1989, p. 160), devido à falência da Companhia de Navegação e Férrea Araguaia Tocantins.

Silva (s/d, p. 29) recorda, que a Companhia das Estradas de Ferro do Norte do Brasil também faliu, o que fez a obra estancar e obrigou o repasse dos bens da construtora para um depositário judicial. No entanto, sem fiscalização, as propriedades foram saqueadas, e a ferrovia passou à responsabilidade do Ministério da Agricultura. “Durante o governo do presidente Epitácio Pessoa, em 1920, através do Decreto nº 14.369, o Governo Federal declarou a caducidade da concessão da Companhia falida, e a União, em hasta pública de leilão, arrematou a ferrovia dois anos depois” (SILVA, s/d, p. 29).

Em 1925, de acordo com o professor Luiz Silva, a ferrovia foi arrematada pelo governo do Pará, porém, em consequência de uma crise financeira, a obra não foi desenvolvida e o direito de concessão passou a ser de pessoas que utilizavam a via férrea por interesses pessoais. “Em 1927, no governo de Dionísio Bentes, foi feita uma

tentativa de remodelação da ferrovia e a construção foi retomada, permitindo que sua extensão, que estacionara no quilômetro 82, chegasse até a Praia da Rainha, como o fora planejada” (SILVA, s/d, p. 29).

O relato do engenheiro Moura (1989) ressalta alguns fatos que ocorreram durante a obra da ferrovia, que resultaram em mais atraso no andamento do projeto: a falta de recursos financeiros, que mais tarde foram possibilitados pela França, além da presença de doenças, principalmente a malária, que acometiam vários trabalhadores. Uma das vítimas foi o engenheiro alemão Shwasser, que morreu na região e nela foi enterrado, inaugurando, formalmente, o primeiro cemitério de Tucuruí, ainda Alcobaça.

A falta de conhecimento da região foi um dos pontos mais abordados pelo fiscal do Governo, o professor Ignácio Moura, que gostaria de ter visto o projeto antes de ser liberado. Moura (1989), afirma que a escolha do lugar, para ser ponto inicial da importante Estrada de Ferro Tocantins (EFT), deveria ter sido mais bem pensada, podendo ser dois ou três quilômetros abaixo, onde o rio é mais largo e o ancoradouro mais fundo e mais livre. A partir desses aspectos, o professor descreve a região de Alcobaça, naquele final de século.

Alcobaça é uma localidade triste; o rio aperta-se entre a ilha dos Santos, de uma e de outra margem, o que não só acabrunha o espírito do explorador, como fará continuamente variar o canal da navegação, que deveria ser bem franco, para permitir a atracação de grandes paquetes na baldeação das cargas chegadas nos carros da futura via-férrea, e que devem ser transportadas dali para os mercados de Belém, da América e Europa (MOURA, 1989, p. 162).

As obras da EFT eram executadas lentamente e ocorreram muitos embargos provocados pelos sindicatos, porém alguns engenheiros não mediram esforços para ajudar na construção da ferrovia, como os engenheiros Amynthas Lemos e Charles de Coppet, destacados por Moura (1989), que se considera como uma das pessoas que lutaram por esse objetivo.

Em qualquer tempo em que se tiver de festejar a inauguração do tráfego daquela grandiosa via férrea, hão de me dar, por força, uma parte das suas glórias, desde que fui eu um dos engenheiros que mais propugnaram, em todos os terrenos da atividade social, para a sua feliz e mais imediata conclusão (MOURA, 1989, p. 163).

O engenheiro, enquanto fiscal, ao analisar os planos da EFT, relatou como estava o projeto e o que mudaria, para um desenvolvimento mais viável da obra.

O traçado corre sempre junto à barranca do rio, descrevendo quase todo o arco da curvatura do Tocantins, desde Alcobaça até a Praia da Rainha, com cerca de 175 quilômetros de desenvolvimento; a meu ver, a linha devia correr mais para o centro, unindo quase diretamente os dois pontos extremos, o que

não só diminuiria de muitos quilômetros o percurso, e, por conseguinte, menos garantia de juros, como também faria evitar o maior número de obras d'arte, pontes ou pontilhões, pois que, seguindo pela beirada, corta todos os afluentes daquela margem, na foz ou na maior largura, e em alguns, que têm deltas, como o rio do Maranhão, corta em dois pontos (MOURA, 1989, p. 164).

Entre outros problemas, observados por Moura, no plano aprovado para a realização da ferrovia, destaca-se a escolha do ponto inicial, a Vila de Alcobaça. Situada cerca de 30 metros antes do profundo igarapé Santos, obrigou a construção, pela empresa, de “uma ponte caríssima e dispendiosa, quando isso poderia ser obviado fazendo começar a estrada depois desse igarapé, o que diminuiria o custo do primeiro quilômetro de três quartas partes do valor da sua conclusão” (MOURA, 1989, p. 168).

Os motivos que desaceleravam as obras não paravam por aí. O engenheiro Moura observa que um dos pontos principais, quando se pensa em explorar uma via férrea, é a colonização da região. Ela precisa ter um povoamento condensado, com condições de higiene, de salubridade do solo, de conservação e de aproveitamento da vida, dos maiores ou dos menores lucros físicos e sociais. Moura (1989, p.169), então, acrescenta que as margens do Rio Tocantins eram, praticamente, verdadeiros desertos. “Entre Alcobaça e a Praia da Rainha, em um arco de rio largo, em grande parte navegável, com terras feracíssimas, castanhais e cauchais, em uma distância de 165 quilômetros, não se chega a contar mil habitantes!” (MOURA, 1989, p. 169).

Dessa maneira, Moura remete ao grande território, de floresta e rios não explorados na região, que surpreenderia a estrangeiros e nacionais de outros estados ao se depararem com a natureza daquele lugar. Retomadas as obras da estrada, face ao despovoamento da região, os trabalhadores começaram a desbravar um pouco mais para o interior da floresta, quando foram surpreendidos por alguns índios, os quais não os mataram, apenas marcaram a região acertando-os com flechas. O autor afirma que – um índio “adomesticado” e mais uns quatro trabalhadores, ficaram uma semana explorando o interior da floresta – e não encontraram mais silvícolas, assim, prosseguiram na empreitada sem outro ataque indígena (MOURA, 1989, p. 169).

Seguindo a cronologia da história de Tucuruí, quando ainda era Alcobaça, no período em que foram retomadas, no km 82, as obras da construção da EFT, em 1928 houve o desabamento da ponte do rio Pucuruí, localizada no km 67, obrigando a uma interdição naquele ponto da linha férrea, interrompendo o tráfego entre Alcobaça e o ponto já construído no km 82. Este fato, relata o historiador Luiz Silva (s/d), desanimou

a população da Vila de Alcobaça e das povoações por onde passava a via, pois afetava a economia daquela região. “(...) O interventor do Pará (estamos na Era Vargas), Joaquim Cardoso de Magalhães Barata, solicitou ao Governo Federal a rescisão de contrato de arrendamento entre nosso Estado e a União” (SILVA, s/d, p. 30).

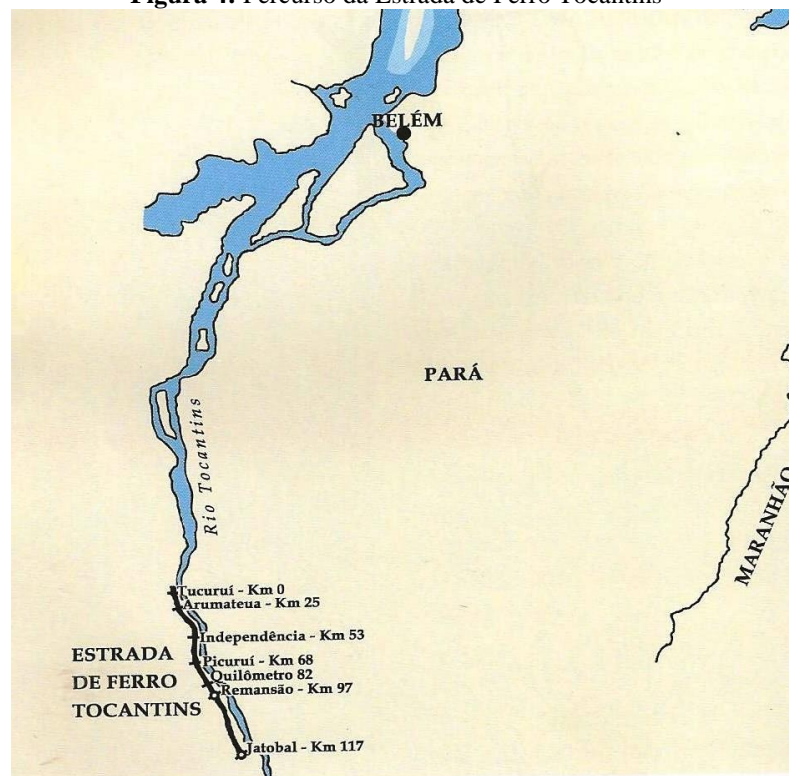
Nessa situação, a administração da ferrovia passou para a Inspeção Federal de Estradas que, em 1938, por meio do Decreto nº 234, de 2 de fevereiro do mesmo ano, passou a administrar a ferrovia com rigor, tanto que no ano seguinte, 1939, colocou alguns trens para trafegar. O historiador acrescenta:

A partir daquele período, o Governo Federal cuidou de investir dinheiro na ferrovia, em quantias que variaram de 200.000.000 a 600.000.000, chegando depois cerca de 2.000.000.000 (em réis), de crédito especial para a reconstrução e prolongamento dos trilhos até o porto de Jatobal no quilômetro 127 ou 118 (os dados oficiais coletados na Superintendência da Revista Ferroviária, de 1956, dão 118 quilômetros, outras fontes de apostilas divulgadas por instituições da Prefeitura Municipal de Tucuruí, contabilizam 117 quilômetros). Nesse período foram realizados serviços de limpeza das laterais da ferrovia e dos trilhos que tinham sido tomados pelo mato rasteiro (SILVA, s/d, p. 30).

O professor ressalta, ainda, que nesse tempo foram reconstruídas algumas obras, como a rodovia Couto de Magalhães, a ponte do rio Pucuruí e foram substituídos 30% dos dormentes dos trilhos da ferrovia. Foi por esse tempo que Alcobaça recebe a denominação Tucuruí, em 30 de dezembro de 1943, pelo Decreto Lei nº 4.505. No ano seguinte, em 19 de abril de 1944, por meio do Decreto nº 7.173, a administração da EFT passa para a responsabilidade da Fundação Brasil Central, de ferrovias. “E, em 1946, os trilhos chegaram ao porto Jatobal, local onde a via férrea foi dada como concluída” (SILVA, s/d, p. 30). O historiador Maciel (2006) também registra essa data, afirmando que mais de “cinquenta anos depois do início da construção, finalmente em 19 de setembro de 1946 chegou a primeira locomotiva” (MACIEL, 2006, p. 104). Portanto, nessa época alcançou-se o objetivo inicial do projeto da EFT, iniciado em 1890, que era transpor as cachoeiras do rio Tocantins, entre Tucuruí e Marabá, e ligar Belém a Goiás, isto é, uma meta planejada nacionalmente.

Em 1946, Silva (s/d) destaca, conforme consta no inventário da EFT, que a ferrovia já contava com:

[...] 5 locomotivas (sendo que duas delas tinham sido deslocadas da Estrada de Ferro Bragança, que estava sob a direção da EFT), 2 carros de passageiros, 4 vagões para transporte de mercadorias, 4 vagões de transporte de animais, 4 gôndolas e 6 plataformas, possuindo ainda chassis para a construção de mais 12 veículos. As locomotivas eram movidas a carvão e lenha e eram apelidadas de ‘Marias Fumaças’ (SILVA, s/d, p. 30).

Figura 4: Percurso da Estrada de Ferro Tocantins

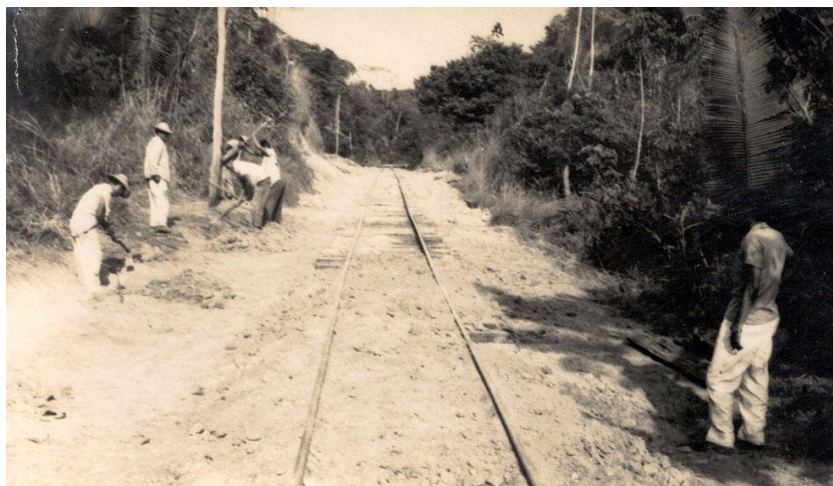
Fonte: Eletronorte (2004, p. 64).

No ano seguinte, em 31 de dezembro de 1947, o governador do Pará, Luiz Geolás de Moura Carvalho, através da Lei nº 62, artigo 36, concedeu a municipalização de Tucuruí, desligando-a do município de Baião. A primeira eleição municipal ocorreu em 1948, da data de emancipação, que os tucuruieenses comemoram como o aniversário da cidade, deixando de lado a história de sua formação original.

Ainda em 1948, no último dia do ano, foi publicada a Lei nº 158, criando o Distrito de Remansão (atualmente inundado pelo Lago de Tucuruí), que ficou como anexo ao município de Tucuruí.

Os resultados iniciais dessa obra quinquagenária – a EFT – foram percebidos logo no início da trajetória do município, como se constata no relato publicado na revista Desafio (2007).

Os reflexos do prolongamento da Estrada de Ferro até Jatobal, com 117 Km, foram altamente positivos para o distrito de Tucuruí, uma vez que ganhou um hospital e uma escola na sede ao longo da linha férrea. Tudo isso fortaleceu a economia do município, pois Tucuruí tornou-se ponto estrategicamente importante entre Belém, Goiás e o Sertão do Maranhão. Aqui se armazenava mercadorias de Belém para as regiões Nordeste e Centro-Oeste. Em função de todos esses fatores, Tucuruí aumentou sua população e, por conseguinte, sua arrecadação de imposto ultrapassou a da própria sede que era Baião (DESAFIO, 2007, p. 11).

Figura 5: Trabalhadores fazendo manutenção na EFT

Fonte: Maciel (2006, p. 6).

Mais de uma década depois, houve uma divisão territorial, em 1º de julho de 1960, que oficializou o município composto de dois Distritos: Tucuruí e Remansão. E, mesmo com toda a relevância que a Estrada de Ferro Tocantins tinha para Tucuruí, ela foi desativada. Com o advento do Regime Militar de 1964, “o Decreto nº 58.962/66, do Governo Federal determinava que todas as ferrovias antieconômicas deveriam ser substituídas por rodovias, no caso da EFT, pela rodovia BR-135” (SILVA, s/d, p. 30). Em 1970, Tucuruí já estava interligada com a rodovia Transamazônica, o que possibilitou outras opções de transportes. Assim, em 17 de novembro de 1973, exatamente 27 anos após sua inauguração, a EFT foi desativada, pela portaria nº 257/73.

Em 1974, os trilhos foram arrancados definitivamente dos dormentes. Todos os moradores da cidade, de crianças a pessoas idosas, servidores federais da ferrovia ou não ficaram como que consternados e saudosos da antiga EFT, do apito de suas locomotivas, do movimento de passageiros na “estação de trens”, de pessoas que diariamente se dirigiam para aquele local para se despedirem daqueles que partiam para outras cidades ou para receber parentes em visita, ou mesmo de outras pessoas que aqui chegavam em busca de outras oportunidades. Todos sentiram um aperto em seus corações. Um vazio imenso deixado pela desativação da Estrada de Ferro Tocantins. Assim, por quase 80 anos depois de seu nascimento estava extinta a velha ferrovia (SILVA, s/d, p. 31).

A Estrada de Ferro Tocantins desapareceu, e, em parte, o espaço por onde trafegavam os trens foi ocupado pela BR 422, que, atualmente, interliga a cidade de Tucuruí à Vila Permanente¹. Essa é uma grande lacuna na memória da cidade,

¹ Vila construída pela Eletronorte após a inauguração da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, que será apresentada neste trabalho mais a frente.

considerando que foram retirados os objetos que marcavam essa região, restando apenas uma das locomotivas, na vila da Eletronorte.

Figura 6: Locomotiva Maria Fumaça, no Centro Cultural da Vila da UHE de Tucuruí



Fonte: Autora (2013)

Dos lugares e objetos que marcaram a ferrovia, pouco sobrou dessa história, como se pode notar no trecho a seguir:

A estação virou mercado, a única das locomotivas que restou está “exposta” no Parque Ecológico da Eletronorte, o que dificulta o acesso da comunidade, estudantes e turistas, e algumas casas remanescentes, hoje são residências particulares de ex-funcionários da Estrada de Ferro. A via férrea por onde passava, hoje é a rua Santo Antônio. A ponte sobre o Igarapé Santana, oriunda da Inglaterra, foi removida para dar lugar a uma de concreto que suportasse o tráfego daquela avenida. Quem chega hoje em Tucuruí não encontra nenhum elemento que lembre o ponto inicial de construção da cidade – a Estrada de Ferro – ou algo que a ela remeta (DESAFIO, 2007, p. 13).

Figura 7: Antigo escritório da ferrovia Estrada de Ferro Tocantins, atual Secretaria de Educação do Município



Fonte: Cidade de Tucuruí (2012).

O que resta de lembrança dessa obra, são os lamentos dos saudosistas, que se identificam com o poema escrito pelo antigo morador de Tucuruí, Martinho Trajano Brandão, publicado no jornal “O Estado de Carajás” (SILVA, s/d, p. 32).

A despedida da Estrada de Ferro Tocantins

(Martinho Trajano Brandão)

<p>I Adeus antiga Alcobaça, Adeus também Tucuruí; Pois todos devem saber Da minha existência aqui Hoje, como despedida, Nesta hora vou sair.</p>	<p>V Há muito eu vinha sentindo O término do meu caminho. As grandes ingratidões, Que vinham fazendo de mim, Até que nesta data Estou chegando ao fim.</p>
<p>II Há mais de oitenta anos, Que operei neste lugar, Nunca ofendi ninguém, Só procurei amparar, Sempre procurando mais Para todos trabalhar.</p>	<p>VI Para não prolongar mais A história da minha vida Pois, quero abraçar a todos Na hora da despedida.</p>
<p>III Fui amiga de todos Habitantes deste lugar, No que podia dar; Incluindo crianças Que ajudei a criar.</p>	<p>VII Não quero mais sair assim Vou prorrogar a narração Para também despedir-me De todos as minhas estações Como sejam: Km 25, Breu Branco, Tucuruí, Jatobal e Remansão.</p>
<p>IV Os únicos funcionários, A todos queria bem, Os tratava da melhor forma Não distinguindo ninguém, O que de bom fazia a um Fazia ao outro também...</p>	<p>VIII Adeus, adeus, minha gente, Que agora chegou ao fim; Também, chegou o momento Que muitos choram por mim Aqui fica o último adeus, Da Estrada de Ferro Tocantins.</p>

Na mesma época do encerramento das atividades da EFT, o Governo Federal já havia lançado, na década de 1970, o Programa de Integração Nacional das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com o objetivo de construir um amplo parque industrial e ocupar todo o território nacional, principalmente a região da Amazônia Legal.

1.2 Eis uma nova cidade na Amazônia: Tucuruí

Como já comentamos, a região de Alcobaça passou a denominar-se Tucuruí e sua emancipação ocorreu em 31 de dezembro de 1947, por ato do governador do Pará, Luiz Geolás de Moura Carvalho, através da Lei nº 62, artigo 36, que concedeu a municipalização de Tucuruí, desligando-o do município de Baião.

No ano seguinte, em 13 de maio de 1948, houve a primeira eleição em Tucuruí, com a instalação da Câmara Municipal no final daquele mesmo mês. Em 31 de dezembro de 1948 foi criado o Distrito de Remansão, anexo à cidade de Tucuruí, inundado pelo lago de Tucuruí, durante a construção da Usina Hidrelétrica. No final do século XX, a cidade registrava apenas 2.448 habitantes. “A população se concentrava na sede da cidade e nas vilas de Breu Branco, Remansão e Jatobal. Próximo de Tucuruí existiam ainda os Distritos de Nazaré dos Patos e Muru, mas ambos com menos de 100 habitantes no total” (MACIEL, 2006, p. 4).

Com a emancipação política, desmembrou-se Tucuruí de Baião, sendo nomeado para prefeito no novo município o Sr. Alexandre José Francês, o “Mímico”. [...] A Câmara Municipal reuniu-se pela primeira vez para eleger sua Mesa Diretora no dia 29 de maio de 1948, e ficou constituída pelo vice-prefeito Nicolau Zumero como presidente, José Aristeu dos Prazeres como vice-presidente, Vital Ferreira de Vasconcelos como Primeiro Secretário e José Nery Torres como Segundo Secretário. Como a instalação do município fora feita por Pretor, no exercício de Juiz de Direito de Cametá, em desacordo com dispositivos legais, foi determinado pelo Tribunal de Justiça do Estado, a vinda de um Juiz de Direito, o Desembargador Agnado Monteiro Lopes. Foi instalada neste mesmo a Comarca de Tucuruí (DESAFIO, 2007, p. 20).

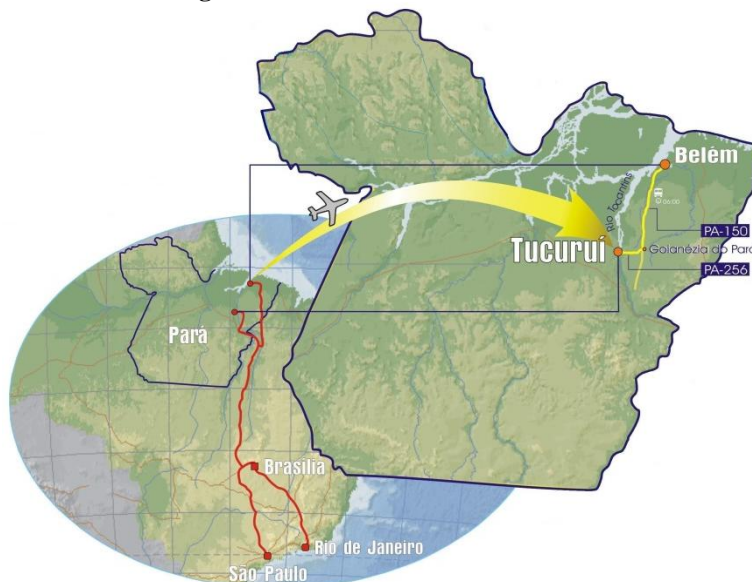
No início de funcionamento como município, a economia de Tucuruí era oriunda, basicamente, da madeira e da comercialização da castanha-do-pará, chegando “a exportar, em 1956, mais de 3 mil hectolitros do produto por ano, ou seja, mais de 300 mil litros do fruto” (MACIEL, 2006, p. 4), e as mercadorias consumidas pela população eram importadas de outros estados, característica esta que vem mudando, visto que,

atualmente, alguns gêneros alimentícios, como leite, queijo, arroz e peixe são produzidos no próprio município.

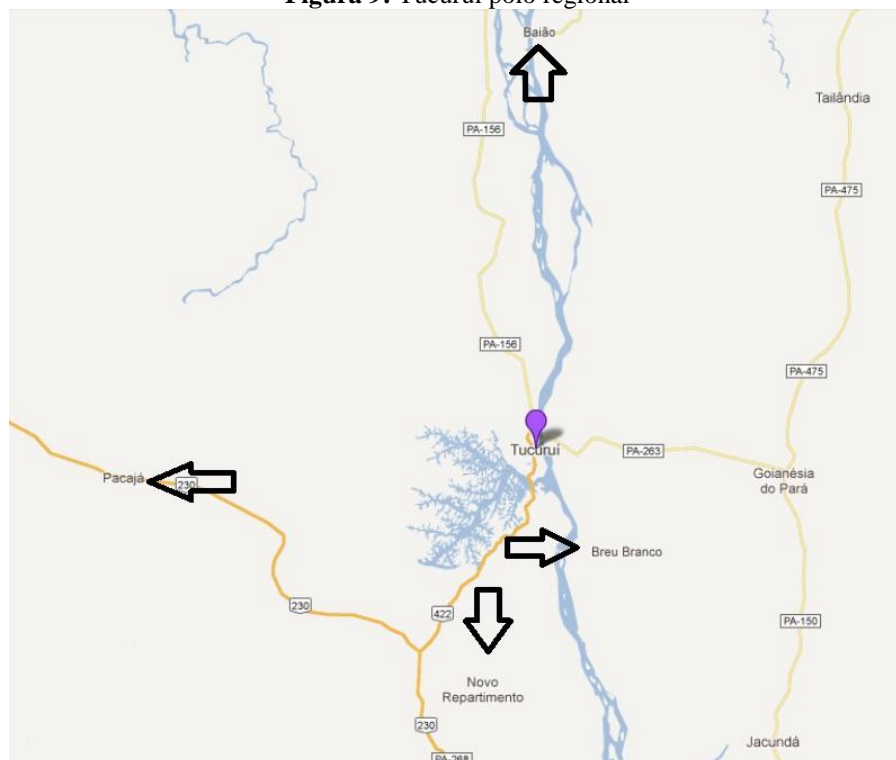
Atualmente, Tucuruí é conhecida como a “capital da energia”, situa-se às margens do rio Tocantins, na Amazônia Brasileira, e distancia-se da capital do estado (Belém) cerca de 390 km por via terrestre, 400 km por via fluvial e 285 km por via aérea. O município possui uma área de 2.086,2 km² e localiza-se na mesorregião sudeste do Pará e na microrregião de Tucuruí, zona do alto Tocantins, à margem esquerda do rio (MACIEL, 2006, p. 112).

Ela exerce a função de polo regional e possui a maior população da região, com 97.128 habitantes, e a maior densidade demográfica com 46,6 hab/km² em uma área de 2.086,2 km², de acordo com o Censo do IBGE em 2010. Sobre a população urbana, registram-se 92.442 habitantes e 4.686 na zona rural. (IBGE, 2011). A sede do município está localizada nas coordenadas geográficas: 03°40' a 05° de latitude Sul e 49°10' a 50° de latitude Oeste, limita-se ao Norte com Baião, ao Sul com Novo Repartimento, ao Leste com Breu Branco e a Oeste com Pacajá (MACIEL, 2006, p. 112).

Figura 8: Tucuruí situa-se no sudeste do Pará



Fonte: Inventário do potencial turístico (TUCURUÍ, 2010, p. 10)

Figura 9: Tucuruí polo regional

Em Tucuruí, os dois igarapés, Santos e Santana, que cortam a cidade encontram-se poluídos, fato ocasionado pelos próprios moradores, que despejam resíduos sólidos nesses riachos. As ruas da cidade são asfaltadas, iluminadas e as calçadas irregulares. As lojas comerciais situam-se, em maior parte, no centro da cidade, e há algumas indústrias instaladas.

As casas residenciais distribuem-se pelos vários bairros, entre os principais destacam-se: Alto Alegre, Beira Rio, Bela Vista, Cohab, Colinas, Getat, Jaqueira, Jardim Colorado, Jardim Marilucy, Jardim Paraíso, Liberdade, Matinha, Mangal, Nova Conquista, Nova Tucuruí, Palmares, Paravoá, Pimental, São Francisco, Santa Isabel, Santa Mônica e São Sebastião, além da Vila da Eletronorte.

1.3 Símbolos de Tucuruí

A cidade de Tucuruí é marcada por alguns símbolos bem característicos, como a Usina Hidrelétrica e um trem, que remetem à geração de energia e à Estrada de Ferro Tocantins, respectivamente. As águas, também, estão presentes no imaginário dessa cidade, tanto que a palavra Tucuruí, na linguagem indígena, quer dizer “Rio das Formigas” ou “Rio dos Gafanhotos”. Mas o significado é contestado por historiadores,

como Edmilson Rodrigues Maciel (2006) e Luiz Henrique Barros da Silva (s/d), que consideram o nome da cidade devedor às águas frias do rio Tocantins e dos Igarapés Santos e Santana. “É de suas águas que vem a origem do nome da cidade que foi escolhida para também sediar a barragem formadora do Lago [...]” (MACIEL, 2006, p. 1). O professor Luiz Silva (s/d) corrobora essa ideia, ao afirmar que:

[...] Com fundamento na obra ‘Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, de Luiz Carlos Tibiriçá’, a palavra Tucuruí viria de Tycu-roy = líquido frio, gelado. Essa definição é tida como a mais aceitável. Haja vista que, nas imediações da cidade, os rios e os igarapés são de águas frías (SILVA, s/d, p. 10).

Além da Usina Hidrelétrica dessa cidade e da Maria Fumaça², que é a única relíquia da Estrada de Ferro Tocantins que ainda se encontra em Tucuruí, marcam também esse município, a bandeira, o brasão e o hino, este último criado pelo Padre Mateus, com melodia de João Leite.

A Bandeira de Tucuruí (figura 10) é caracterizada por uma faixa branca do lado superior esquerdo para o lado inferior direito, que remete à paz mundial. No início da faixa, há um quadrado com uma estrela vermelha que simboliza a cidade. Na parte interna da estrela, o desenho da usina hidrelétrica e, ao redor, a frase “Nós confiamos em Deus”³, que representa a fé dessa população.

As cores da bandeira: verde, azul celeste e o amarelo fazem alusão, respectivamente, à floresta amazônica, a água do rio Tocantins e a energia elétrica gerada nessa cidade (DESAFIO, 2007, p. 37).

O brasão de Tucuruí (figura 11), marcado pelas cores vermelha e azul, traz em seu centro três símbolos: a usina hidrelétrica de Tucuruí, na parte superior, que é a principal fonte geradora de economia na cidade; um boi, no lado esquerdo, que representa a pecuária, que por muito tempo se destacou no município; e um trem, no lado direito, que lembra a Estrada de Ferro Tocantins. Assim como na bandeira, há a frase “Nós Confiamos em Deus” na parte inferior do brasão, como também uma estrela, no alto do brasão. Abaixo da estrela, a frase “Tucuruí: Capital da Energia”, representando o orgulho dos tucuruenses em produzir energia elétrica para grande parte do Norte e Nordeste do país, além de situar a cidade como uma capital, significando o desenvolvimento que houve com a chegada da hidrelétrica.

² Nome dado pelos moradores de Tucuruí para o trem da Estrada de Ferro Tocantins. Atualmente, uma pequena parte desse trem encontra-se nessa cidade, no Centro Cultural da Vila Permanente (figura 6).

³ Embora não tenhamos encontrado nenhuma associação que confirme, entendemos que essa frase remete ao lema nacional dos Estados Unidos e do estado da Flórida: “In God we trust”.

Figura 10: Bandeira de Tucuruí**Figura 11:** Brasão de Tucuruí**Hino de Tucuruí**

Letra: Padre Mateus

Música: João Leite

Tucuruí, cidade querida
 Cheia de encanto, luz e calor
 Teus filhos se empenham na lida,
 Com coragem, com fé e grande amor
 (Coro)

Tucuruí, Tucuruí,
 Dedicamos-te louvor
 O fulgor de tuas matas
 Irradia luz e amor.

Saudamos os teus pioneiros
 Que com denodo varonil
 Trabalham felizes altaneiros,
 Pela paz e grandeza do Brasil.
 (Coro)

Nas lutas constantes da vida,
 Muitos heróis se erguem à ti
 Trabalhando por um mundo melhor,
 Por vir do Brasil, Tucuruí.
 (Coro)

Tucuruí, nome indígena,
 Cidade que oferece tradição,
 Seja sempre teu solo querido,
 Mundo de paz de amor e união.
 (Coro)

1.4 O Projeto de uma Hidrelétrica em Tucuruí

Em Tucuruí, logo depois da desativação da Estrada de Ferro Tocantins, no final da década de 70, no século XX, o Governo Federal iniciou estudos para implantar uma usina hidrelétrica na região. Vale destacar que, essa cidade possui uma das maiores Usinas Hidrelétricas (UHE) do mundo, haja vista sua capacidade instalada de 8.370MW de potência de energia, a partir de duas Casas de Forças⁴.

As obras da UHE Tucuruí foram iniciadas em 24 de novembro de 1975, durante o regime militar no Brasil, e a usina foi inaugurada, oficialmente, em 22 de novembro de 1984. O objetivo era produzir energia para o Programa Grande Carajás e projetos industriais (PINHEIRO, 2007, p. 46), visando atender as demandas energéticas de algumas empresas como ALBRÁS/ALUNORTE, em Barcarena, no Pará; e Alumínio do Maranhão (ALUMAR), no estado do Maranhão, além de pretender integrar a Amazônia ao restante do país.

Cabe destacar, que a implementação de grandes projetos na Amazônia foi resultado da política de integração desse vasto território, patrocinada pelo governo federal. Para o Governo, a energia era estratégica e decisiva para a ocupação espacial. Ressaltamos, também, que a implantação desses projetos, como o da hidrelétrica, incentivavam a migração de contingentes populacionais de outras regiões em busca de melhores condições de vida.

A Amazônia, por muito tempo, foi apresentada a partir de um imaginário divulgado por viajantes estrangeiros, que caracterizaram a região como um cenário exótico, com grandes rios, fauna e flora exuberantes e povoada por índios. A partir da caracterização da região como sendo vasta e atrativa, Clara Pandolfo (1994) apresenta a Amazônia como um continente, isto é, uma mega região, sendo que o Brasil detém grande parte desse continente, pois a parte brasileira conta com uma superfície estimada em torno de 7,5 milhões de km², o que representa 44% do território sul-americano.

Essa autora situa a Amazônia brasileira “[...] no extremo setentrional da América do Sul, quase no centro do continente americano, estendendo-se ao longo da linha do equador, com maior predominância para o lado do Hemisfério Sul e abrangendo terra de vários países” (PANDOLFO, 1994, p. 32).

⁴ A Casa de Força da UHE Tucuruí, lugar em que ficam as máquinas que controlam o sistema de vertedouros da usina, foi construída em duas etapas. Atualmente, a Usina possui capacidade para gerar 8.370 MW, que faz desta hidrelétrica a maior, genuinamente brasileira, e a quarta do mundo (ELETRONORTE, 2012a).

Paes Loureiro (1995) acrescenta que a Amazônia, a maior bacia hidrográfica do mundo, é o último grande patrimônio de reserva biológica do mundo, “com espécies ainda não identificadas cientificamente; encerra uma imensa reserva de recursos minerais, alguns dos quais em fase de rápida extinção” (LOUREIRO, 1995, p. 429-430).

A Amazônia é integrada pela Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, República da Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil. Entre os vários países que formam a grande Região Amazônica, o Brasil é privilegiado, pois contempla grandes rios, como o Rio Amazonas; uma diversidade de fauna e flora, que “forma cerca de 30% do estoque mundial, de valor inestimável para a Biotecnologia” (PANDOLFO, 1994, p. 40); a Floresta Amazônica, a maior do mundo; além de conter uma variedade de minérios, vegetais e outros recursos naturais, que potencializam a atividade turística na região. Dados que ocasionam, a partir de um olhar externo, a ideia de um espaço demasiado amplo, sem povoamento, que possibilita gerar imagens de povos colonizados e/ou até ex-colonizados.

Mas, a nomenclatura “Amazônia Brasileira” mudou, e passou a ser denominada “Amazônia Legal”, constituindo-se pelos estados do Pará, Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima, cobrindo uma superfície de cerca de 3,6 milhões de km². Porém, em 6 de janeiro de 1953, publicou-se a Lei nº 1.806, que incorporou à Amazônia Brasileira extensas áreas de outros estados brasileiros, a saber, Maranhão, Goiás e antigo Mato Grosso. Assim, a área geográfica aumentou, e passou a ser Amazônia Legal, cobrindo agora uma superfície estimada de “5.217.423 km², perfazendo 61,2% do território nacional” (PANDOLFO, 1994, p. 36). Este é um dos fatos que fez a Amazônia ser o foco, isto é, ser pauta constante nas mídias local, nacional e até internacional.

Clara Pandolfo (1994) explica que houve um crescimento exponencial do interesse dos meios de comunicação pela divulgação de assuntos sobre a região, o que ocasionou mudanças substanciais nesse contexto. Destaca-se que, nesse período, prevaleceu o discurso do progresso, que resultou na abertura de estradas, bem como na implantação de grandes projetos na região.

Segundo Benedicto Monteiro (2001), os grandes projetos federais, que eram agropecuários e agrominerais, tiveram toda sua infraestrutura constituída com verbas do Tesouro Nacional e financiamentos do Banco do Brasil. Dentre os principais, destacam-se a Usina Hidrelétrica de Tucuruí; o Projeto Carajás de mineração e exportação de

ferro; o Projeto Trombetas da Mineração Rio do Norte (MRN), de bauxita; a fábrica de alumínio da Albrás/Alunorte, de Barcarena; e o Projeto Jari, de caulim e celulose. “Nenhum desses projetos poderia ter sido levado a sério, se não fossem a determinação e o financiamento promovidos pelo Governo Federal, com verbas do Tesouro Nacional e associações com o capital internacional” (MONTEIRO, 2001, p. 227).

Devido a alguns desses projetos, como a Rodovia Transamazônica e a UHE Tucuruí, no sudeste do Pará, houve impactos e mudanças profundas no âmbito socioambiental.

Na realidade, as rodovias federais Belém-Brasília, Cuiabá-Santarém e Transamazônica, além da Perimetral Norte, que não deram certo, foram construídas com objetivo de conquistar as terras-firmes não atingidas pelos grandes afluentes do rio Amazonas. Esses afluentes tinham permitido a penetração na floresta, mas tinham também condicionado os habitantes do Pará a uma civilização tipicamente fluvial. Por meio dessas estradas, o governo Médici pretendia, portanto, não só conquistar as terras-firmes, mas também iniciar, de fato, um trabalho de integração nacional (MONTEIRO, 2001, p. 229).

Os investimentos na Amazônia atendiam a uma proposta de internacionalização da economia brasileira. Durante o regime militar de 1964, os grandes projetos também foram respaldados pela teoria da Segurança Nacional. “A Amazônia e o Pará, por sua situação geográfica e por seu imenso ‘vazio demográfico’, tornar-se-iam uma base de apoio para a Guerra Fria da época (envolvendo a disputa entre os países socialistas e capitalistas)” (MONTEIRO, 2001, p. 227).

Ainda, na década de 50, foram iniciados os estudos para a construção de uma hidrelétrica no Norte do Brasil, com o objetivo de aproveitar o forte potencial do rio Tocantins. A região amazônica, além de possuir a maior floresta tropical úmida do planeta, também mantinha “o mais importante e complexo sistema de água doce do mundo, com um total de cerca de 7 milhões de quilômetros quadrados de área de drenagem, incluindo o rio Tocantins” (ELETRONORTE, 2004, p. 20). A sua bacia hidrográfica, que possui 58% situada no Brasil, é formada por 1.110 rios de tamanhos variados, os quais, também estão espalhados por mais cinco países da América do Sul (ELETRONORTE, 2004).

Alertado das riquezas minerais e da importância estratégica da Amazônia, a partir de 1960, o Governo Federal passa a incentivar a urbanização e o povoamento, até mesmo com rendas internacionais, o que permitiu diversificar as atividades produtivas, ocasionando, ainda, desmatamentos e conflitos por posse de terra, entre outros interesses. Em 1966, o Estado criou a Superintendência de Desenvolvimento da

Amazônia (Sudam), sucessora da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), encarregada de coordenar os movimentos de ocupação e integração da Amazônia Legal. “As reservas da região incluem minérios tradicionais – como os de ferro, bauxita e cassiterita –, além de minérios com novas aplicações tecnológicas – como os de nióbio, manganês e titânio –, sem contar as promissoras perspectivas geológicas” (ELETRONORTE, 2004, p. 23).

Com o endividamento do país e o golpe militar em 31 de março 1964, o projeto da hidrelétrica de Tucuruí passou a fazer parte do Programa Grande Carajás (PGC), implantado no sul do Pará. No entanto, o PGC, que ganhou um Conselho Interministerial, pelo Decreto nº 85.387, de 1980, composto por 8 ministros, não passou de um programa burocrático. Idealizado para ser o maior projeto integrado do mundo, “os estudos sobre sua criação, administração e viabilidade foram entregues à Amza e, principalmente, à Japan International Consulting Associations (JICA), para serem elaborados por técnicos japoneses” (MONTEIRO, 2001, p. 231). Assim, notamos que a ocupação da Amazônia, por meio de projetos, caracterizou-se por um comando internacional, e não, exclusivamente, nacionais, devido aos interesses de “empresários e banqueiros brasileiros influentes nas políticas governamentais” (MONTEIRO, 2001, p. 231).

Segundo a revista *Desafio* (2007), o PGC representava, para Tucuruí, melhorias infraestruturais:

O Programa Grande Carajás, segundo os argumentos do regime militar, era um desafio lançado a todos os segmentos da sociedade brasileira e visava o desenvolvimento da Amazônia Oriental. Tucuruí era ponto decisivo para a realização dele. A hidrelétrica iria suprir toda a área com quatro mil MW, cujo início de operação estava previsto para dezembro de 1983 [...]. Assim é que Tucuruí ganha a BR 422, variante da Transamazônica, o aeroporto, a hidrelétrica, a hidrovia e toda a infraestrutura advinda desse projeto (DESAFIO, 2007, p. 17).

Estudos para averiguações do potencial hidroenergéticos do país estavam em andamento, considerando que, em 1968, o Ministério das Minas e Energia (MME) já tinha criado o Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da Região Centro-Sul, para o Sudeste, e, posteriormente, o da região Sul, para estudar seus potenciais hidráulicos e de mercado. Ainda nesse mesmo ano, Artur da Costa e Silva, presidente em exercício (1968-1969), assinou o Decreto nº 63.952, criando o Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da Amazônia (Eneram), no dia 31 de dezembro de 1968, que entrou em vigor em 06 de janeiro do ano seguinte. Nessa mesma época, também foi instalado o

Comitê Coordenador de Estudos Energéticos da região Nordeste (Eenorde), que juntamente com o Eneram, iniciariam seus trabalhos em 1969 (ELETRONORTE, 2004, p. 25).

O Eneram, que era coordenado pelo Ministério das Minas e Energia (MME), sob a chefia do general José Costa Cavalcanti, buscou, imediatamente, reconhecer o potencial energético da bacia hidrográfica amazônica. Sobre os serviços e metas desse comitê, destacamos que:

O decreto conferia-lhe importantes atribuições, inclusive as de supervisionar os estudos sobre as possibilidades de aproveitamentos hidrelétricos para o suprimento de sistemas elétricos já existentes ou que viessem a ser implantados; deliberar sobre as soluções técnicas apresentadas pelos consultores; e apresentar, num prazo de três anos, o relatório final (ELETRONORTE, 2004, p. 25).

Resumidamente, o novo Comitê ficou incumbido de supervisionar os estudos, “visando a investigação das possibilidades de aproveitamento de sistemas elétricos já existentes, ou que viessem a ser implantados em áreas prioritárias e/ou polis de desenvolvimento criados na Amazônia pelo Governo Federal [...]” (ELETRONORTE, 1987, p. 11), ficando a Eletrobrás como responsável pelas funções de agente executivo do Comitê.

A Portaria nº 255, do MME, entrou em vigor em abril de 1969, assinada pelo novo titular desse Ministério, engenheiro Antonio Dias Leite Júnior, o qual repassou a direção do Eneram para o diretor de Planejamento e Engenharia da Eletrobrás, engenheiro Leo Amaral Penna. Em 20 de maio daquele ano, foi oficialmente instalado o Eneram. Na ocasião, o ministro Dias Leite ressaltou em seu discurso que, “aquela cerimônia representava a ‘concretização dos compromissos assumidos pelo Governo Federal’ e informou que todos os estudos elaborados e analisados pelo novo órgão, teriam sua execução ‘totalmente amparada por recursos nacionais’” (ELETRONORTE, 2004, p. 26).

Nessa época, lembra o historiador Luiz Henrique Silva (s/d), a maioria das cidades do Pará reclamava da falta de energia elétrica. As Centrais Elétricas do Pará (Celpa), empresa fornecedora de energia, era estatal, e fornecia energia elétrica apenas para Belém e algumas cidades próximas da capital. “Poucas cidades do Pará possuíam energia com usinas movidas a óleo diesel ou caldeiras, que consumiam carvão ou lenha. Na maioria das cidades do interior não havia energia elétrica 24 horas [...]” (SILVA, s/d, p. 35).

O Comitê recebeu propostas de quatro empresas pré-selecionadas pela Eletrobrás, em julho de 1969: Serete S.S. – Engenharia; a SPL – Serviços de Planejamento S.S., a Hidroservice – Engenharia de Projetos Ltda. e a Sondotécnica – Engenharia de Solos S.A., todas sediadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto, a *holding* decidiu que os estudos ficariam distribuídos entre as quatro empresas, da seguinte forma: “as áreas de Belém e Macapá ficaram a cargo da Serete; as de Santarém e Monte Alegre, com a SPL; Manaus, Tefé e Boa Vista, com a Hidroservice; e Porto Velho e Rio Branco com a Sondotécnica” (ELETRONORTE, 2004, p. 27). Feito o acordo, em 11 de novembro de 1969, foram assinados os contratos com as respectivas empresas.

Iniciada a primeira etapa, os estudos de mercado, em abril de 1970 já havia alguns resultados fornecidos pelas quatro empresas, o que ajudou a delimitar os rios e os trechos a serem investigados. “Os estudos de inventário hidrelétrico propriamente dito, correspondentes à segunda etapa, e a revisão dos estudos de mercado, da terceira etapa, foram de maio daquele ano até meados de 1971” (ELETRONORTE, 2004, p. 27).

Dessa forma, a Eletrobrás concluiu que não seriam suficientes os prazos e orçamentos para a realização da quarta e última etapa prevista, correspondente aos estudos de viabilidade técnico-econômica dos aproveitamentos selecionados. Assim, em 26 de julho de 1971, o Eneram sugeriu um prazo de dois meses para as empresas contratadas encerrarem os estudos de mercado e o inventário hidrelétrico, visto que, “as projeções de mercado para 1985 não justificavam, segundo seus técnicos, o desenvolvimento, a médio prazo, dos aproveitamentos inventariados, que, em sua maioria, apresentava potencial bastante superior às demandas estimadas” (ELETRONORTE, 2004, p. 28).

O governo almejava, a partir do lançamento do Programa de Integração Nacional (PIN), em junho de 1970, a aceleração do crescimento econômico da Amazônia, em virtude dos vários investimentos em infraestruturas realizados nessa época, além do interesse constante das empresas privadas no aproveitamento dos recursos minerais da região. Nesse contexto, o Eneram decidiu que os estudos hidroenergéticos na Amazônia ficariam sob a responsabilidade de uma entidade especializada, ligada à Eletrobrás, para que se integrasse à região, acompanhando as especificidades do lugar e o seu crescimento. Essa recomendação foi realizada cerca de dois anos mais tarde, quando foi criada a Eletronorte (2004, p. 28).

Nesse tempo, havia uma previsão que mostrava que “os estudos de viabilidade técnico-econômica dos aproveitamentos inventariados exigiriam pelo menos mais dois

anos de trabalho e um total de gastos da ordem de US\$ 4 milhões” (ELETRONORTE, 2004, p. 28).

Os estudos seguiram até setembro de 1971, quando o Eneram recomendou que eles continuassem, tendo em vista as:

[...] possibilidades de atendimento ao mercado energético representado pelas cidades de Belém, no Estado do Pará, Manaus, no Estado do Amazonas e por possíveis cargas de vulto, que pudessem decorrer de empreendimentos eletrometalúrgicos na área, considerando, principalmente, as grandes reservas de bauxita, já detectadas na região do rio Trombetas e em Paragominas, as reservas de níquel na zona central do Estado de Goiás, além de diversas ocorrências minerais já localizadas na região (ELETRONORTE, 1987, p. 11).

O Eneram, que em 6 de janeiro de 1972 encerrou suas atividades, afirmou que a Amazônia era um vasto potencial hidrelétrico.

Não são aproveitáveis, para fins de geração de energia, os rios situados numa distância média de 250 quilômetros de cada margem do Amazonas. A partir daí, contudo, existem rochas no fundo dos rios, um elemento fundamental para a construção de barragens”, explicaria, tempos depois, o presidente do comitê, engenheiro Leo Penna, enterrando, para sempre, a velha crença de que jamais seria possível aproveitar os rios da Amazônia para a geração de energia elétrica (ELETRONORTE, 2004, p. 37).

Foi aprovado o relatório final do Eneram, pelo Ministro Antonio Dias Leite, do MME, em setembro de 1972, pela Portaria Ministerial nº 793. No dia 18 de outubro, o Ministro produziu um despacho, no qual constava o cumprimento da missão atribuída ao Comitê. Também, no mesmo documento, apresentou à Eletrobrás quatro recomendações fundamentais para o aprofundamento dos estudos energéticos na região amazônica:

1) a continuidade da operação e a paulatina ampliação da rede de postos hidrológicos montada pelo Eneram, em convênio com a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) e o Departamento nacional de Águas e Energia Elétrica (Dnaee); 2) a realização de estudos, pela própria holding, sobre aproveitamentos hidrelétricos e suprimento térmico em áreas onde só haviam sido identificadas soluções de alto custo; 3) o prosseguimento do estudo dos aproveitamentos da bacia do Tocantins, em toda a sua extensão, investigando inclusive as possibilidades de regularização do curso do rio, para então definir os projetos economicamente viáveis para a década de 1980; e, finalmente, 4) a elaboração do projeto de aproveitamento do rio Contigo (ELETRONORTE, 2004, p. 37).

Nesse mesmo ano, 1972, a Eletrobrás realizou um convênio com a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) para o estudo da bacia do Tocantins, que foi realizado por firmas de consultorias nacionais. A Eletrobrás contratou “estudos hidroenergéticos e de outros usos da água no curso principal do Tocantins e de seus

principais afluentes, desde suas nascentes até a sua confluência com o rio Araguaia (Contrato ECE-97-72)” (ELETRONORTE, 1987, p. 11).

Dessa maneira, o governo resolveu seguir a sugestão do Eneram: criar uma empresa de energia elétrica de âmbito regional para a Amazônia. Prevista na Lei nº 5.824, promulgada pelo Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici (1970-1974), em 14 de novembro de 1972, foi constituída a Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (Eletronorte), e sua primeira diretoria instalada, em Brasília, em 30 de junho de 1973. A lei, que criou a Eletronorte, entre suas definições, também previa:

[...] os recursos para a subscrição e o aumento de capital da nova empresa, que ficava encarregada não só da coordenação geral, mas também da construção e operação de centrais elétricas e sistemas de transmissão na Região Amazônica. Para isso, a Eletrobrás foi autorizada a usar até 10% do montante do empréstimo compulsório cobrado em seu benefício, pelas concessionárias de energia elétrica de todo o país, aos consumidores industriais e comerciais (ELETRONORTE, 2004, p. 38).

Em 1973, quando o país vivia o período denominado “milagre brasileiro” – acelerado crescimento econômico, sob um autoritarismo político –, o setor elétrico, com a criação da Eletronorte (que era a quarta subsidiária regional da Eletrobrás) marcou a história, visto que foi um dos fatos “mais importantes no processo de consolidação da *holding*, como agente federal responsável pela execução da política governamental em todo o território nacional” (ELETRONORTE, 2004, p. 40). A nova empresa ficou sob a direção de um egresso da Eletrobrás, que também participava ativamente dos trabalhos do Eneram, que se comprometeu em prosseguir com os programas de obras e estudos definidos.

A Eletronorte, portanto, passou a coordenar os trabalhos, e, conforme o Termo Aditivo do Contrato, assinado em 21 de janeiro de 1974 (ECE 97-B/74), “também ampliou a área dos estudos, passando a fazer parte dela, a bacia do rio Itacaiúnas, o baixo Araguaia e o trecho final do rio Tocantins até a cidade de Tucuruí” (ELETRONORTE, 1987, p. 11). O principal motivo de ampliar essa área de estudos, era buscar um maior aproveitamento hidrelétrico, para suprir os mercados representados por Belém, pelos complexos eletrometalúrgicos para produção do alumínio (Albrás/Alunorte), Carajás e a interligação com o Sistema da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF).

O plano de trabalho que previa a conclusão da fase de inventário em dezembro de 1973, foi reformulado visando atender problemas conjunturais. Isto porque, com o grande aumento do preço do petróleo, o país teve seu balanço de pagamentos bastante onerado e projetos eletrometalúrgicos em execução exigiam uma definição urgente sobre a disponibilidade de energia

elétrica, requerida para seu desenvolvimento (ELETRONORTE, 1987, p. 11).

A Eletronorte passou a realizar, a partir de 1974, os estudos de inventário para acontecerem concomitantemente aos estudos de viabilidade daqueles locais investigados, cujos “[...] dados levavam a definir perspectivas favoráveis de barramento e capacidade de satisfazer às exigências do mercado, nos prazos requeridos pelos diferentes projetos” (ELETRONORTE, 1987, p. 11-12).

Os estudos de viabilidade hidroenergéticos, que foram terminados em junho de 1975, concluíram que era viável o aproveitamento dos rios para uma usina hidrelétrica em Tucuruí, Santo Antônio e São Félix. Esses estudos no rio Tocantins, apresentaram melhor esquema de divisão de queda e por esse motivo, Tucuruí foi escolhida para sediar a hidrelétrica.

O projeto Tucuruí não sofreu solução de continuidade, uma vez que o contrato com o consórcio projetista, para realização dos projetos básico e executivo, foi assinado em junho de 1975. Para dinamizar a construção de Tucuruí, como na época se exigia, a assinatura do contrato para execução das obras civis preliminares (ensecadeira de 1ª fase, vila pioneira, etc.) se deu em novembro de 1975. Concluído o projeto básico em julho de 1976, as obras civis principais foram licitadas, tendo sido contratadas em janeiro de 1977 (ELETRONORTE, 1987, p. 12).

Tucuruí quando foi escolhida para sediar a hidrelétrica, não tinha infraestrutura, nem saneamento. Um dos primeiros engenheiros a ir para Tucuruí, ainda em 1974, a serviço da Eletronorte, foi Luís Antônio Guido Rios. Premidos pela falta de meios de comunicação na cidade, ele e sua esposa tornaram-se radioamadores, para ajudar a informar a população sobre o que ocorria na cidade e também no estado do Pará. O casal morava em uma casa, que pertencera à companhia da Estrada de Ferro Tocantins, que servia, “além de residência, como clube, hospital, cenário de reuniões da empresa e estação de rádio. Sem falar no intenso vaivém de amigos e vizinhos, já que era a única da região, naquela época, a contar com uma geladeira” (ELETRONORTE, 2004, p. 18).

Deste modo, a Eletronorte, que tinha apenas 11 anos de idade e contava somente com a sua pioneira Hidrelétrica Coaracy Nunes, situada no estado do Amapá, em seu parque gerador, acionou a primeira máquina da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, às 22h, sexta-feira, de 09 de novembro de 1984, em Tucuruí, sudeste do Pará, no interior da Amazônia. A inauguração oficial ocorreu no dia 22 do mesmo mês, e foi presidida pelo Presidente da República, João Figueiredo (1980-1985), em meio à multidão de cerca de 3 mil pessoas, entre moradores, autoridades e técnicos. “A obra que hoje inauguramos

prescinde apresentações. Trata-se da primeira etapa da grande hidrelétrica, que, concluída, colocará 8 milhões de quilowatts a serviço do progresso desta região! [...]” (ELETRONORTE, 2004, p. 10-11).

1.5 O Processo de Construção da Usina

Aproximadamente 20 anos depois do fechamento da Estrada de Ferro Tocantins, entraram em vigor as Leis nº 5703 e nº 5713, de 13 de dezembro de 1991, que elevaram à condição de municípios, os povoados de Breu Branco e Novo Repartimento, respectivamente.

Esses povoados, foram realocados com a inundação da hidrelétrica, sendo urbanizados para construção de casas pela Eletronorte no núcleo residencial. Os primeiros habitantes ficavam à margem esquerda do rio Tocantins, local que hoje está submerso pelo lago (IBGE, 2012). “Atualmente, o município de Tucuruí dispõe de área rural restrita, ocupada por grandes fazendas e parte das ilhas do reservatório” (ROCHA, 2002, p. 10).

Figura 12: Tucuruí e as cidades vizinhas Breu Branco e Novo Repartimento, que se emanciparam



A Usina Hidrelétrica de Tucuruí situa-se, aproximadamente, na latitude 03° 45’ Sul e longitude de 49° 41’ Oeste, no baixo rio Tocantins, a cerca de 350 km em linha

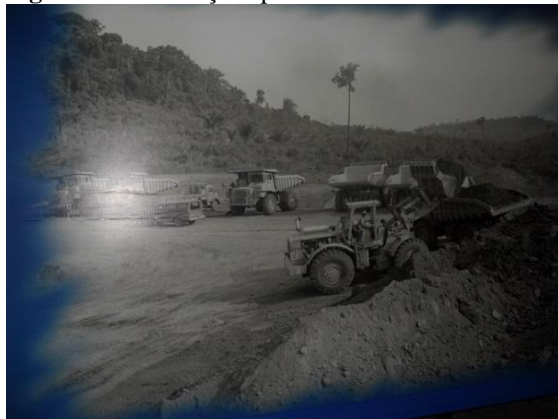
reta da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, na Região Norte do Brasil (CMB, 2000, p. v).

Figura 13: Vertedouros abertos da UHE Tucuruí



Fonte: Autora (2013)

Figura 14: Escavações para a obra da UHE Tucuruí



Fonte: Eletronorte (2012f)

A construção da UHE Tucuruí, realizada pela Eletronorte, conforme previsto, ocorreu em duas etapas, e hoje tem uma potência instalada de cerca de 8.370 MW. “O barramento do rio Tocantins formou um reservatório, hoje com 3.007 km², que inundou áreas dos municípios de Breu Branco, Goianésia do Pará, Itupiranga, Jacundá, Nova Ipixuna, Novo Repartimento e Tucuruí” (BRASIL, 2007, p. 90).

O Vertedouro dessa Usina, atualmente, tem uma vazão de 110.000 m³/s, sendo então o segundo maior do mundo em capacidade de vazão, ficando atrás da hidrelétrica chinesa Três Gargantas (ELETRONORTE, 2012b).

Atualmente, a usina fornece energia, além de Tucuruí, para outras cidades do Pará, Maranhão e Tocantins, e ainda exporta para parte do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste (ELETRONORTE, 2012c). Mas, por trás dessa grande oferta de energia elétrica, parte da população tucuruíense vem vivendo momentos difíceis desde a inauguração da usina na cidade, em consequência do enchimento do reservatório, que formou o chamado Lago de Tucuruí, em 10 de novembro de 1984. O lago media aproximadamente “170 km de comprimento e inundou uma área de 2.875 km², com capacidade de 45,8 bilhões de m³ de água. Vazão média de 3.500 m³/s nos meses do período de seca e 35.000 m³/s em período chuvoso” (IDESP, 1994, *apud* ROCHA, 2002, p. 9).

O reservatório inundou uma imensa área de floresta tropical, matando várias espécies de fauna e flora, além de atingir diretamente os moradores locais, causando mudanças no ecossistema. “A jusante da barragem, foram afetados os municípios de

Cametá, Baião, Igarapé-Miri, Mocajuba e Limoeiro do Ajuru” (BRASIL, 2007, p. 90). Ainda, estima-se que mais de 5 mil famílias foram deslocadas pelo Lago de Tucuruí, pois, segundo a Eletronorte, em 1978, já havia acontecido “o deslocamento de 1.750 famílias (9.500 pessoas) alcançadas pela cota⁵ +35m da barragem; em 1982, já eram 3.152 famílias (15.635 pessoas) alcançadas pela cota +72m” (BRASIL, 2007, p. 90).

Em meados de 1984, a Eletronorte transferiu mais 1.676 famílias que habitavam terras que já tinham sido desocupadas, mas não se tem informação da localização da alocação dessas famílias. Esses moradores eram imigrantes e também pessoas que retornaram às suas terras depois da primeira indenização. O número de famílias transferidas aumentava, pois em 1992, registrava-se 4.625 famílias. “Para a segunda etapa de Tucuruí (1998-2006), o chamado ‘Estudo Ambiental Associado à Elevação do Nível D’Água do Reservatório até a Cota 74’ registrou um número preliminar de cerca de 1.000 famílias atingidas, moradores das ilhas e das margens do lago da barragem” (BRASIL, 2007, p. 90).

Em 1986, a região das ilhas que se formaram no Lago de Tucuruí começou a ser povoada por famílias, na sua maioria, pescadores vindos de vários municípios do baixo Tocantins, como Cametá, Mocajuba, Baião e de áreas próximas a Tucuruí:

Antes da formação do lago de Tucuruí, no rio Tocantins observavam-se várias ilhas, e os moradores desenvolviam um modo de vida particular, organizado em torno delas. Entretanto, a formação do “arquipélago” da área do reservatório corresponde a uma outra paisagem, a um outro ecossistema e a um outro processo de ocupação (CMB, 2000, p. 104-105).

Com a elevação do nível da água a 74 metros de altura, para permitir o sistema de transposição do desnível artificial do rio, seccionou-se o rio Tocantins e interrompeu-se a navegação entre Marabá e o litoral. Não havia condições de navegabilidade, questão que foi resolvida com a construção das eclusas de Tucuruí.

As obras iniciais deste sistema de transposição do desnível entre montante e jusante, de mais de 70 metros, foram executadas, juntamente com a construção da 1ª etapa da Usina Hidrelétrica, mas de forma independente. Enquanto a Hidrelétrica é gerenciada pelo Ministério de Minas e Energia, as Eclusas são de responsabilidade do Ministério dos Transportes e, por isso, seguem cronogramas individuais (MACIEL, 2006, p. 13).

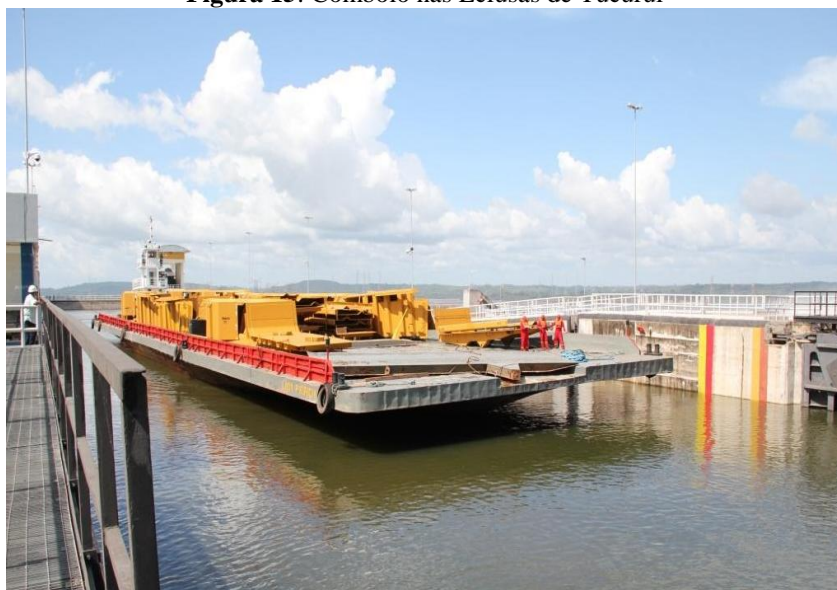
⁵ O termo “cota +” corresponde à elevação do nível de água do reservatório hidráulico de uma altura para outra superior, identificada pelo número na frente do nome da cota, como Cota +72m, Cota +74m, etc. De acordo com Ferreira Filho (2010, p. 13), cota é o: “nome técnico genérico da altura ou altitude de um terreno ou de uma construção, usualmente medida em m, metros acima do nível do mar, e em geral vem indicada numa planta técnica, numa cartografia, num mapa. No caso de um rio ou de uma represa, as várias cotas são as alturas em que chega a água nas várias situações: cota mínima, média, máxima.

As eclusas de Tucuruí, construídas em duas etapas, foram inauguradas em 30 de novembro de 2010, exatamente 26 anos depois da inauguração da UHE Tucuruí. De acordo com a Eletronorte (2012), uma eclusa é um conjunto de tanques para elevar ou baixar embarcações entre níveis diferentes. “As de Tucuruí estão entre as maiores do mundo e são as maiores do Brasil. Elas têm capacidade para dar passagem a 40 milhões de toneladas de carga por ano” (ELETRONORTE, 2012d).

O objetivo das duas eclusas é transpor desníveis de 33 metros cada uma para permitir a navegação de comboios de até quatro chatas⁶ por elevação ou descida, visto que há um desnível entre o rio Tocantins e o Lago de Tucuruí.

No entanto, as eclusas não funcionam o tempo todo e, devido a não conclusão de todas as obras, há um trecho, com muitas rochas, que no tempo de pouca chuva deixa a navegação inviável. Sendo assim, ainda não acontece a navegação pelo Araguaia-Tocantins, como esperado por muitos.

Figura 15: Comboio nas Eclusas de Tucuruí



Fonte: Cidade de Tucuruí (2012)

⁶ Chata, de acordo com o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, significa embarcação rude de pequeno calado, fundo chato e costado baixo, formato quadrangular, com ou sem propulsão própria, usado para dragagem, transporte de carga em rios e águas interiores (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.694).

Figura 16: Eclusas de Tucuruí

Fonte: Cidade de Tucuruí (2012)

1.5.1 Desenvolvimento e Impactos em Tucuruí

Precisamos destacar que a instalação da UHE Tucuruí fez com que a cidade passasse por várias mudanças nos setores primário, em seu meio ambiente; no secundário, pelo aumento da economia local com a chegada da usina hidrelétrica; e no setor terciário, com o crescimento populacional repentino (ROCHA, 2002, p. 10).

Antes da construção da hidrelétrica, Tucuruí era praticamente uma vila formada por “um pequeno aglomerado de construções de madeira, iluminadas por precários lampiões à base de óleo de andiroba. No ano 2000, a população chegaria a 21 milhões de habitantes, já servidos, em sua maioria, por energia elétrica” (ELETRONORTE, 2004, p. 19). Ainda na década de 1970, Tucuruí recebeu a instalação de grandes infraestruturas, e a cidade passou a ser uma área de segurança nacional.

Houve a necessidade de construir vilas residenciais para acomodar as pessoas que chegavam para trabalhar nas obras. Foi criada então, a Vila Pioneira, no bairro da Matinha, e as vilas Permanente, Tropical e Marabá, situadas nas proximidades da usina hidrelétrica. “Essas vilas são dotadas de hospitais, clínicas, escolas, rodoviária, supermercados e um centro comercial, ainda conta com uma prefeitura para administrar as vilas” (MACIEL, 2006, p. 112-113).

Atualmente, a geração de energia elétrica é uma grande fonte de arrecadação, no entanto, o município também investe em outros setores econômicos, como a

“exploração de madeiras, a produção pecuária, agrícola, comércio e atividade pesqueira; esta última de grande destaque social, já que é o sustentáculo de centenas de famílias, por empregar muita mão de obra” (MACIEL, 2006, p. 5).

A construção da hidrelétrica de Tucuruí integra os planos de desenvolvimento do país, nos discursos oficiais esse tipo de investimento traz o “progresso” para regiões. No caso da hidrelétrica de Tucuruí o objetivo era suprir o estado do Pará e parte do Nordeste com a produção de energia elétrica, além de auxiliar no aproveitamento de bauxita de Oriximiná, às margens do rio Trombetas, como revelou o ex-presidente da República, Ernesto Geisel (1974-1979), em depoimento ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, nos anos de 1993 e 1994: “[...] ‘procuramos desenvolver a produção de alumínio no Norte, no Pará e no Maranhão. Mas não havia energia elétrica, que é o principal insumo da produção de alumínio, e por isso, resolvemos fazer Tucuruí’, resumiu” (ELETRONORTE, 2004, p. 23). Mas, como sabemos, esses processos não são tão positivos para todos, houve conflitos e diversos impactos socioambientais, principalmente em relação à qualidade de vida da população que vivia às margens do rio Tocantins.

Como há falta de dados mais recentes sobre os impactos desses eventos na região, indicamos, na próxima tabela, a lista da população que foi atingida diretamente pela construção da UHE Tucuruí, até novembro de 1982.

Tabela 2: Populações atingidas durante a construção da UHE Tucuruí (dados de novembro de 1982)

ÁREAS	LOCALIDADES	Nº DE FAMÍLIAS	POPULAÇÃO
Urbanas	Altamira	13	67
	Breu Branco	122	630
	Ipixiúma	95	491
	Itupiranga	01	05
	Jacundá	116	599
	Jacundazinho	15	77
	Jatobal	153	196
	Remansão	33	170
	Repartimento	362	1.871
	Santa Tereza Tauiry	86	444
	Vila Delphos	125	646
Subtotal		1.121	5.196
Rurais	Canteiro de Obras	11	56
	A. Experimental 01	01	05
	A. Experimental 02	04	20
	A. Experimental 03	51	263
	Gleba 01 – IBDF	01	05
	Global 02 – IBDF	161	832
	Gleba 03 – IBDF	24	124

ÁREAS	LOCALIDADES	Nº DE FAMÍLIAS	POPULAÇÃO
	Gleba 04 – IBDF	169	873
	Gleba 05 – IBDF	82	423
	Gleba 06 – IBDF	180	930
	Gleba 07 – IBDF	15	77
	Cota + 35	237	1.225
	Cota + 76	869	4.492
	Nova Jacundá	17	37
	PA 263 – Moju	83	429
	Novo Breu Branco	07	36
	Vale do Caraipé	115	594
	Novo Repartimento	04	20
	Subtotal	2.031	10.441
	Total Geral	3.152	15.637

Fonte: Tabela adaptada de Eletronorte (1984, p. 34).

Pelas informações apresentadas na tabela acima, durante a construção da hidrelétrica foram atingidas 15.637 pessoas diretamente, portanto, antes da usina hidrelétrica ser inaugurada, o que corresponde a 3.152 famílias que precisaram ser indenizadas. Essa quantidade foi aumentando no decorrer das obras da segunda fase.

Com essa obra, a região passou a ter características peculiares, devido às mudanças no ecossistema, o que nos convida a refletir sobre o cotidiano da população a partir das características intrínsecas à região amazônica, como se verá no item a seguir.

1.5.2 Características Físicas da Região da UHE Tucuruí

Para melhor compreensão da região, descrevemos abaixo algumas características físicas de Tucuruí, decorrentes da instalação da UHE e, conseqüentemente, o perfil das famílias que foram atraídas para a região.

Hidrologia

Tucuruí distingue-se por suas águas, que contribuíram para a idealização do nome da cidade, como também marcaram para sempre esse município: a força do rio Tocantins impulsionou e permitiu a construção da grande hidrelétrica na Amazônia Brasileira. Os principais afluentes do rio Tocantins são os rios Pucuí, Repartimento e Caraipé. “O Tocantins e seus tributários são classificados como rios de águas claras, pobres em nutrientes, com baixa concentração de íons e cargas de sedimentos” (CMB, 2000, p. vi).

Os rios Tocantins e Araguaia e seus afluentes formam o sistema hidrográfico da bacia do rio Tocantins. O rio Tocantins, que em média tem uma extensão de 2.500 km, é formado pelos rios das Almas e Maranhão, cujas cabeceiras situam-se no Planalto de Goiás, a mais de 1.000 m de altitude. “Seus principais tributários até a confluência com o Araguaia são, de montante a jusante, os rios Bagagem, Tocantinzinho, Paranã, Manoel Alves de Natividade, do Sono, Manoel Alves Grande e Farinha, pela margem direita e Santa Tereza, pela margem esquerda” (CMB, 2000, p. 5).

O principal afluente do Tocantins, o rio Araguaia, que tem a mesma importância do Tocantins na bacia, e nele deságua adjacente à localidade de São João do Araguaia, tem como principal afluente o rio das Mortes. Segundo consta nos registros, o rio Araguaia

[...] tem suas nascentes nos rebordos da Serra do Caiapó na divisa do estado de Goiás com o estado de Mato Grosso, a cerca de 850 metros de altitude, com 2.115 km de extensão, desenvolvendo a maior parte do seu percurso paralelamente ao do Tocantins, encaminhando-se para o norte, com o qual conflui depois de formar a extensa Ilha do Bananal, com 80 km de largura e 350 km de comprimento, alagadiça em sua maior parte. A confluência dos dois grandes rios encontra-se a uma altitude de 78 m (CMB, 2000, p. 5).

A bacia Tocantins-Araguaia em seu eixo principal flui do Sul para o Norte, partindo da cabeceira no Planalto Central Brasileiro até a foz no rio Pará, que é braço do rio Amazonas, percorrendo mais de 2.500 Km. “Estima-se que a vazão média anual da bacia atinge os 10.950 m³/s, e a bacia drena uma área de cerca de 767.000 km², representando 7,5% do território nacional” (CMB, 2000, p. v).

A bacia Tocantins-Araguaia se caracteriza por uma hidrologia bem peculiar. O período de estiagem culmina em setembro e outubro, e o período de águas altas, no qual as maiores cheias acontecem, entre fevereiro e abril. É comum que no rio Tocantins haja, anualmente, valores máximos entre fevereiro e março, e no Araguaia entre março e abril. “Tal fato explica-se pelo amortecimento que sofre a onda de cheia na grande planície da Ilha do Bananal, retardando assim o seu pico” (CMB, 2000, p. 6).

Os rios são parte essencial da região Norte, como elementos fundamentais à vivência do homem amazônico, pois tecem a cotidianidade dos espaços, inclusive da comunidade observada nesta pesquisa, como pode ser percebido nas falas⁷ a seguir:

Foi, só é porque o rio seca e a gente só anda a pé [Isso é ruim?] É... (Criança 5, menina, 9 anos).

⁷ As falas dos entrevistados serão mantidas na íntegra, observando as características da linguagem oral e garantindo a fidedignidade dos depoimentos. Portanto, aspectos gramaticais serão desconsiderados.

A água que só vai baixando e subindo. [Isso melhorou?] Hum, hum. Melhorou que agora o pai está aprontando a roça e nós come milho verde. Não, ele plantou também abóbora, maxixe e quiabo. [Isso tudo é para vocês ou é para vender?] É para nós. O pai não vai vender não. [É aqui a roça?] Não, é para a nossa ilha (Criança 3, menina, 9 anos).

No mês de junho ela [água] começa a abaixar. Ela abaixa, olha, tem ano que ela fica aqui na frente. Está pertinho agora a nossa casa pro rio. Quando seca fica muitos metros, que eu nem sei avaliar quantos metros. Porque a gente usa o igarapé. O ano passado usava o igarapé. E Deus ajudou que eu consegui aí a nossa casa, eu vi aquela água correr assim. (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade)..

É o rio quando seca. O rio quando seca é uma polêmica aqui. Eu acho que... Porque em 1996 foi o primeiro ano que veio secar. Veio para secar, para morrer peixe, estragar peixe. Em 1996 foi o ano que meu pai saiu daqui. Secou, que a água ficou perto da casa da prefeitura... Diminuíram porque tem os pescadores, mas também estragaram naquela época muito e fez falta. E desse tempo para cá o rio seca, todo ano seca, todo ano seca. Mas não como em 1996. [...] Não, mas em 2002 é que secou muito, por causa do serviço que fizeram a eclusa. A segunda etapa. O meu pai trabalhava nessa época. Em 2001, 2000 e 2001 ele trabalhava, que em 2001 ele morreu (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Figura 17: Crianças brincando no lago da UHE Tucuruí, na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Como podemos perceber nessas falas, são os rios os responsáveis pelo tempo vivido pela comunidade Cajazeirinha, tanto no que se refere ao deslocamento de seus moradores de um lugar a outro, por meio das canoas e barcos, como ao trabalho e à sobrevivência desses sujeitos, na medida em que eles dependem da cheia ou seca do rio para plantarem ou colherem os alimentos. Além disso, os rios também são utilizados como locais de lazer e entretenimento pelas crianças e pelos adultos da comunidade.

Isso nos mostra como a vida dos moradores da comunidade está integrada ao movimento e tempo dos rios.

Destacamos essa característica da comunidade por ela estar diretamente ligada aos modos de recepção das crianças, já que o rio também é um espaço de interação entre as crianças, no qual podemos perceber as relações comunicativas que elas constituem em seu dia a dia, principalmente nos momentos de brincadeiras.

Quando não tem escola, nós brincamos de canoa, vamos lá para a casa da...
(Criança 1, menino, 10 anos).

De brincar na água, brincar de carro, só. E andar de canoa. Quando nós tomamos banho, nós brincamos de pira-pegar. Carro, uma garrafa, boia. Só.
[Mãe: – Boia que eles falam é a garrafa, que eles amarram e fica flutuando na água] (Criança 1, menino, 10 anos).

Elas brincam muito de bola. É a diversão deles, pular na água. É do que eles brincam. Brincam mais à tarde. Ah, eles gritam e malinam.. é desse jeito. Olha, eles usam bola e na água, a canoa. Eles todos em cima da tábua e é desse jeito (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Mais é pular na água. Na canoa..eles remam também (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Flora e Fauna

A vegetação que predomina em maior parte dessa bacia é o cerrado, desde o “sul da região até Itaguatins (estado do Tocantins), no rio Tocantins, imediações de Conceição do Araguaia (Pará), passando, daí ao norte, a constituir a Floresta Mesófila, conformando uma extensa faixa de transição que precede a Floresta Amazônica” (CMB, 2000, p. 8). Porém, podem ocorrer variações locais de composição e porte da vegetação, devido às diferenças de qualidade do solo e do microclima local. Maciel (2006) complementa essa diversidade na flora da região de Tucuruí, ao ressaltar que:

A vegetação do município é constituída predominantemente por floresta tropical úmida, sendo que às margens do lago encontram-se a floresta de galeria e a floresta de diques, compostas de espécies dicotiledôneas de parte arbóreo como a sumaúma, com intercaladas palmáceas típicas de lugares úmidos com eventuais inundações. O município apresenta cobertura vegetal primitiva, principalmente nas reservas florestais das fazendas, sendo esta vegetação típica da região amazônica “floresta ombrófila densa”, com presença de espécies vegetais de alto valor comercial, que vem sendo paulatinamente substituídas por pastagens e por áreas de cultivo (MACIEL, 2006, p. 122).

A fauna, na região do baixo Tocantins, é considerada uma das mais diversificadas do mundo, com habitat específico da Amazônia e do Cerrado. “A bacia do Tocantins-Araguaia apresenta aproximadamente 300 espécies de peixes, cujas comunidades se diferenciam entre o baixo, médio e alto Tocantins” (CMB, 2000, p. 9).

Segundo estudo da Eletronorte sobre o meio ambiente em Tucuruí, realizado durante e após a construção da hidrelétrica, na área existem informações valiosas sobre animais, em ambientes aquáticos e terrestres. “Sem embargo, reconhece-se também que muito mais há a ser feito no que tange aos estudos taxonômicos, biológicos e ecológicos da fauna regional” (ELETRONORTE, 1984, p. 26). Os resultados de pesquisas registraram que no rio Tocantins há mais de 300 espécies de peixes, alguns ainda não catalogados (CMB, 2000, p. 9).

Clima

Devido à formação do reservatório, o ambiente natural foi alterado, o que juntamente com a peculiaridade amazônica fez a região ter um período de chuvas distinto, abundantes nos meses de dezembro a abril, diminuindo um pouco entre maio e junho, e gradativamente aumentando em novembro. No entanto, as chuvas são constantes, mesmo em baixo volume.

O período de estiagem ocorre entre setembro e outubro e o período de águas altas ocorre entre fevereiro e abril. Ao norte da Bacia as máximas de temperatura atingem 38°C em agosto e setembro e as mínimas são registradas em junho (aproximadamente 22°C). As chuvas podem atingir 2.400 mm, com a umidade média de 85%. Na parte mais ao sul da bacia a temperatura média diminui com o aumento da latitude da altitude. A pluviosidade média cai para 1.400 mm anuais e a umidade para cerca de 70% (CMB, 2000, p. v).

Os ventos nessa região sopram a uma velocidade média de 1,3 m/s e são calmos durante grande parte do ano, devido à homogeneidade climática do lugar associada a sua geomorfologia.

O clima é tropical, tornando-se mais quente e úmido ao aproximar-se da foz do rio Tocantins. Tucuruí possui temperatura média anual de 26°C, com a média máxima em torno de 32°C e mínima de 23°C. A umidade relativa do ar é elevada, apresentando oscilações entre a estação mais chuvosa e a seca, apresentando uma média de 70% (ROCHA, 2002, p. 13).

1.6 Ilhas do Lago de Tucuruí

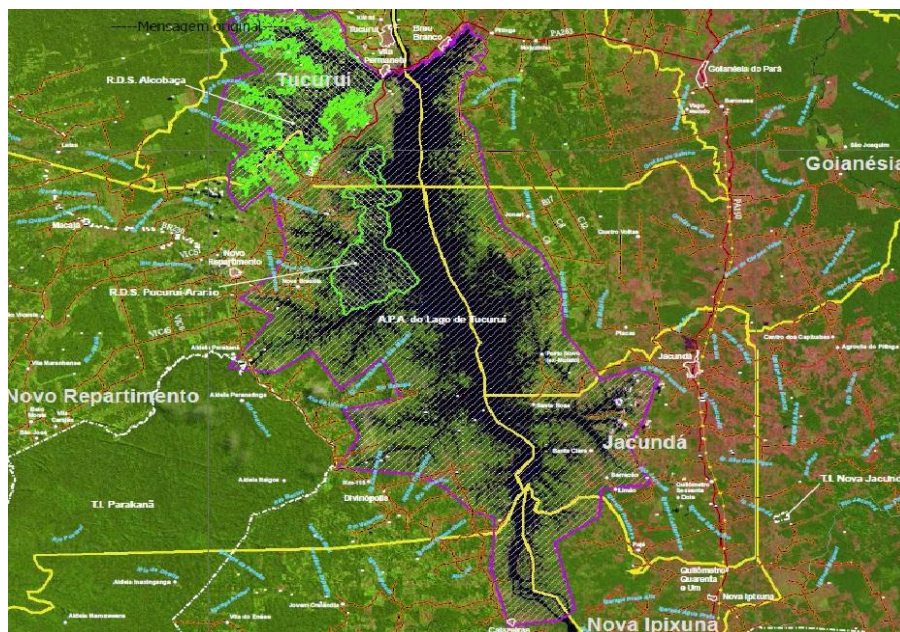
A Usina Hidrelétrica de Tucuruí, ao ser inaugurada, em novembro de 1984, formara um lago artificial que “já armazenava 46 bilhões de metros cúbicos de água, com um espelho prateado de nada menos que 2.430 quilômetros quadrados – o equivalente a 0,3% das bacias do Araguaia e do Tocantins” (ELETRONORTE, 2004, p. 12). Esse fato representava uma vitória para a Eletronorte, empresa responsável pela construção e manutenção da hidrelétrica, que desde a inauguração dessa obra até hoje orgulha-se de atender cerca de 17 milhões de brasileiros, por meio de 15 usinas com um total de potência instalada, dos quais mais de 8 mil MW são provenientes de Tucuruí.

Estimava-se que o reservatório atingiria uma área máxima de 1630 km², no entanto, a superfície inundada foi mais elevada: “2850 Km² (ampliada para 3007 km² na segunda etapa) com cerca de 170 km de comprimento, ao longo do curso do rio, e largura média de 14,3 km, chegando a 40 km na sua extensão máxima” (ARAÚJO, 2008, p. 54).

O Lago de Tucuruí provocou a ocorrência de graves impactos na região, tanto sobre a população indígena – Parakanãs, Gaviões da Montanha e Assurinís – quanto no restante da população que vivia nas proximidades do reservatório. Além das mudanças no ecossistema, em virtude da alteração da fauna e da flora de parte dessa região, o lago permitiu o surgimento de cerca de 1.600 ilhas em torno da UHE Tucuruí. Essas ilhas são “inundáveis periodicamente em função do índice pluviométrico da região e localizadas a montante da barragem” (ROCHA, 2002, p. 13).

As ilhas, em torno do lago, abrangem os municípios de Breu Branco, Goianésia do Pará, Itupiranga, Jacundá, Nova Ipixuna, Novo Repartimento e Tucuruí. Aproximadamente 600 dessas ilhas são habitadas e as demais são de proteção ambiental. Devemos ressaltar que em, 08 de abril de 2002, foi criada a Lei nº 6.451, que determinou como Área de Proteção Ambiental do Lago de Tucuruí, uma área de 568.667,00 hectares, que abrange todos esses municípios citados.

Figura 18: Área de Proteção Ambiental do Lago de Tucuruí (delineado na cor roxa)



Fonte: Eletronorte (2012e).

As áreas que sofreram mudanças com a formação do lago, foram denominadas, pelo pesquisador Gilberto de Miranda Rocha (2008), de áreas de afetação direta, indireta e de influência, e os espaços desestruturados podem ser visualizados em períodos de tempo:

[...] entre 1975 e 1979, ocorreu a desmobilização das práticas cotidianas entre homem e natureza na área do futuro reservatório; entre 1979 e 1985, de confronto político entre os expropriados e a Eletronorte, no contexto das relocações urbanas e rurais; e após 1985, quando ocorre o choque sociocultural e mercantil experienciado pelos relocados transferidos para áreas de características diferenciadas das suas origens, já em grande parte apropriadas pelos migrantes atraídos pela construção do empreendimento e pela valorização dos espaços do entorno do reservatório (ROCHA, 2008, *apud* ARAÚJO, 2008, p. 61).

Percebe-se que as áreas diretamente afetadas pela construção da hidrelétrica, compreendem os espaços em que a usina foi construída, as estruturas urbanas instaladas e também as ilhas que se formaram com a inundação do lago.

No ano de 2002, foi implantado o projeto Mosaico de Unidades de Conservação do Lago de Tucuruí, como uma alternativa para ajudar a resolver os impactos ambientais que surgiram com a construção da UHE Tucuruí, levando em consideração que a “SEMA determinou que a Eletronorte, no âmbito do processo de licenciamento da UHE Tucuruí, utilizasse parte dos recursos da compensação ambiental (9 milhões), para a criação e gestão do mosaico de unidades de conservação do lago de Tucuruí” (ARAÚJO, 2008, p. 89).

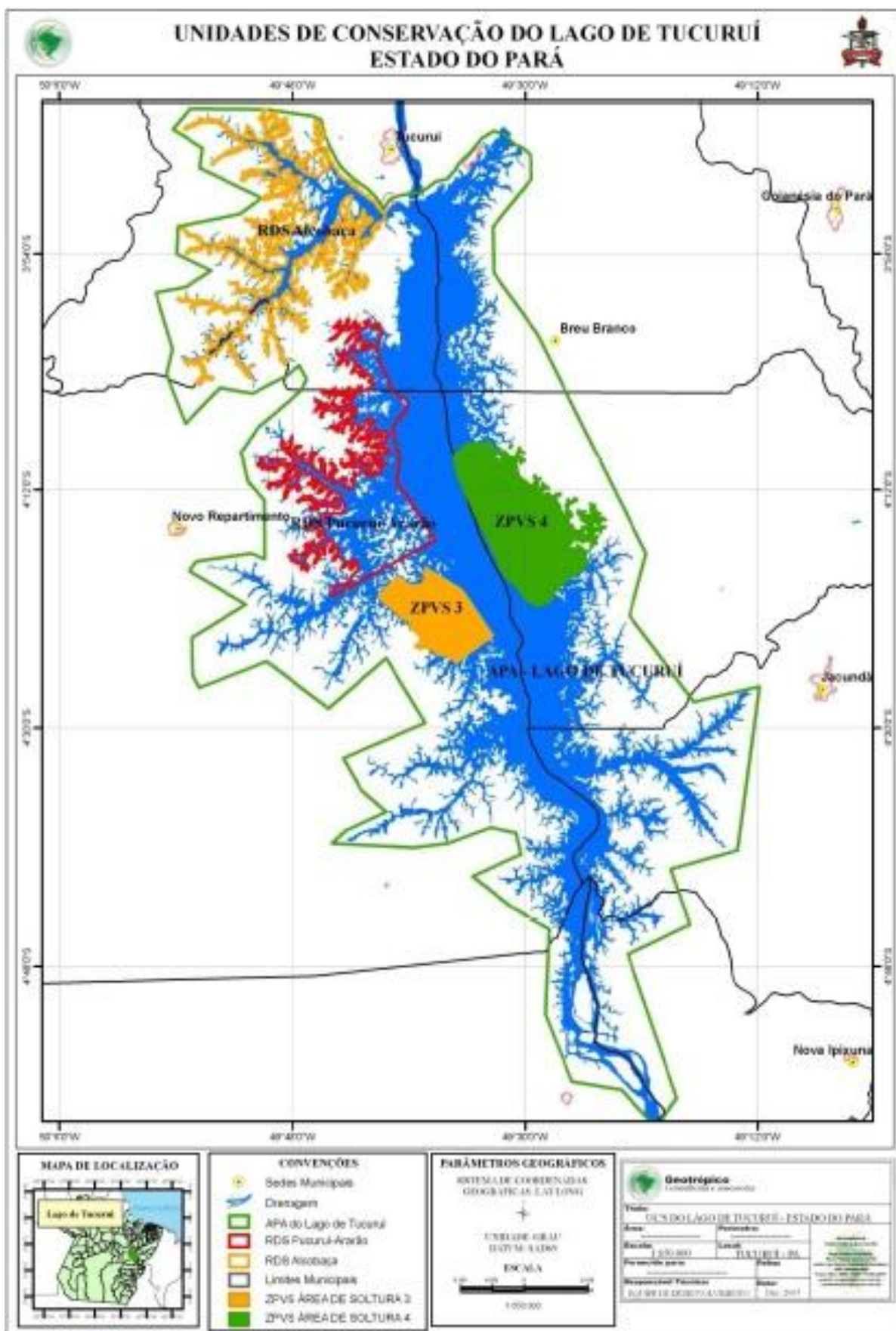
Esse Mosaico foi idealizado em virtude da constatação de várias pesquisas que demonstraram o crescente aumento da destruição dos ecossistemas e biodiversidade no âmbito nacional, o que levantou uma discussão entre atores sociais, ligados ao uso dos recursos do lago e instituições ambientais. Foi, assim, decretado o Mosaico de Unidades de Conservação (UCs) do Lago de Tucuruí, formado por uma Área de Proteção Ambiental (APA), duas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) – RDS Alcobaça e RDS Pucuruí-Ararão –, e mais as áreas de soltura 3 e 4, definidas como Zonas de Preservação da Vida Silvestre (ZPVS) (ARAÚJO, 2008, p. 87).

Para formalizar os critérios e objetivos com a criação desse Mosaico UCs, foi necessário assinar um Termo de Compromisso entre a Eletronorte e a SECTAM⁸, que abordasse as ações previstas na Lei nº 9.980/00 e no Decreto nº 4.340/02.

Neste termo de compromisso consta a exigência do cumprimento das seguintes ações prioritárias para o mosaico de unidades de conservação: a elaboração dos planos de manejo para a APA e as RDS, levantamento fundiário das RDS, regularização da situação dos ocupantes das RDS, que deverá basear-se nos resultados do levantamento fundiário, nas determinações da SECTAM e nas deliberações dos conselhos gestores das unidades, delimitação e sinalização dos limites das unidades e suas zonas de manejo, apoio à capacitação dos conselhos de gestão, construção das sedes dos conselhos das RDS, conforme determinação dos próprios conselhos, instalação da sede administrativa e gerencial do mosaico na vila de Tucuruí, dotação de equipe mínima para gerenciamento do mosaico, dotação de infraestrutura física e logística para as unidades de conservação, conforme determinado pelo plano de manejo, condução de atividades de educação ambiental, proteção, divulgação e desenvolvimento socioambiental nas unidades e outras ações de manejo, conforme especificadas nos planos de manejo (SARACURA; GHILARDI JR.; SILVA, 2007, apud ARAÚJO, 2008, p. 89).

⁸ SECTAM é a sigla da Secretária Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Essa instituição, desde 2007, passou a ser denominada de Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), do Governo do Estado do Pará (UNIDADES DE CONSERVAÇÃO..., out./2007).

Figura 19: Mapa do Mosaico de Unidades de Conservação do Lago de Tucuruí



Fonte: Araújo (2008, p. 88).

As RDS Alcobaça e RDS Pucuruí-Ararão abrangem áreas de Tucuruí e Novo Repartimento, sendo que a maior parte da população das ilhas concentra-se na região da hidrelétrica de Tucuruí denominada Caraipé, pertencente ao município de Tucuruí.

Um levantamento de comunidades e famílias nas ilhas do lago de Tucuruí foi realizado pelo Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), publicado em 28 de fevereiro de 2005, e parte do resultado desse estudo segue na tabela abaixo.

Tabela 3: Levantamento de comunidades e famílias nas ilhas da região da UHE Tucuruí até fevereiro de 2005

RDS ALCOBAÇA			RDS PUCURUÍ-ARARÃO		
Comunidade	Nº famílias	Nº pessoas	Comunidade	Nº famílias	Nº pessoas
Acapu	19	89	ASPESCA	10	44
Água Fria	26	147	Base 1	45	202
Angelin (Rio 24)	3	24	Castanheiro	26	138
Boa Vida	31	160	Funai	8	49
Cajazeira	117	539	Guela da Morte	9	54
Cajazeirinha	12	68	Ilha das Flores	25	132
Cametá	39	183	Ilha do Maracujá	12	42
Lago Azul	20	95	Ilha Sto. Antônio	11	46
Mocaba	23	129	Polo Pesqueiro	56	286
Ouro Verde	74	409	São Miguel	12	49
Piquiá	20	85	Timbozal	25	112
Piquiazinho	54	285	Total	239	1.154
Rio Jordão	64	307			
São Benedito	28	135			
Total	530	2.655			

Fonte: Barboza *et al.* (2008, p. 4).

Portanto, em fevereiro de 2005, registrava-se um total de 769 famílias na região da UHE Tucuruí e um total de 3.809 pessoas que moravam em ilhas ao redor do lago da hidrelétrica. No entanto, esse número vem aumentando, o que foi percebido durante pesquisa de campo na comunidade Cajazeirinha, corpus desta pesquisa, realizada em 2011, 2012 e 2013, dados que são abordados mais adiante.

Empreendemos neste capítulo uma breve contextualização histórica, social e econômica da cidade de Tucuruí, bem como já apontamos alguns dados e relatos sobre o processo de construção da UHE Tucuruí, indicando seus principais objetivos, assim como os impactos ocorridos na região, a partir da implantação da usina. Essa contextualização é importante para situarmos o local de nossa pesquisa em sua dimensão histórica, além de já apresentarmos algumas características da comunidade Cajazeirinha. No próximo capítulo, delineamos mais diretamente características peculiares da comunidade estudada e as mediações socioculturais da população.

“Comunicar é ser, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também fazer, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas é igualmente admitir a importância do outro, ir ao encontro dele e a incerteza de ser compreendido por ele”

(Dominique Wolton)

Contexto sociocultural de Cajazeirinha

2 CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE CAJAZEIRINHA

Quando tratamos de Amazônia ou comunidades amazônicas ainda há autores que se baseiam em uma visão idealizada ou romantizada. Essa imagem perpassa pela imensidão verde de uma terra selvagem e pela ideia de homogeneidade da sua população e da ausência de conflitos.

No entanto, não se pode partir de uma concepção eurocêntrica de civilização ocidental como privilegiada e única. Isso porque, para estudar as comunidades amazônicas, não se deve repudiar as formas culturais a partir de concepções morais, religiosas, culturais e estéticas. De fato, essa visão generalista não atende às especificidades dessa região que possui enormes riquezas culturais e sociais. Em outras palavras, a idealização pré-concebida limitaria o reconhecimento da diversidade que forma a Amazônia.

Para entendermos algumas das especificidades amazônicas é importante situarmos a comunidade em seu contexto atual, do qual trazemos algumas características socioculturais.

2.1 Mediações socioculturais de Cajazeirinha

Para uma melhor compreensão do contexto sociocultural de Cajazeirinha, especialmente para observarmos as mediações das crianças desse lugar, apresentamos, a seguir, algumas características dessa comunidade. Mesclaremos, quando possível, as “falas” dos entrevistados considerando que são os que melhor podem descrever essa realidade, a partir de suas cotidianidades familiar e competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Características físicas

Cerca de 15 km da margem do rio Tocantins, na cidade de Tucuruí, no sudeste do Pará, localiza-se a Comunidade Cajazeirinha, formada por várias ilhas espalhadas pela região do Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Essa comunidade faz parte do arquipélago que possui mais de 1.600 ilhas no Lago de Tucuruí e é categorizada como meio rural.

Figura 20: Umas das ilhas de Cajazeirinha, no Lago de Tucuruí



Fonte: Autora (2013)

Como essa comunidade está inserida na região da UHE Tucuruí, ela apresenta as mesmas características físicas desse lugar, mencionadas anteriormente. O clima é tipicamente amazônico, muito quente e úmido-equatorial, predominando a floresta em sua paisagem.

O solo, nessa comunidade, é caracterizado por uma topografia acidentada. Por isso, as casas são construídas em locais altos, distantes estrategicamente da margem do Lago, a fim de evitar os danos causados pela subida das águas. No entanto, na época das cheias ou no período designado “inverno amazônico”, como pode ser observado na figura a seguir, as águas atingem a proximidade de muitas casas.

Figura 21: Uma das casas em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

A vegetação é de floresta tropical úmida, daí o porquê de encontrarmos várias árvores frutíferas como açazeiros, coqueiros, bananeiras, mangueiras, laranjeiras e cupuaçu.

Esses aqui fui eu que já plantei mais meus filhos e meu esposo, nesse sítio. Isso aqui nós que plantamos. Carambola, tem limão, tem muito limão. Limão verdadeiro! (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Olha, aqui, só plantação mesmo que eu vejo é assim, só o sítio assim. E às vezes, quando eles fazem roça, plantam milho, só (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Figura 22: Solo acidentado com algumas árvores, entre elas uma mangueira, em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

As condições dessa região, encontradas pelos primeiros moradores, são descritas como sendo de uma diversa fauna e flora, com animais e plantas específicos da Amazônia. No entanto, atualmente, alguns animais estão quase extintos, como a onça, citada por alguns entrevistados dessa região. Existem também outros animais de caça, como tatu e capivara, embora também em número reduzido.

Tinha onça. A onça rosnava, que a gente tremia, dava medo. Ela esturrava, que fala... Eu ouvia. Às vezes eu acordava com o esturro da onça. O meu pai atirou em onça aqui. Hoje em dia não tem mais, porque foi desmatado e elas procuram um lugar mais fechado. Agora não vejo mais... (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Aqui tem tatu. As caças já foram todas acabadas. Tinha muita capivara nessa época. Catitu tinha bastante, agora é difícil ver macaco. O que vê mais aqui é mais bicho que tinha aqui e ainda tem mais é tatu. Jaboti, meu Deus, nem fala, é difícil ver um jaboti agora. E capelão, também é difícil. É por dia que eles estão cantando, é difícil (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Entre os animais silvestres que habitam essa comunidade e o imaginário da população destacam-se as cobras, que ora são citadas, pelos moradores, como um animal perigoso, mas normal, ora como um animal extraordinário, o que nos remete à lenda da cobra-grande¹. Os tipos de cobras que rodeiam esse lugar, segundo eles, são: caninana, cascavel, comboia, cobra-cega, coral, jiboia, mata-boi, papagaia, saramanta e sucuri.

Tem cobra. Morro de medo de cobra. Os tipo são a comboia. É muito paraense essa cobra, ela existe muito no estado do Pará. Comboia venenosa. Aqui tem a comboia, aquela cascavel, cascavel não, a espada velha. Uma que gosta de comer rã, sapo. Tem aquela cobra-cega, que o pessoal fala de duas cabeças. Tem a coral, tem coral aqui. A mata-boi. Ela é pequenininha, é o nome da cobra, é pequenininha. E tem também aquela saramanta. Sucuri tem no rio. Jiboia. A jiboia é na terra. Mas ela vai, às vezes, na água também, mas a jiboia é mais no seco. Tem a caninana. É o nome de uma cobra. Na terra. Aquela papagaia, verdinha, também tem. É, papagaia, ela é verde. Gosta de vir a preparar... É que eu tenho medo, eu vou no mato, só vou de bota, daquelas de borracha, sete léguas. Tenho medo demais de cobra... (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Rapaz, aqui eu já vi cobra enorme, grande, já... Mais grossa do que a panela de pressão, filha. De verdade, aqui tem cobra que não é brincadeira. Olha, já tem uns três, uns quatro anos, tem uns quatro anos ela, vai fazer quatro anos, que tinha uma bem aí, bem na frente, para lá do parque um pouco. De manhã, 7 horas, deitada, estiradona na área, tomando sol, que elas gostam. Era grande. Eu acho que ela dava de uns cinco a seis metros. O meu esposo, agora não, mas quando a gente morava naquele outro sítio velho ali, ele matava cobra. Jiboia grande, quase da grossura, mais grossa do que ... de menino. Pegava galinha, no sítio mesmo. [As crianças ainda não viram nenhuma cobra aqui?]. Não, as meninas veem, de vez em quando, às vezes a pequenininha. Grandona mesmo não, porque eu fico muito atenta com elas no rio. Que a água não tem cabelo e elas vão muito para o meio... Mas todas agora sabem nadar. As cobras que as meninas já viram foram dessas do chão mesmo, andando na terra (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Percebemos que há uma fauna bem diversificada nessa comunidade, desde animais domésticos de estimação, como cachorros sem raça definida, em média dois por

¹ “Esta é uma das lendas mais conhecidas da região amazônica. Essa lenda conta que uma índia de uma tribo indígena da região amazônica, chamada de Zelina e que estava trabalhando na beira do rio, sentiu uma dor no ventre, conta a lenda que esta índia foi engravidada pela Sucuri e que deu a luz às margens de um rio a um casal de gêmeos que eram na verdade duas cobras: seu primeiro desejo foi de matá-las, mas procurou buscar conselho com o velho pajé que mandou jogá-las no rio e no rio foram criadas, e algum tempo depois chamados de Honorato e Maria Caninana, o primeiro chamado de Honorato não causava mal nenhum, mas sua irmã Maria Caninana era muito perversa e quando visitavam sua mãe Zelina, Caninana era a mais preferida, que de tantas maldades praticadas, seu irmão Honorato não aprovando mais as maldades praticadas de sua irmã pôs fim às suas perversidades e acabou com Maria Caninana tirando sua vida. Em Barcarena existe um lugar conhecido como buraco da cobra grande que é atração turística do município como em outros povoados e vilas, existe a crença de que as mesmas estão situadas sobre a morada de uma cobra grande, conta a lenda que em Belém, quando foi fundada estaria sobre a casa de uma enorme cobra-grande [...] E daí ocorre se a cobra-grande se mexe Belém estremece e se a cobra-grande sair de seu lugar Belém irá afundar com todos os seus habitantes” (PARATUR, 2013).

família, gatos e pássaros; e de criação, para subsistência e/ou para comercializar, como patos e galinhas, até animais silvestres.

É só cachorro, cachorrinho que a gente cria para espantar os bichos das galinhas (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Nós criamos um pouquinho de animais, estamos começando agora também. Só galinha mesmo. (Mãe 8, 37 anos, 12 anos na comunidade).

De criação aqui eu tenho galinha, pato e um cachorrinho, para prestar atenção na casa quando a gente sai. Quando o negócio está aperreado, eu vendo uns para não aperrear. Mas normalmente é para comer. E também eu gosto de comer os ovinhos, por isso que eu crio os bichinhos (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Figura 23: Cachorro e gato domésticos em um espaço próprio em uma casa na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Figura 24: Criação de patos, galinhas e pintos, na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

As outras espécies de animais desse lugar variam entre aves e pássaros (Jacu, Pica-Pau, Socó, Anambu, Arancuã, Araras, Papagaio), macacos (Guariba), peixes (Beré ou Cará, Corvina, Curimatá, Filhote, Jutuarana, Mapará, Pirarucú, Piau, Pescada, Piranha ou Caranha, Surubim, Tucunaré, Traíra), entre outros.

Outros bichos que têm aqui é o jacu, é um pássaro bonitinho, marrom. Tem jacu, tem pica-pau, tem rolinha. Tem hora que eles encostam bem aqui e fazem toc, toc, toc. Tem pica-pau, tem aquelas juritis, que é um pássaro. Tem anambu, pássaro também. Tem socó, que é esse que fica na beira do rio, aquele de pescoção. Tem muito desse aí, que come peixe. Socó é uma ave. Tem também aquele arancuã, é o nome do pássaro. Tem vários tipos de pássaro, tem muito pássaro... Tem aquelas araras que passam voando, que me dá vontade de pegar. Tanto que elas ficam só muito alto. Lindas elas, as arara. Passa papagaio. Arara é colorida. Mamãe tem uma, o nome dela é Juliana, ou Julieta... Ela é danadinha. Pois é, mamãe gostava muito de morar aqui. Mas aqui é muito alto para ela. No outro sitio ali era muito alto. E ela, como já está bem de idade, em 1996, ela foi lá para o Breu. O meu irmão tem uma ilha lá, levou ela para lá mais o meu pai (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Ah, aqui tem guariba, que é um macaco. Os pássaros que tem é jacu, mais é jacu mesmo. Peixes tem, rapaz, é pescado, tucunaré, beré. Só os peixes que tem de assar. Jutuarana, o tucunaré. Mais pesca aqui, é no verão, que a água está mais baixa e fica mais bom de peixe. No verão o que a gente mais pega é tucunaré, mapará e pescado (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Os peixes que mais têm aqui é mapará, pescada, beré. E tucunaré. Piranha também. O beré é o cará, que fala, o pequenininho e o tucunaré é aquele que é amarelado com preto. E piranha, a caranha. As pardas também. Aqui mesmo é difícil a gente pegar um tambaqui. Tambaqui é mais para quem cria naquele criatório. Tem sarda também, jutuarana também. Tem a época da jutuarana, que dá muito. É um peixinho branquinho, compridinho, bonitinho. Engorda bastante ele... (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A partir dessas descrições, salientamos que na margem do lago, onde se localiza a comunidade, há alguns trechos perigosos, seja pela presença de arraias na água, cobras aquáticas do tipo “sucuruí” e a presença, se bem que não muito frequente, de onças vermelhas que atravessam de uma ilha para a outra.

Caracterização da população

A população da Cajazeirinha é proveniente da cidade de Tucuruí e outros municípios paraenses, como Baião, Cametá, Mocajuba e Pacajá, além daqueles que vieram de outros estados, como do Maranhão, do Ceará e do Espírito Santo, buscando melhores condições de vida, conforme apresentado nas menções e tabelas abaixo.

Eu estou fazendo um levantamento da realidade, mas o que observo é que muitos vieram em função da subsistência. Por exemplo, tem muitos cametaenses nessas ilhas... Então o cametaense veio com o título de querer pescar, que já é um pouco da cultura deles lá também, de manter a família. Aí foram ficando, depois foram buscar outros parentes, amigos eles trouxeram para cá, então eles foram povoando vários lugares (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

O pouco que nós conhecemos do povo daqui é que são pessoas de uma outra região, mais ou menos da cidade de Cametá. São pessoas com um estudo precário, com infraestrutura muito precária. E essas pessoas vieram para cá em prol de um pescado melhor, em busca de uma melhor pesca. E como aqui a região é muito boa para a questão de pesca, cultura, essa região de pesca, as famílias vêm vindo. E de lá para cá vem desenvolvendo e aumentando a população. A comunidade vai se unindo com outras pessoas e vem desenvolvendo esse grupo de pessoas aqui (Formador de opinião 7, masculino, 20 anos na comunidade).

Eu estou com vinte anos morando aqui. Quando nós chegamos para cá, o meio de transporte aqui era canoa, no remo. Nós saíamos daqui 4 horas para ir lá para o Km 11, quando o dia ia amanhecendo, nós íamos chegando lá. Quem primeiro comprou um motor aqui nessa região, para viajar, fui eu... um motor rabeta. Foi o primeiro motor que rodou aqui, de morador daqui, foi o meu (Formador de opinião 7, masculino, 20 anos na comunidade).

Tabela 4: Local de nascimento das mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas

Local de nascimento	Número de entrevistados	%
Tucuruí	2	20,0
Baião	2	20,0
Maranhão (Zé Doca, Vargem Grande)	2	20,0
Mocajuba	1	10,0
Espírito Santo (Montanha)	1	10,0
Pacajá	1	10,0
Ceará (Acopiara)	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela 5: Local de nascimento das crianças entrevistadas

Local de nascimento	Número de entrevistados	%
Tucuruí	11	68,8
Mocajuba	2	12,5
Dom Eliseu	2	12,5
Cametá	1	6,3
Total	16	100,0

Constatamos que a Cajazeirinha se constituiu com pessoas que foram se aproximando dessas terras, ao redor do lago da UHE Tucuruí, com o intuito de pescar e vender o que conseguiam na cidade, mas alguns decidiram ficar mais tempo, trouxeram os familiares e, por fim, se instalaram por ali.

Meu marido pescava aqui só para comer. Ele pescava assim, ele trabalhava de segunda a sexta e sábado vinha para cá com os amigos, de canoa, remando. Naquela época era difícil motor. Pescava no final de semana, fazia gelo em casa, trazia, para comer na semana, para variar a mistura. Porque meu pai é piauiense e gostava muito de peixe. Aí ele vinha pescar aqui. Mas era muito peixe, uma fatura de peixe naquela época. Menina do céu! Ele é de Parnaíba. A cidade dele é Parnaíba, que ele falou. Em 1986, ele fez a casa, foi. Ele vinha final de semana. Depois a gente se mudou da Vila Temporária I e foi para a Vila Permanente e ficava mais perto... Ele veio, fez roça e a gente vinha para cá, passava três, quatro dias e voltava. Aqui não morava ninguém. Depois é que veio o sr. ..., os outros vizinhos mais velhos. Que muitos não moram mais, muitos já morreram. É. Uns tempos depois é que o sr. ... apareceu, um monte de anos depois. Em 1986, quando meu pai chegou aqui não tinha nenhum morador, não. Assim, ainda não tinha não. Tinha o papai, depois tinha o sr. ..., que já morreu, o finado Pois é, esse é um dos mais velhos, que era o papai e depois que veio ele. Foi chegando vizinho, foi aumentando a vizinhança. Mas aqui tinha onça... (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A pesca foi o principal motivo que originou a ida de muitas pessoas para esse lugar, no entanto, hoje a situação está bem mais difícil, porque há pouco cardume e ainda isso tem sido o sustento da maioria das famílias. Ou seja, ainda hoje, a pesca

predomina na região, faz parte da rotina desses moradores, sendo muitas vezes a única fonte de renda dessa população:

A maioria das pessoas vive de pesca mesmo. Agricultura tem, mas alguns, porque são poucos. (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Olha, o peixe é assim, tem a fase do peixe que está bom de pesca, mas tem época que não compensa nem você colocar a malhadeira que não pega nem para comer. Estou te falando. A lua, quando está clara mesmo, é difícil, não pega, não adianta. É difícil pegar peixe, eles não colocam mais a rede. Só piranha que acaba comendo a rede. É quando a lua está nova. Que é escura, noite escura... (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

No rio tinha muito pirarucu. É difícil ver agora. Pescador mesmo é difícil respeitar a piracema aqui. Porque os vizinhos, muitos só vivem de pesca. Termina a piracema, começa a piracema, a gente vai dar entrada no seguro, vem começar a dar entrada no seguro já está quase terminando a piracema. Eles não querem que ninguém pesque. Que a piracema é em novembro, no início de novembro. Se por um acaso começa no dia primeiro, no dia três desse a entrada e com uns 15 dias fosse liberado já o seguro, não tinha como a pessoa aperrear tanto para estar pescando. Mas vem liberar já depois da piracema quase. Por isso que o pescador tem que aventurar ou morre de fome. Eu não dou razão muitas vezes para o governo impedir por isso, é por isso. Porque a gente tem direito. Não vai deixar os filhos morrerem de fome, não vai ficar aí. Não pode fazer roça grande, porque se fizer roça grande o Ibama dá em cima. Aí fica difícil, de quê a gente vai viver? (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Está com 12 anos que eu moro aqui. Aqui, a maioria do pessoal aqui é pescador, vive de pesca aqui. Só vive de pescaria quem mora aqui. É só vender só. Vende lá no 11 [porto da vila da UHE Tucuruí]. Nós também vendemos (Mãe 8, 37 anos, 12 anos na comunidade).

Em qualquer dessas comunidades, para quem é pescador, porque a pesca tem duas vertentes: a pessoa que pesca de anzol e a pessoa que pesca só de malhadeira. Quem pesca de malhadeira, põe a malhadeira à noite, geralmente até, o mais tardar, 9-10 horas no máximo, ele já tirou toda a malhadeira, já botou o peixe dele para gelar, então ele descansa, porque o trabalho dele é mais à noite. Já quem pesca de anzol, sai 4h30, no mais tardar 5 horas para pegar a isca, que é uma piaba, um tipo de piaba para ir pescar. Então, mais tardar também, 11h30 ele já está de volta em casa, aí pesca tucunaré e volta às 16 horas. [Quem faz isso geralmente? Os homens ou as mulheres?] Homens e mulheres. Houve até um período que houve um trabalho mais intensivo do Conselho Tutelar, que as crianças faltavam na escola porque os pais levavam para pescar, que era mais gente pescando, portanto era mais peixe nas caixas. E não estava tendo aproveitamento... (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Pudemos confirmar essa realidade também com alguns líderes comunitários entrevistados. Segundo um desses líderes, que está na função desde 2003, as principais atividades econômicas são a pesca e a agricultura, a partir principalmente da plantação de macaxeira, arroz, feijão, milho, e outros cultivos em menor escala. A economia para essas famílias, que vivem da pesca, é precária e a sobrevivência, segundo eles, está se tornando muito difícil.

Na época que a gente chegou lá, tinha muita caça, muita fartura, muito peixe. Peixe pulava, meu marido botava a malhadeira, cinco minutos, tirava logo, porque era carregada de peixe demais. Hoje, ele coloca 500 metros de pano, 10 metros de malhadeira, não consegue pegar 30 quilos de peixe. Então, para mim, é uma tristeza muito grande, vendo que a nossa natureza está acabando. Está acabando, acabando mesmo. Não tem mais caça, não tem de que o ribeirinho viver, que é da pesca e os governos também não fazem o plano de família, porque eu venho lutando também muito a família [...]. O pessoal vende peixe, a despesa dele é farinha, sal, açúcar, um café. Aí, o que ele compra mais? O gelo, que é para trabalhar, que é pegar o peixe, então, é para o trabalho dele. E compra o combustível para a rabeta e sempre ele leva uma de reserva quando sobra dinheiro, quando não, o coitado vem de remo. Então, é muito difícil. Olha, a gente vem fazendo muitos anos esse trabalho, a gente, eu mesmo confiei na política nossa, no município (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).²

O principal aqui é pesca. Eu conheço eles como pesca mesmo e as donas de casa com serviço de casa mesmo, mas os esposos saem para pescar. De vez em quando vê uma mulher acompanhando seu esposo pescando (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Com certeza, é a forma de exploração dos recursos que existem. Hoje, a Cajazeirinha está prejudicada na questão da pesca. Portanto, prejudicou a pesca, mexeu no bolso. Se não tem peixe, não tem dinheiro. O meio de vida daquelas pessoas ali é a pesca. Portanto, como há uma pesca indiscriminada, mesmo para o tucunaré, que não é um peixe de piracema, é muita gente pescando e pouco peixe. A procura é muito grande e a oferta é pequena. Isso tem atrapalhado e mexido com a vida daquelas pessoas, mais na questão econômica (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Quando solicitados a contar um pouco da história do local, os entrevistados falam, principalmente, das dificuldades de locomoção entre as ilhas e das ilhas para a cidade (Tucuruí). Dos moradores com mais tempo na comunidade aos que chegaram recentemente, destacamos algumas falas que demonstram como a história dessa usina e da barragem deve ser construída a partir também das narrativas locais. Mesmo com as limitações e dessas muitas idas e vindas, algumas pessoas decidiram ficar e habitar esse espaço, trazendo aos poucos seus familiares, até formar, então, a comunidade Cajazeirinha.

Esse lugar surgiu assim, porque quando a barragem foi inaugurada, em 1984, surgiram essas ilhas. Em 1985, o meu pai começou a vir para cá. Assim, vinha pescar mais os amigos dele. Em 1986, ele organizou... era fim de reis. Ele fez uma casinha de palha, barraquinho de palha, para ficar final de semana quando ele vinha pescar mais os amigos. Nessa época era muita fartura de peixe (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Minha filha, o primeiro morador aqui foi nós. Quando nós chegamos aqui, não tinha ninguém. Não lembro o ano... Já está com uns 25 anos que nós mora aqui. Foi, nós fomos criando aqui a comunidade, foi chegando gente, aí foram morando aqui tudo por perto. A primeira rabeta que entrou aqui foi nós... Olha, minha filha, nós demos foi quarenta e cinco sacos de arroz na

² Essa primeira citação foi coletada em entrevista com liderança da Comunidade Cajazeirinha, em 4 de maio de 2012, durante primeiras pesquisas de campo exploratórias. As demais citações foram coletadas no ano de 2013.

rabeta. Ainda vendemos uma casa que nós tinha em Tucuruí para inteirar para comprar essa rabeta. Pois foi... Aí, nós carregava o povo, porque ninguém tinha. Nós saía de casa em casa, pegando o povo, dia sábado com suas coisinhas para poder levar. O meu marido dava duas, três viagens aqui, me deixava lá vendendo as coisinhas que eu levava, e aí voltava para vir buscar os outros. Porque ninguém tinha, só nós, e nós não podia deixar os coitados também na pior, andando de canoa, porque nós tinha a rabeta (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Há 28 anos que moro aqui. Eu era menina, fiquei moça, fiquei grande. Namorei com meu esposo quase três anos e a gente casou, em 1993. A gente veio para cá assim, a gente veio passar uns meses com a mamãe. Eu estava grávida do meu primeiro filho e eu fui para casa. O meu esposo ficou na firma e a gente ficou lá. Eu tive o meu filho. Eu vim para cá, estava grávida, com três meses perdi o segundo filho. Voltei para a cidade, que ele ficou de novo na empresa. Fiquei grávida da minha menina, engravidei dela e vim passar um tempo com a mamãe para cá. Eu sempre gostava de vir. Eu não fui criada na roça. Papai sempre teve a casa na cidade, para a mamãe ficar com os filhos. Mas eu sempre tive o sangue doce para a roça, do interior. Eu gosto da roça e da cidade. Mas de um certo tempo para cá, eu gosto de estar mais na roça, no silêncio. É mais tranquilo. Para passar o dia é melhor (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A gente já vive para mais de 20 anos aqui. Quando nós chegamos para cá ainda tinha pouca gente aqui, era alguns vizinhos que tinha. Aqui era tudo diferente, mais era mato, não tinha abertura assim, muita, que nem tem, não tinha sítio já assim. Era poucos vizinhos que tinha aqui. A gente veio logo, vários anos que a gente mora aqui já (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Moro aqui tem 12 anos. Quando cheguei não tinha muitas não, tinha poucas pessoas. Chegou um tempo e foi aumentando assim. Não sei de onde eles vieram, só sei da família do meu marido, que é lá de Cametá mesmo. Para eu vir para cá foi devido o pai dela [criança]. É que o irmão dele morava aqui. Ele veio de Belém, porque ele é lá de Cametá. E nós viemos para cá (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Quando nós chegamos, fomos os primeiros. Meu marido, como eu te falei, já tem 30 anos de pescador, ele é pescador, ele fez essa surpresa para mim: ele comprou esse pedaço de ilha de um senhor e fez um barraco sem eu saber de nada. Fez um barraco tipo uma casa de índio, na época era de cavaco, de chão batido no chão, a ripa era coisa de açaí, fogão de lenha, tinha um quarto, muito bonitinho. Simples, mas tipo de mato mesmo. Aí, me chamou para nós ir pescar, eu fui com meus filhos. Quando eu cheguei lá, a surpresa: era uma casa. “– De quem é essa casa?” Aí, ele: “– É nossa.” Eu fiquei surpresa, foi assim. Aí, eu olhei a região, tinha muito pouca gente, tinha cinco famílias, só. Eu me lembro como hoje. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

E essas pessoas vieram em condições mínimas, fizeram os seus barraquinhos de palha e vão desenvolvendo. Alguns já têm as suas casas de madeira, outros já estão trabalhando em prol de fazer as suas casas mais elevadas, um nível melhor. Vem desenvolvendo aos poucos, com uma grande precariedade, mas vem desenvolvendo sim (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Mais de 20 anos que moro aqui. Quando chegamos já tinha uns moradores... Já tinha outros, já foram embora os moradores mais velhos, aí já tem já é outro. O que era melhor é que a terra era mais, aí cavou mais. Quando nós fizemos essa casa a água era mais lá em cima, mais lá para dentro, aí

começou a cavar, porque a água que faz isso. Exonera o barranco. Agora que parou mais, que a gente faz os plantios. Até falei para ele que é para ele fazer um coiso para ver se ela não cava mais a terra (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

A agricultura também tem servido a alguns moradores, para além da subsistência da própria família, mas isso exige mais mão de obra e depende de outras variáveis: estações do ano, e da lua.

Agora, esse ano, nós não estamos tendo roça. Só um pedacinho de mandioca que eu plantei ali, que está nova. E isso, que eu planto meus temperinhos aqui. Ele ajuda também. Cheiro-verde, alface, couve. É para consumir e para vender também. Eu vendo no 11 [porto da vila da UHE]. Eu vendo quando tem bastante verdura eu vou duas vezes por semana, quando não tem, eu vou uma vez na semana. Eu já tenho os meus fregueses, eu vou entregar lá no 11. Vendo bem. Eu já tenho os números das minhas colegas, eu só ligo confirmando o que é para eu levar e tal. Eu tenho limão, tudo que eu já plantei. O sítio velho que o meu pai tinha feito, já morreu quase todo assim. Negócio de limão, laranja, morreu tudo, lima (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Na época do inverno nós estamos na safra do limão, eu deixo o limão mais barato para as meninas lá, para as minhas amigas. No verão, fica mais difícil, eu aumento um pouquinho. Tem o cheiro-verde e ajuda também (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Época da plantação também tem muita gente que usa essa estação da lua. Melhor é a lua nova, crescente e cheia. A minguante não é boa não. É que se plantar mandioca dá só umas varinhazinhas assim (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Não digo só da ilha, eu também tenho conhecimento aqui nessas estradas. A pessoa tem muita banana, muita galinha, muito arroz, milho para vender e não tem como trazer essa mercadoria para cá, porque não tem ônibus, eles não têm carro, a estrada, não tem estrada. É muito difícil. Então, se você botar na sua matéria isso, formandos, que o futuro são dessas crianças, que os governos olhem mais pela zona rural. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Da mesma forma, o agricultor que levava o filho para a roça. E, por mais que permitisse que a criança fosse para a escola, mas ele não tinha aquele tempo de estudar os deveres, porque se estuda de manhã, à tarde é a roça. Então, quem pesca, à tarde vai para o rio. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Além das atividades de subsistência, a renda dessa população é complementada e, por vezes dependente, do apoio de programas sociais de transferência de renda do Governo Federal, com destaque para o Bolsa Família³.

³ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa federal de transferência de renda direcionado aos brasileiros que se encontram em situação de pobreza. Esse benefício social originou-se da unificação de outros programas não contributivos, como: Bolsa Escola, Cartão Alimentação, Auxílio-Gás e Bolsa Alimentação, criados no período de 2001 a 2003. Os critérios de elegibilidade do PBF dependem da condição de renda das famílias e, entre as condicionalidades para sua permanência no programa, tem-se o

Para falar a verdade, o rádio nós viemos passar a ter quando eu passei a receber Bolsa Família, que eu comprei um rádio FM. Eu comecei a receber o Bolsa Família em 2001, em 2000. É, consegui receber o Bolsa Família. Eu comecei a receber o Bolsa Família era assim, era um mês R\$ 15,00, o outro mês R\$ 30,00 e foi aumentando. Quando chegou de R\$ 60,00, R\$ 64,00, aí que eu comprei um rádio, nas Lojas Centro, tirei à prestação. Aí aqui a gente foi passar a ouvir o Tucuruí Agora, os programas, tudo. Mas, enquanto isso, eu não tinha rádio. Não sabia de notícia nenhuma da rua, só quando os outros falavam (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

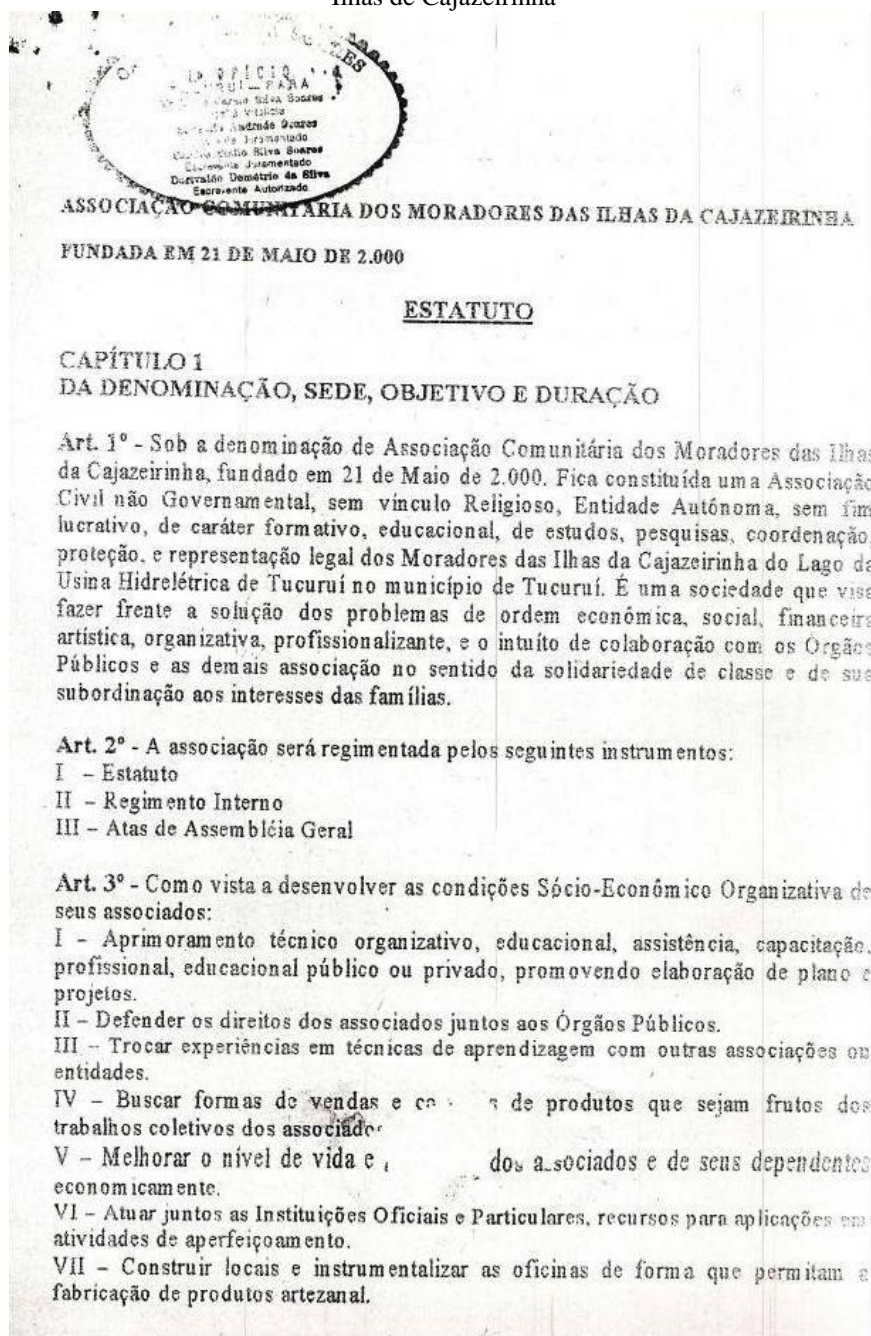
Pouco com Deus é muito, minha filha, não é nada. Eu recebo o Bolsa Família, tem a casa da gente que fica alugada e quando também está bom de pescar (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Eu não sei se você já viu, que tem muita gente que dorme em papelão. Eu já doei colchão velho, os meus, mas tem gente que dorme em papelão, que não tem colchão, não tem cama, não tem um filtro (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A comunidade possui uma Associação, instituída legalmente no dia 21 de maio de 2000, de acordo com o Estatuto da Associação Comunitária dos Moradores das Ilhas de Cajazeirinha, registrada em cartório no dia 31 de maio do mesmo ano, protocolado sob o nº 1.2921, no Livro 1-A do Cartório Silva Soares, em Tucuruí, Pará, conforme cópia do documento apresentada na figura 25.

É uma sociedade que visa fazer frente à solução dos problemas de ordem econômica, social, financeira, artística, organizativa, profissionalizante, e o intuito de colaboração com os órgãos Públicos e as demais associações no sentido da solidariedade de classe e de sua subordinação aos interesses das famílias (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA, 2000).

Figura 25: Página inicial do Estatuto da Associação Comunitária dos Moradores das Ilhas de Cajazeirinha



Fonte: Associação Comunitária... (2000).

O objetivo da associação, que tem os mesmos presidente e vice-presidente desde a sua legalização, é buscar melhorias para essa população. Nessa perspectiva, os moradores destacam alguns aspectos que consideram como sinais de desenvolvimento do lugar, como a implantação da escola e da igreja evangélica, assistência à saúde pública e oferta de transporte para levar as crianças para a escola:

Desse tempo para cá, de dois anos, do período que eu venho acompanhando para cá, nós já temos uma congregação, que já vem desenvolvendo. Já vem sendo reconhecido, em questão de época política o pessoal já dá um maior

crédito em vir aqui para um de nós. E de certa forma já vem desenvolvendo aos poucos. É muito raro, mas sempre vem Agentes de Saúde. É muito raro vir, mas às vezes eles vêm pesquisar, fazer pesquisas, estudos, ver como é que está o nível de desenvolvimento das crianças, em prol do Bolsa Família, pesagem... Esse tipo de consulta, de um modo geral (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

O que melhorou mesmo aqui, que não tinha, foi até na casa do Pai, foi o que melhorou aqui, a casa do Pai, do Senhor. A igreja é a Igreja Assembleia de Deus. Foi o que melhorou aqui. O de diferente nesse lugar só é a casa lá, do Pai, do Senhor Jesus. Foi o que melhorou (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Melhorou muito, minha filha, muito mesmo. Melhorou o colégio, melhorou embarcação, melhorou mais a situação da gente, que a gente vivia numa situação, porque aqui nós fazia farinha para vender. Vendia farinha de R\$ 10 o saco ali no ônibus para poder comprar as coisinhas, não sabe? Aí, nós levava farinha, eu levava tucupi, levava tapioca, batata, macaxeira, limão. Eu levava para vender lá no ônibus (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Estou pedindo a Deus que não tire essa escola daí. Aí, outras falam que precisa, por causa que o estudo é fraco, uma professora só, né, eu sei que para ela pode ser ruim. Mas ela é uma boa professora. Todas que entraram aqui são boas (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

Notamos que, as melhorias citadas por alguns entrevistados, são bem abrangentes, destacando a posse de alguns bens, como a embarcação com motor, dando mais autonomia aos residentes nessas ilhas.

Melhorou bastante. Porque as pessoas aqui, tudo que eles ganhavam, eles não ligavam de fazer um local melhor para morar. Agora eles já estão se preocupando mais com o bem estar (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

É, graças a Deus, só está melhorando, porque aqui a gente não via as pessoas interessadas pela gente. Agora, graças a Deus, tem transporte para carregar os filhos da gente aí mesmo à vontade, tem lancha para cá, tem lancha para o Manoel Mendes, tem a voadeira. Não falta merenda no colégio para as crianças aqui no colégio Emilia Rodrigues. Quando falta, a professora vai buscar. Quer dizer, que está pertinho de casa, a gente não anda mais de canoa, porque nós saía daqui 3 horas de canoa para ir para o 11... E aí, a gente não anda mais de canoa, cada qual tem seu transportezinho. Tem sua rabeta, quem não pode possuir uma lancha, tem sua rabeta, tem sua lanchazinha no porto, tem seu barco. Quer dizer, que aí, cada vez mais está melhorando, porque não era todo mundo que tinha, não (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Melhorou a escola também, a escola para os meninos. Porque era sofrido, quando foi o início da escola, as mesas eram um pedaço de sebo. Os pais dos alunos se reuniram para cortar de motosserra um sebo grande e outro menor. O menor, os alunos sentavam e os grandes colocavam os cadernos. Depois é que a prefeitura foi ajeitando. Foi ajeitando mais e ficou mais fácil. Hoje em dia está melhor. Só não está bem melhor, porque a professora é só ela para dar aula para cinco séries... E tem que fazer merenda, tem que cuidar da higiene do banheiro, tem que cuidar de tudo. É difícil para ela. Nós pais temos que ajudá-la em casa, porque para ajudar os filhos. Até porque as meninas, eu pego muito no pé delas para ajudar a ensinar a mais nova (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Não sei nem o que eu posso te dizer. Estou aqui, tem a saúde da gente, tem o evento. Tem umas coisas até que melhorou. Agora, se a energia chegasse mesmo, aí ia melhorar... Aí, era 100%, que a gente... Eu não tenho vontade de ir mais embora para a cidade, porque a minha paixão ia ficar pouca. É, eu gosto muito mesmo, porque aqui o velho me ajuda, combater lá, estão ficando danadinhas... (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

Ah, mudou muita coisa, mudou, porque não tinha igreja evangélica aqui. Hoje tem, graças a Deus. Mudou mesmo muita coisa (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

E hoje é uma outra realidade, a estrutura da escola melhorou. Hoje, nós temos escolas mais centralizadas, mas com transporte, porque na época nem transporte tinha. Então, hoje tem uma escola com estrutura melhor, com transporte para levar os alunos. O problema desse lado é que você tem um movimento bom, o lago está cheio, você vai e volta com facilidade, quando está seco é o problema. Então, já melhorou bastante coisa. Tanto no relacionamento dos pais com os filhos, a ida para a escola, dos pais com os professores, tinha pai muito ignorante que achava que os professores queriam mandar nos... nos filhos ou nele mesmo, dizendo como deveria ser. Mas enfim, melhorou bastante. O que melhorou ali foi a questão de que não tinha escola. A escola de lá foi uma luta nossa, inclusive, de um grupo de pessoas de sindicato, movimentos e tal. O prefeito, na época, a gente sentou com ele, apresentamos para ele dez localidades para ele fazer a escola, e ele fez as dez escolas. E a Cajazeirinha foi uma. Então, isso melhorou, porque quando os pais não tinham condições de manter as crianças aqui na escola, não estudavam. (Em que ano foi isso?) Deixa eu me lembrar aqui. Acho que foi 2000. Eu não lembro bem o ano (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Na questão social, eu acho que a igreja tem ajudado, a escola que chegou lá com certeza só ajudou. No início, mesmo uma escola construída em madeira, mas as condições de trabalho muito ruins para os professores, eu conheço muito bem isso... E hoje está bem melhor do que quando iniciou. Então, na questão social, eu acho que teve muitas melhoras (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Parte dos moradores de Cajazeirinha, dentre os quais alguns que já moram lá há 20 anos e outros mais recentemente, há cerca de 2 anos, relata que não houve melhorias significativas na comunidade. Os pontos mais frisados foram falta de incentivo público nas áreas de saúde, segurança e educação.

Olha, não achei mudança, que quem faz a mudança é a comunidade mesmo. Uns vão se adaptando, comprando suas baterias para ter sua energia própria, organizando sua casa. Já governo mesmo... (palavra inaudível) não houve alteração (Formador de opinião 5, feminino, 2 ano e 3 meses na comunidade).

Olha, para falar a verdade, nada. Só a Igreja, porque tirando isso, se você olhar, aqui não tem um barracão para o povo que não é evangélico. Se você for olhar, não tem ninguém pelo povo aqui. Aqui é completamente cada um por si e Deus por todos. Entendeu? (Mãe 7, 28 anos, 1 ano e 10 meses na comunidade).

Olha, até agora eu não achei que melhorou foi nada aqui. O que ficou mais ou menos assim, um pouquinho, foram as escolas. Porque o resto mesmo, eu não achei que não melhorou nada (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Eu não enxergo melhorias em termos organizacional. Eu enxergo melhorias assim, tipo uma casa que você colocou energia elétrica na casa, você colocou, por exemplo, alguns móveis na casa, mas isso individualmente. Isso vai de acordo com o poder aquisitivo da pessoa. Mas em termos de organização, de infraestrutura, eu vejo a ilha muito abandonada pelo poder público. E até pela empresa Eletronorte. Você vai ver o Porto do 11, o Porto do 11 ali é uma desorganização total, é uma exploração total. Em todos os sentidos, desde a parte econômica, até a exploração de pessoas que vão lá vender seu corpo para sobreviver. Então eu não vejo melhorias nesse entorno do grande lago (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

O que tem piorado é o descaso do governo com a população daqui. Cada tempo que passa, mais distante, o governo vem se ausentando daqui, não vem dando o apoio que a comunidade necessita. Eles não vêm buscando atender a necessidade da região, há descaso. O que desenvolveu mais foi que de dois anos para cá, o nível vem elevando mais um pouco. E antigamente nós tínhamos que ir até a cidade de remo, remando (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Para mim não melhorou nada, porque não tem a saúde, não tem coisa de saúde para nós aqui. Não melhorou nada. É a mesma coisa de sempre. Nada, nada melhorou. Só melhorou, porque antigamente quando nós vinha para cá não tinha aula, não tinha colégio e agora tem. Só foi só o que melhorou foi só isso. A escola para eles (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Eu queria assim, que as autoridades olhassem mais para as pessoas da ilha, do lago. Que as pessoas aqui são muito menosprezadas aqui, porque a gente mora na ilha assim... Eles pensam que, sei lá, que a gente... Eles não ligam para a gente. Entendeu? Eu queria que as autoridades olhassem mais para o pessoal das ilhas. Só isso mesmo (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

O caso da saúde da gente. Que para a gente ir para lá é obrigado a gente a sofrer. Quando não vai lá para Tucuruí vai para andar atrás dos médicos quando vem aqui para as águas. Vai lá para o Manoel Mendes. É difícil para a gente ir para lá. Aí só isso que piorou foi por isso. Toda vida é essa rotina, não tem melhora para nós (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Tem. A saúde daqui. A pior coisa é a saúde daqui e a escola dos meninos. Você vê que a escola aí não é muito boa não, porque é só uma professora para dar aula para cinco séries, ainda fazer merenda, tudo isso. Eu acho que atrapalha na educação das crianças (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

Outra demanda muito destacada pelos moradores e formadores de opinião é que a água do lago, atualmente, vem diminuindo mais do que o costume. Essa situação, conhecida como o “tempo da seca”, faz com que as casas na comunidade fiquem muito distantes da margem do lago, o que dificulta a utilização de embarcações, como a da escola, que leva e traz as crianças para as aulas. Esse aspecto também afeta a locomoção das pessoas que lá residem, pois as casas ficam mais distantes do lago, assim, há lugares sem acesso à embarcação de médio porte, o que obriga as pessoas a mudarem a rotina,

acordar de madrugada ou mesmo caminhar alguns quilômetros até a beira do lago ao encontro de uma embarcação.

Então o que mais piorou aqui foi a seca, eu acho, porque não secava muito e seca agora. De 2002 para cá mais ou menos, que a gente sofre muito aqui, principalmente na época do verão, por causa disso. Que a gente para fazer compra, tem que comprar em fardo ou antecipar as coisas, para durar a época da seca. É um problema, porque tem muita gente que não tem nenhuma não. Tem muita gente que bebe essa água do igarapé, porque é jeito, ou bebe ou morre de sede. Aqui, graças a Deus, que nós vivemos por aqui, tudo tem a sorte de conseguir a mina. Agora, tem canal do rio por aí, para esses outros lados, outros locais, que não tem mina e bebe do rio. Tem muitos que vão para a cidade da época da seca, porque é difícil. E vai, quando começa a encher é que volta. [...] Agora, quando o rio está seco, as rabetas ficam guardadas e vai a pé até a sequeira do rio. Também, quando o rio está seco, todo mundo tem que fazer seus barraquinhos para ficar pescando nas beiras. Porque é difícil para carregar a caixa de peixe e às vezes roubam. Tem que estar perto da caixa. Então, que nem nós, na piracema nós não pescamos. Para obedecer a lei também e a gente fica em casa. E o meu esposo trabalha roçando aquele produto. É o que Deus prepara e a gente vai passando (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

[...] não dá para se criar muito peixe, porque seca demais. Esse ano secou, secou que ficou insuportável, a gente ficou na lama. A gente ficou na lama, então a gente não tem água de qualidade para beber, a cada vez está piorando a nossa situação. Em vez de melhorar, está piorando. Única coisa que melhorou pouco foi ver, esses 26 anos, que a gente fez um coleginho de nada de madeira. Então, não é progredir muito e melhorar, cada ano está piorando (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Não tem nada de melhor aqui. Só piora, principalmente quando a água seca, que fica muito difícil para a gente andar e é muito trabalho para a gente estar... Tem que sair da casa, tem que fazer barraquinhos aí na beirada. Fica muito difícil para a gente. Esse ano que passou secou um bocado. Eu ouvi dizer que esse ano agora vai secar mais ainda (Mãe 8, 37 anos, 12 anos na comunidade).

A falta de saneamento é outro problema na comunidade, e muito séria pois prejudica a saúde de seus moradores. Em algumas das ilhas do lago da UHE ocorriam visitas pontuais de agentes de saúde da Prefeitura Municipal de Tucuruí (PMT). Nas duas primeiras visitas a campo, em 2011 e 2012, soubemos que, a cada quinze dias, agentes de saúde iam ao local para atender a população. No entanto, na pesquisa de campo em 2013, soubemos que a comunidade não recebe mais esse atendimento, eles precisam dirigir-se até um posto de saúde que fica nas proximidades do porto da vila da UHE Tucuruí, o que já foi destacado em algumas falas e também está citado nos trechos a seguir:

Observo também uma carência muito grande no sentido assim de atendimento social, observo isso. Observo também uma dificuldade de assistência à saúde, observo, sobretudo, os idosos doentes. Casas que eu fui encontrei idosos doentes, alguns abandonados também. Uma ausência do

poder público na ilha, também eu fiz essa observação, por aí (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

E a saúde é um caso sério. Lá na ilha, acho que é pouco provável que ela melhore no sentido de ter instalações, porque na cidade não tem médico, enfermeiro não tem em quantidade. Então, não dá para nenhum político nem prefeito, nem vereador ir e prometer que lá vai ter um posto de saúde, porque ele pode até construir. [...] Lá na Vila Marabá, ao lado do Mosaico da Unidade de Conservação do Lago, tem um posto de saúde que atende o pessoal das ilhas. Nesse sentido, ficou mais próximo. E chegou ali de rabetá, de voadeira, de barco, subiu ali a uns 600 metros e chegou até no posto, é atendido e volta para casa. Lá na ilha, para ser melhor, é quase impossível pela questão dos recursos humanos para atender (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

De acordo com um dos entrevistados, sempre houve precariedade de informações à população das ilhas, inclusive em relação aos cuidados pessoais e à higiene, pois esses aspectos são praticamente desprezados. Os pais, na comunidade, na década de 1990, não sabiam nem como proceder corretamente com a higienização dos filhos, estes saíam de casa com mau cheiro.

No ano de 1990, as crianças todo sujo, pitiú, encardido do sol, cabelo cheio de ferida, colada aquelas feridas, colada. Para se tornar, a gente teve que sentar com a mãe, primeiro com a mãe. Levar sabão, levar as crianças para o rio, dar banho, mesmo que não tenha energia, não tem ferro elétrico, mas a gente ensinou colocar no sol bem quente a roupa, como lavar as crianças para chegar até a gente, pelo menos com cheiro de sabão grosso (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

As famílias

De acordo com um dos líderes da comunidade entrevistado, no final de 2012, a Cajazeirinha integrava 74 famílias, número maior do que o vice-líder comunitário, no início de 2011, nos havia informado: cerca de 50 famílias⁴, distribuídas em seis ilhas e terrenos de terra firme⁵ (SILVA, 2012, p. 4). No entanto, na última ida a campo, em abril de 2013, nos deparamos com um número de famílias bem inferior, uma média de 35 famílias, além de perceber que o número real de famílias na Cajazeirinha ainda é desconhecido, até para os que são considerados líderes e/ou formadores de opinião, como destacamos nos depoimentos abaixo.

[Tem] uma faixa de 35 a 38 famílias (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Na época, tinha 33 famílias. [Quando? Em que ano?] Em 1998. [...] nessa parte que eu conheço aqui do senhor ... para cá, entra de 20 a 23 famílias,

⁴ Essas informações foram coletadas por meio de entrevistas exploratórias, realizadas por esta pesquisadora, com lideranças da Comunidade Cajazeirinha, em 4 de maio de 2012.

⁵ Terra firme é uma expressão usada pelos moradores da comunidade para referir-se aos lugares cercados parcialmente pelo Lago de Tucuruí, onde residem algumas famílias dessa comunidade.

mais ou menos. Tem outros moradores mais lá para frente, mas que eu conheço é daqui para cá... Aí, tem uma nova ressaca para lá... (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

[Há uma] média de 15 famílias ou mais (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Observo que tem muita gente morando, mas estão muito dispersos, não estão aglutinados, estão cada um aqui e outro ali (Formador de opinião 4, masculino, 1,6 ano em Tucuruí).

Uma possível explicação para essa falta de dados secundários pode ser atribuída ao fato de as famílias ficarem, geograficamente, afastadas umas das outras, porque, na maioria dos casos, cada residência localiza-se em uma ilha diferente da mesma comunidade.

Sobre a média de moradores por família na Cajazeirinha, os formadores de opinião ressaltam que residem, em média, 12 pessoas por domicílio, baseados no número de filhos que geralmente as famílias têm nessa comunidade e demais parentes que moram juntos. Destacamos, ainda, que, pelas falas dos entrevistados, o número de crianças se sobressai nas famílias:

A média de filhos por família varia muito, porque tem família que tem 12, 15 filhos, outros têm 4, 6. Então, a gente faz uma média, um pelo outro, uma faixa de 8 (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

O nível de crianças é bem maior. A média de pessoas varia de 6, 8, 10 a 12 pessoas, em diante, em média (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Como há grande quantidade de crianças, calculamos também a taxa de fecundidade⁶. Há, em média, cinco crianças por família, indicador bem acima da média da região Norte (2,42) e da média nacional (1,86).

⁶ Taxa de fecundidade é o número médio de filhos que uma mulher teria ao final de sua vida reprodutiva. Dado retirado do Censo Demográfico (IBGE, 2010). Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1>. Acesso em: 04 jun. 2011.

Tabela 6: Quantos filhos (vivos) têm as mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas

Quantidade de filhos	Número de entrevistados	%
2	1	10,0
3	1	10,0
4	1	10,0
5	2	20,0
6	2	20,0
7	3	30,0
Total	10	100,0
Média		5,2 filhos

Na organização das famílias, o pai sai para trabalhar, geralmente na pesca e na roça, e a mãe cuida da casa e dos filhos. No entanto, também encontramos em algumas famílias a mulher trabalhando para complementar a renda familiar, nesses casos como pescadoras.

As crianças também colaboram com os adultos (os pais), seja na pesca com varas e anzóis ou redes, do tipo “malhadeira”, seja na criação de animais de pequeno porte, como galinhas e patos, para própria subsistência das famílias.

De manhã, pesco e brinco. [Você gosta de pescar?] Gosto. [Com quem?] Com o meu pai (Criança 7, menino, 6 anos).

Então, as crianças, hoje, na ilha, eles estão mais adequados, mas não têm lazer. A rotina é assim: acordar, ajudar a mãe na tarefa, que eu vejo a tarefa, lava uma louça, varre uma casa, repara o bebê. Vai para a escola, depois de sete, oito anos de idade, na ilha não tem o pré, aí vai começar a alfabetizar com oito, nove anos na ilha, porque não tem. Hoje é lei, já saiu a lei que a criança tem que estar com quatro anos já para fazer escola (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

As que têm condições de ajudar os pais, eles ajudam. Apesar de ter essa mudança, mudou o hábito de apenas trabalhar e não estudava o que vinha da escola, mas ainda tem essa coisa muito forte do filho estar ajudando o pai, tanto na pesca como na agricultura. Então, é a força de trabalho da família. As menores, entre 8 e 9 anos, é da escola para casa, vai fazer os deveres que vêm da escola, não tem muita novidade, coisa diferente de fazer. É só ali na ilha deles que se mete a pescar, porque é a profissão do pai, quer ir, gosta. Mas a maioria fica em casa com a mãe, quando a mãe não vai para o rio (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

De manhã eles vão fazer um serviçinho de casa mesmo. Um carrega água, o outro vai atrás de lenha, de carvão e as meninas lavam vasilha e roupa, varrem a casa, arrumam a casa. É só o que elas fazem. À tarde, os mais velhos eles não param em casa, vão para o colégio, aí é eu que faço as coisas. À noite todos eles gostam de assistir televisão (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

É escola e casa. Eles brincam, às vezes faz mandado para a mãe de canoinha ir na casa do vizinho, porque aqui eu vejo a uma menina, já um menino faz mandado para a mãe aqui. Na canoa, remando. Eles brincam em casa (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Geralmente, as famílias possuem canoas tradicionais (com apenas remos) ou as do tipo “rabetas” (canoa com motor).

Passávamos em torno de 3, 4 horas remando em uma canoa... Hoje todos os moradores daqui, 99% da população, já têm as suas pequenas canoas, com os seus motores rabetas. Já fica mais fácil o acesso para ir à cidade, fazer suas compras, resolver seus assuntos pessoais (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Figura 26: Moradores da Cajazeirinha, de rabeta, a caminho de Tucuruí em uma manhã de sábado



Fonte: Autora (2013)

Figura 27: Moradores da Cajazeirinha voltando da cidade para as ilhas em um final da tarde



Fonte: Autora (2013)

As casas são muito simples, em geral, as paredes são feitas de madeira, algumas de taipa⁷ (basicamente barro amassado e bambus), sendo que o barro é retirado do lago. No início do estabelecimento da população, as moradias eram barracos feitos e cobertos de palha.

Até dois anos atrás, quando a gente chegou aqui, as pessoas viviam debaixo de barraquinho de palha mesmo, tudo de palha. Era a cobertura, as paredes, tudo de palha. Eu acho assim, que já mudou bastante, porque as pessoas já começaram a se interessar mais em fazer uma casinha melhor para morar, mesmo de madeira. Mas eu acho que já mudou bastante esse lado (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

⁷ De acordo com Houaiss e Villar (2001, p. 2659), taipa é o “processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, geralmente de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc.”.

Na pesquisa de campo, notamos que as casas, em geral, têm chão de terra batida e as telhas são de fibrocimento onduladas⁸. No interior das moradias, há poucos móveis, em sua maioria feitos de madeira.

Observo também que as casas, eu imagino que como eles são pescadores e vivem boa parte da pesca... Quer dizer, as casas são semiacabadas, não têm uma perspectiva de: “– Ah, eu vou ficar o tempo todo aqui, então vou criar uma estrutura mais organizada.” Não tem isso (Formador de opinião 4, masculino, 1,6 ano em Tucuruí).

Figuras 28 e 29: Fachadas de casas da Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Energia

Além da precariedade nas condições de higiene, saúde e renda apresentadas, há grande dificuldade em relação ao acesso à energia. Em muitas casas visitadas, há um aparelho de televisão analógico, do tipo “CRT⁹”, mesmo sem acesso à energia elétrica, o que nos surpreendeu pelas soluções adotadas. Para resolver essa ausência de energia, os moradores ligam seus televisores a baterias automotivas, que são recarregadas na cidade de Tucuruí ou por meio de placas solares (conforme figura 30), mas estas só estão disponíveis em poucas casas. Outra alternativa de energia é o gerador de motor a diesel.

Uso bateria de carro, bateria automotiva que gera energia. Ela é uma fonte de energia que nós temos aqui na região. Utilizamos tanto o gerador, quanto a bateria ou placa solar. A bateria a gente compra na cidade, na loja, traz e tem energia na casa. (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

⁸ Telhas de fibrocimento onduladas são comumente conhecidas por “telhas Brasilit”. Elas são desenvolvidas com cimento reforçado com fios sintéticos e são usadas em coberturas de residências e ambientes comerciais, conforme descrição do fabricante (BRASILIT, 2013).

⁹ Cathode Ray Tube (CRT) é uma tecnologia de projeção da imagem televisual, que possui um ângulo de visão limitada e resolução inconstante, por isso vem sendo substituída pelos televisores de melhor definição, chamados de Liquid Crystal Display (LCD) (DE LUCA, 2009).

Eles usam aquelas baterias de carro, eles levam na rua para carregar. Baterias que eles recarregam aqui na cidade e levam para lá. [Bateria automotiva?] É, automotiva. E a pilha... E os celulares com bateria... Também, uns têm com placa solar. Mas, a maioria não tem. E quem não tem a placa solar, tem o motorzinho, que gera energia, o gerador, aí eles levam na casa do vizinho para carregar ou às vezes estão direto no ônibus e eles levam para carregar lá no ônibus (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Algumas pessoas têm o rádio ainda à pilha ou à bateria. Quando está descarregada a bateria ou não tem pilha, não tem como. Não tem mesmo dele ouvir, porque não tem energia, não tem televisão. Mas algumas pessoas que têm mais um recursozinho têm uma bateria, têm um gerador, compram gasolina, óleo diesel e ligam uma televisão (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Figura 30: Bateria automotiva sendo carregada na placa solar, no quintal de uma casa



Fonte: Autora (2013)

Figura31: Bateria automotiva sendo carregada na placa solar, no quintal de uma casa



Fonte: Autora (2013)

No entanto, para solucionar o problema de energia, os moradores buscam alternativas, mas a maior restrição é econômica. O recurso financeiro a ser dispendido muitas vezes se distancia do orçamento da maioria das famílias desse lugar. E todo o investimento dispendido serve apenas para os aparelhos de televisão e de rádio, e para celular – para os que têm essa tecnologia –, porque não há outros equipamentos e/ou eletrodomésticos mencionados nas falas e presentes nas residências visitadas.

Mas é pesado, porque eu tenho que comprar a gasolina para ligar o gerador, eu tenho que comprar óleo diesel para ligar a televisão. Eu tenho que comprar gasolina para andar de barco, e na rabeta, eu tenho que comprar três sacos de gelo, que é R\$ 38,00, cada saco é R\$ 13,00 de gelo (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Essa bateria é 220 amperes. Ela custa R\$ 1.000,00. [Uma bateria de carro?] De carro, na verdade, ela é de trator. E sabe quanto é que custa uma bateria dessas para carregar aí no um? É R\$ 18,00 para carregar. Uma televisão dessas, ela estando bem carregada, consegue passar vinte dias, com uma bateria dessa aí (Formador de opinião 7, masculino, 20 anos na comunidade).

O gerador, mais é o gerador. Apenas, na região, para funcionar as televisões, aquele que não tem o gerador, mas alguns deles têm a bateria, faz a ligação mesmo artesanal. É ligado artesanalmente mesmo, a televisão, com a bateria ou a placa solar, com o gerador e vice-versa. É ligado mesmo, nós mesmos ligamos aqui, artesanalmente. Aqui não tem uma pessoa especial para fazer esse tipo de ligação, então, nós mesmo ligamos, artesanalmente mesmo (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Usam bateria de carro... Carrega no 11, passa uma semana, aí descarrega, carrega, aquela coisa. Então, por que eu luto da energia? Porque eu, tendo a energia na ilha, eu vou te falar: todos os ribeirinhos têm, na sua ilha, eles têm manga, eles têm cacau, eles têm cupu[?], eles têm limão e, com isso, ele gera fruto, polpa, pode fazer o suco, pode fazer a polpa, o sorvete, pode vender. E a gente fazer vinagre, sabão, a gente tem muito projeto. Nós, da ilha, nós sabemos fazer. A gente não tem é como e condições financeiras. E não é banco para fazer empréstimo, porque o banco não empresta para quem não tem ganha. Para fazer, R\$ 1 mil, R\$ 2 mil reais, não dá para se fazer uma fábrica. Então, tendo energia, cada um vai fazer a sua parte. Vai botar uma amassadeira, vai criar galinha, vai fazer uma horta. A gente já tem até isso, já até passamos para a comunidade, cada um vai fazer uma coisa. Mas se não tiver energia, eles estão morrendo na miséria. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A minha ilha tem, porque a gente tem pouca coisa, a gente não é rico, eu sou funcionária pública, é muito apertado, mas a gente tem um gerador e a gente acaba ligando. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Questionados sobre o motivo da energia elétrica ainda não ter chegado até a Cajazeirinha, sendo que há comunidades rurais que já usufruem dessa energia, alguns formadores de opinião afirmaram ser falta de direcionamento político. Atualmente, as comunidades rurais que recebem energia elétrica da UHE Tucuruí são as localizadas em áreas de terra firme, em assentamentos e comunidades indígenas e quilombolas:

Tem energia já nas aldeias dos índios e nas fazendas também. Nós estamos com mais de 10 anos lutando, porque o critério para priorizar as famílias é assentamento, quilombola e atingido por barragem. E esse povo é atingido por barragem, só que essa prioridade nunca chegou para eles. Na Ilha de Marajó, vai chegar energia agora lá, depois alegam que aqui é problema de tecnologia (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Como dissemos, praticamente inexistem eletrodomésticos em decorrência da escassez de energia elétrica, e o que predomina nos ambientes domésticos é o fogão à lenha, sendo raros os fogões que utilizam gás. Como não há geladeira para guardar os alimentos, toda a comida precisa ser consumida quase que imediatamente. Constatamos que, parte da produção é vendida na cidade, com o intuito de comprar outros bens de consumo.

Poucos moradores possuem casa na cidade de Tucuruí, e quando as possuem essas ficam geralmente em bairros de periferia, e usam-nas como apoio para a venda de sua produção. Esses mesmos moradores afirmam não ter condições de morar realmente na cidade, em decorrência da inexistência de renda para subsidiar tal moradia.

Rotinas e Lazer

A rotina dos homens, durante a semana, está centrada em pescar e voltar para a casa, já as mulheres, algumas pescam, outras cuidam de serviços na roça, mas há as que apenas realizam o serviço de casa.

Olha, a minha rotina é cuidar da minha casa mesmo. Às vezes, nas horas vagas, eu pesco. Faço algumas coisas assim, rotina mesmo de dona de casa, cuidar do lar, da família (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

No final de semana, o lazer desses moradores é ir à igreja, à cidade de Tucuruí ou jogar bola em alguma comunidade vizinha.

Não temos nenhum tipo de evento. Fora esse [Igreja], não tem, não temos tido. Apenas esse. Apenas os eventos da igreja, quando têm, apenas uma, duas vezes por ano, quando têm. E os demais são a rotina diária do dia a dia mesmo. Não tem nada de novidade (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Lá em casa, é. Futebol, tem gente que ainda vai, meu marido liga, chama, mas é mais adulto que vai, mas adolescentes também vão. Mas eles não têm uma, vamos dizer assim, olha, eles estão bonitinhos, se prepara para ir para algum lugar. Não têm. Que até canoa, não tem barco, os pais não têm barco, não têm combustível para eles estarem andando para lá e para cá, não têm vizinho. Não têm nada, nada, nada. Uma criança cresce, o que acontece? É um desgosto meu, porque eu tenho uma afilhada lá de 14 anos que já é mãe, porque aí conhece um rapaz, acaba engravidando. A cultura... é muita coisa da vida e acaba gerando uma criança com outra criança e nem percebendo (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

No caso dos evangélicos, eles têm uma disciplina muito grande. Os finais de semana deles, sábado e domingo, é igreja. E a concentração se dá na Rio Jordão, geralmente aos domingos. Já os católicos não têm, eu também fui animador de comunidade quando morei lá, e o pessoal se congregava aos domingos, era um negócio bom (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

A partir da pesquisa de campo e dos depoimentos dos entrevistados, percebemos que não há um ambiente específico com o objetivo de reunir essa população para um momento de lazer, como uma praça, um campo e/ou uma quadra de esportes, etc. O que existe é apenas um barracão que os líderes da comunidade, há aproximadamente dois anos, utilizavam para reunir as famílias em datas comemorativas, mas, atualmente, está sem condições de uso.

Antes eles tinham um barracão aqui da comunidade, inclusive era a esposa do presidente da comunidade que ficava tomando conta desse barracão (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

O nosso barracão já até caiu, porque era de palha, acabou a palha caindo... Eu quero armar um barracão, mas não sei nem se vou continuar também nessa luta (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

O lazer para as crianças e adultos é, então, basicamente tomar banho no lago ou ir para a cidade de Tucuruí, aos finais de semana, seja para visitar amigos e/ou parentes ou para fazer compras. Porém, a opção de lazer, mesmo que apenas em algumas datas comemorativas, acontece também na escola.

Festinha, só quando eu faço a festinha do dia das mães, dia das crianças, as datas comemorativas aqui... aí eu busco a comunidade (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Em comunidades vizinhas¹⁰ há jogos de futebol, nos finais de semana, o que atrai alguns moradores. A uma única igreja na comunidade também é um lugar que reúne grupos de crianças, jovens e adultos com momentos de louvor e pregação, o que faz ser um momento diferenciado na rotina dos evangélicos desse lugar.

Na Cajazeirinha não tem campo. Lugar que tem campo é lá na Lago Azul, na Boa Vida, Cajazeira Grande, Vila Cametá, Piquiá, então é longe para ir para lá (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

O pessoal vai, vai lá para Água Fria, lá para o 24 jogar futebol, às vezes (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

¹⁰ A comunidade mais próxima de Cajazeirinha distancia-se dela num trajeto que dura cerca de 40 minutos de barco.

Final de semana é na igreja. Os evangélicos vão para a igreja e os que não são vão jogar bola no campo de futebol. A diversão que nós temos aqui é a igreja e campo de futebol. Não há nenhuma diferença entre final de semana e dia de semana, dia útil. Todos os dias na região aqui, todos os dias são iguais. Não tem esse dia de tirar um dia para descanso nem nada. Todos os dias temos que trabalhar. (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Hoje, quem é católico não tem igreja, mas quase toda comunidade tem um campo. [Um campo?] É, um campo. Então, eles se reúnem para jogar bola. Aí, há gente que põe porco lá para apostar, uma novilha, aí reúne 10, 15 times, jogam, quem chegou até o final e ganhou leva a novilha ou a vaca ou boi ou o porco (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Religiosidade

No que tange às práticas religiosas nessa região, observamos a presença de católicos e evangélicos. Embora nossa amostra seja pequena e não representativa, ela nos dá indicativos da prevalência de evangélicos na comunidade. Entre as crianças, a maioria evangélica se destaca ainda mais.

Tabela 7: Religião das mães e/ou responsáveis pelas crianças entrevistadas

Religião	Número de entrevistados	%
Evangélica	6	60,0
Católica	4	40,0
Total	10	100,0

Tabela 8: Religião das crianças entrevistadas

Religião	Número de entrevistados	%
Evangélica	10	62,5
Católica	1	6,3
Não tem religião	5	31,3
Total	16	100,0

A religião evangélica tem atraído fiéis na Cajazeirinha, desde a implantação de um templo da igreja Assembleia de Deus, há dois anos.

Nós temos uma sede da Assembleia de Deus. Apenas essa que nós temos aqui. Em média dois anos que nós estamos com a congregação aqui, evangelizando essa região aqui. Começou conosco aqui, há dois anos. Nós, com alguns obreiros, que vieram nos apoiar aqui. Estamos fazendo a obra até o dia de hoje. Sessenta a setenta por cento dos moradores aqui são fiéis aqui da congregação. Uma outra parte ainda não é (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

O catolicismo também está presente na comunidade, porém, os fiéis ainda não têm uma periodicidade de atividades, porque só há igreja na Vila Residencial, próxima da UHE Tucuruí. Por exemplo, os batismos são feitos de forma comunitária para aproveitar a presença do padre, como soubemos por outro líder da comunidade de Cajazeirinha:

Eu levei já vários padres, já fiz 58 batizados da minha casa, a gente arca com a alimentação da equipe, o pessoal, muita gente, é muita criança. Olha, para tu ter uma ideia, que já tem mais de oito anos, acho que está nessa faixa de uns oito anos que eu não faço batizado, eu acho que tem adolescente que não é batizado, porque a mãe não tem condições de vir assistir à palestra, assistir à reunião aqui em Tucuruí à noite para voltar. Então, o que acontece, os adolescentes estão tudo sem batizar. Não temos igreja, tem uma lá na Água Fria de crente, evangélica... (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A Paróquia de Santa Rita de Cássia, na Vila Permanente da UHE de Tucuruí, é a responsável pelo atendimento aos fiéis católicos da Cajazeirinha. No entanto, ainda é lento o processo de evangelização nesse lugar.

E para nós da Igreja Católica também é um desafio assistir mais essas pessoas. Conhecê-las e entender a razão da existência delas e criar um trabalho que seja favorável ao bem estar tanto espiritual, quanto também o bem estar material e sua organização (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

A programação ou a participação religiosa na igreja faz parte da rotina de boa parte dos entrevistados.

A rotina é durante o dia pescar e à noite ir para a igreja. [Todos os dias?] Em média, a metade dos dias da semana. A outra parte ficam em casa descansando (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Minha filha, nós só não participa na igreja porque fica meio distante, em Tucuruí. Agora, se fosse aqui perto, aí, está com oito meses que eu mandei chamar o padre. Aí, ele veio aqui, sempre ele vem. Era um padre, mas ele já foi embora, ele foi agora no mês passado. Ele vinha aqui, celebrava a missa. Ainda fez umas três missas aqui ainda. [Onde, aqui na sua casa?] Aqui na minha casa (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

[Aqui na comunidade tem missa?] Tem, não. Tem igreja, mas é de crente, mas eu não participo, porque eu sou católica (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Os meus meninos têm vontade de ir à igreja e a gente nunca levou na igreja aqui de crente. Mas só que eu ainda não levei, porque eu ainda não pude mesmo levar lá. Só que eles têm vontade de ir. Eu sempre falo para eles, que eu vou lá, levá-los uma hora lá. Eles falam: “– Mãe, nós queríamos ir na igreja.” Mesmo na igreja de crente, que eles nunca foram na igreja mesmo. Eu sempre falo para eles que eu vou lá levá-los, uma hora lá. Mesmo sendo católica, que eles têm vontade de ir em igreja (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Tem uma congregação. Eu não sei o nome da congregação, mas lá tem uma congregação. Na verdade, nessas regiões aí, Cajazeirinha, Acapú, tem Acapú 1, Acapú 2, todas elas têm uma congregação, por pequena que seja, mas têm. A Assembleia de Deus é bastante organizada e... tem pastor lá que mora lá. A Rio Jordão é como se fosse o templo central. É onde reúne todas as congregações, fica no Rio 24. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Para um formador de opinião, além da questão espiritual, a Igreja poderia contribuir com o desenvolvimento social da região:

A Igreja o primeiro objetivo dela é evangelizar, que é a missão da Igreja, levar a presença de nosso Senhor, levar os sacramentos, essa parte. Mas a igreja também, sobretudo a nossa Igreja Católica tem também uma perspectiva social, ou seja, é repensar, discutir com as comunidades de que forma elas possam viver melhor a sua vida. Oração, importantíssimo, mas também como vai transformar isso em ações, ações de dignidade, de melhorias, de comunhão entre as pessoas para exigir os seus direitos. Então tudo isso é o papel que a gente tem que trabalhar (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

Educação

A educação na comunidade está sob a responsabilidade do município de Tucuruí. Para chegar a ter escola nessa comunidade foi necessário unir vários esforços, inicialmente, dos moradores, que conseguiram construir um lugar simples, coberto de palha, onde reuniam as crianças para estudar. O professor, para elas, veio em seguida, quando líderes da comunidade foram para Tucuruí buscar incentivo da prefeitura, e lá conseguiram um professor que se dispôs a ensinar nesse lugar, mesmo com tantos desafios para ir e vir, como percebemos nos relatos abaixo.

Os moradores velhos que moravam aqui já foram tudo embora, só tem nós mesmo. Só nós e seu ... Seu ... não mora aqui, ele é comerciante, ele mora em Tucuruí, só tem a ilha aí. Morador mesmo aqui somos nós. Foi chegando tanta criança, não tinha colégio para as crianças, aí o meu marido foi, falou: “– Gente, nós tem que fazer uma escolinha aqui para essas crianças.” Mas como que vem professor para cá? “–A gente dá um jeito.” Ele foi, tirou umas palhas mais os pais, e aí fez um coleginho de palha, não sabe? Aí, cortou uns sebinhos de pau para botar para eles estudar na salinha. Quando a chuva vinha, molhava tudo dentro... Quando foi um dia, eu estava lavando louça ali, um meninozinho numa canoinha. O banco dele estava muito grande, aí a criança ia se alargando, morrendo afogada. Aí, eu gritei para meu marido: “– Corre, corre, que a criança está morrendo afogada!” Ele foi, nós tinha uma rabetinha. Ele pegou a rabetinha, saiu, aí quando chegou lá, o menino já estava se afundando. Ele tirou ele e levou o bichinho para a casa dele. Quando foi no outro dia, ele foi na secretaria. Aí, minha filha, ele disse: “– Eu vou conseguir o professor.” Ele foi, falou com um professor lá de Tucuruí, aí ele disse: “– Eu vou, sim”. Aí, ele veio satisfeito, coitado, ele vinha do 11, de canoa. Ele veio, vixi, ele andou quase um ano de canoa. Todo dia, todo dia. Foi luta... meu marido pelejou e pelejou e pelejou, até que ele conseguiu uma lancha para cá. Quando ele conseguiu uma lancha, aí melhorou mais. Aí melhorou, que as crianças já vinham de lancha para o colégio (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

[Mas o professor vinha por conta dele ou ele recebia pela prefeitura?] Ele recebia pela prefeitura, minha filha. Meu esposo que falou com a prefeitura, depois ele juntou os pais das crianças, aí foi lá na prefeitura para poder arrumar material para fazer um colégio. A secretária falou: “– É, nós poderemos ajeitar o material para fazer o colégio: as tábuas, as telhas, mas só que não tem embarcação para carregar.” Ele disse assim: “– Eu dou um jeito e carrego.” Ela disse: “– Mas não tem quem faz o colégio.” Ele disse: “– Eu faço. Nós junta mais os pai, nós faz o colégio para as crianças.” Aí, isso foi o que aconteceu. (Em que ano, então, criaram essa escola?) Está com uns 11 anos, né? A Escola Emília Rodrigues. Foi antes da indenização daqui, muito, ó (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Com o tempo, a Prefeitura Municipal de Tucuruí (PMT) foi construindo escolas em comunidades da região do lago. Em 2013, segundo uma das líderes entrevistadas, havia seis escolas para atender a todos os moradores das ilhas do lago da UHE, além das que foram fechadas: Escola Dom Humberto (Comunidade Cajazeira Grande), Escola Raimundo de Assis (Comunidade Acapu) e Escola Alcobaça (Comunidade Alcobaça). Atualmente, as escolas em atuação na região do lago, são:

Quadro 2: Escolas existentes nas ilhas do lago da UHE

ESCOLA	COMUNIDADE
Ararão	Ararão
Emília Rodrigues	Cajazeirinha
Manuel Mendes	Água Fria
Moruré	Vinte e Quatro
Ouro Verde	Vinte e Quatro
Prudente de Moraes	Piquiá
Total de Escolas	6

Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo, em abril 2013.

A Escola Municipal Emília Rodrigues Pereira está instalada em uma das ilhas da comunidade Cajazeirinha, distante cerca de três quilômetros da ilha mais próxima. Pela dificuldade de acesso às ilhas e desconhecimento do número total de famílias, a elegemos para ter contato com as crianças que comporiam nossa amostra – nossa decisão foi a de trabalhar com as que estão matriculadas e frequentando as aulas. Destacamos que, a escola fica isolada, constituindo-se um verdadeiro pedaço de terra cercado por águas.

Figura 32: Fachada da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Nessa escola, há somente uma sala de aula, em cujas paredes há vários cartazes de campanhas do Governo Federal, recortes e colagens de revistas e desenhos, uma prateleira simples com poucos livros e um cartaz indicando: “Cantinho da leitura”.

De acordo com um dos líderes da comunidade, que há nove anos atua nas ilhas do Lago de Tucuruí, entrevistado em 2012, a Escola Emília Rodrigues recebia, até o ano de 2011, alunos de 6 a 15 anos de idade. Os alunos tinham quatro horas-aula por dia, incluindo o recreio. Os horários eram das 7h15 às 11h e das 13h30 às 17h30. Esse entrevistado afirmou que, no ano de 2012, as aulas iniciaram em janeiro, com férias em julho; o retorno das atividades ocorria em agosto e o término no final de novembro.

Nessa escola, ao lado da sala de aula, há uma pequena cozinha, onde a própria professora prepara o lanche dos alunos e lava as louças, enquanto eles fazem suas tarefas. Notamos as precárias condições de utilização, saneamento e higiene, como indicado em relação à água potável:

Eu trago água da cidade para eu tomar durante a semana, e para as crianças é o jeito eu pegar do rio, aí eu coloco nesse filtro de barro, porque até hoje a prefeitura não mandou água para os alunos (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Figura 33: Cozinha e copa da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Figura 34: Crianças lanchando durante o intervalo da aula na Escola Emília Rodrigues



Fonte: Autora (2013)

Os dois únicos banheiros ficam situados atrás da escola e não possuem encanamento, sistema hidráulico ou fossa. Todos os dejetos caem no solo. O caminho para os banheiros é rodeado de árvores, pois eles ficam no meio do mato, e situam-se em um terreno em declive em relação à escola. Já os resíduos sólidos da escola são despejados em dois improvisados tubos de concreto que estão instalados ao lado da escola.

Figura 35: Banheiros da Escola Emília Rodrigues, na Cajazeirinha situados no meio do mato



Fonte: Autora (2013)

Figura 36: Lixo escolar entulhado ao lado da escola Emília Rodrigues, na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Em uma de nossas visitas à comunidade, em 2012, notamos que as crianças usavam coletes salva-vidas para viajarem de barco, e aparentavam estar felizes por irem à escola, apesar de todas as dificuldades para se chegar ao local. Crianças e adolescentes iam para a escola em uma voadeira, que identificava em letras grandes e maiúsculas a palavra “ESCOLAR”, transporte de responsabilidade da PMT. A mesma voadeira, que levava os jovens para a aula da tarde, também levava as crianças do turno da manhã e as conduziam para suas casas, situadas em ilhas distintas dessa comunidade. No entanto,

essa embarcação não é mais usada na Cajazeirinha, como pudemos comprovar nas últimas idas a campo, em 2013.

Figura 37: Crianças chegando à Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha



Fonte: Autora (2012)

Conforme dissemos, em 2013, durante pesquisa de campo nos deparamos com uma realidade distinta do ano anterior. A embarcação que leva as crianças não era mais uma voadeira, mas um barco, que não oferece colete salva-vidas para os passageiros e não dispõe de uma pessoa (monitor) para acompanhá-las durante o trajeto. É importante destacarmos que essas condições existiam até 2012, quando visitamos a comunidade.

Como as crianças viajam sem acompanhamento e sem equipamentos de segurança, houve um dia que duas crianças brigaram dentro do barco e uma delas quase caiu no rio. Por esses motivos, os pais elaboraram um abaixo assinado direcionado à PMT, solicitando coletes e um monitor para a embarcação, mas até o período da coleta dos dados (abril de 2013) a solicitação ainda não havia sido atendida.

Figura 38: Crianças saindo da Escola Emília Rodrigues, na Comunidade Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Figura 39: Crianças, sem colete salva vida, na volta para casa, na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Figura 40: Parte interna da embarcação que leva as crianças para a escola, na Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Ainda em 2012, a escola visitada tinha 24 alunos distribuídos da seguinte maneira: 12 pela manhã (1º ao 3º ano) e 12 à tarde (4º ao 5º ano). O primeiro ano corresponde à antiga alfabetização. A professora também comentou que há outra escola, mais afastada da Cajazeirinha: Escola Manuel Mendes, que atende crianças do 1º ao 9º ano (antiga 8ª série do Ensino Fundamental). Por ser uma escola maior, a professora destacou que há intenção da Prefeitura Municipal de Tucuruí de fechar a Escola Emília Rodrigues e transferir os alunos para a Escola Manuel Mendes, no entanto, isso ainda não aconteceu. Como essa escola recebe alunos de outras cinco comunidades das ilhas do Lago da UHE de Tucuruí – Piquiá, Água Fria, Vinte e Quatro, Barro Vermelho e Cajazeirinha, decidimos não incluí-la na amostragem da parte empírica deste estudo.

Tabela 9: Quantidade de alunos matriculados na Escola de Cajazeirinha por ano

Ano Escolar	Quantidade de Alunos
1º ano	3
2º ano	3
3º ano	2
4º ano	7
5º ano	2
Total de Alunos	17

Fonte: Autora (2013)

O fato de haver finais de semana uma única turma multisseriada nessa escola é um dos grandes problemas enfrentados tanto pela professora quanto pelos alunos e, conseqüentemente, causa preocupação aos pais, que temem pelo fechamento dessa escola na região.

O aprendizado das crianças... É mais difícil. A gente se desgasta mais e eles aprendem menos, porque trabalhar com cinco turmas, cinco séries, uma turma, cinco séries aqui junto é complicado, desgasta. Desgasta muito o professor e a criança aprende pouco. [Nas outras escolas é assim também? Ou é separado por série?] Sim, é separado. Ouro Verde, Manoel Mendes e a Presidente Prudente de Moraes é separado por série. Agora, a Manoel Evandro é que nem aqui, só que são dois períodos na Manoel Evandro, aí melhora um pouco. Melhora, que alfabetiza de manhã e à tarde trabalha já as terceira e quarta séries, que são mais avançadas, diferente daqui (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Moramos aqui quase dois anos. Bom, eu vim mesmo para ficar aqui. Mas de vez em quando eu passeava aqui. E o que eu vejo mesmo, que é precário aqui nesse lugar, é o colégio. Pega muita coisa no colégio, é na embarcação. E se eu for falar para você, eu não termino... Não é sobre a professora. Que graças a Deus, Deus deu uma professora boa. É uma ótima professora para os nossos filhos. E ela desenvolveu o ensinamento deles. Porque antes, quando vinham as professoras para aí, eles não desenvolviam o estudo. E agora, essa professora conseguiu desenvolver um pouco assim, ensiná-los. Que muitos por aqui não sabiam ler e estão aprendendo. E sobre o colégio, é porque o colégio, você viu que é pequeno lá. O colégio é pequeno, a sala de aula, a professora tem que dar aula para cinco séries. Eu não sei se ela comentou isso com você. E nós somos desprezados por isso, pela prefeitura, para cá. Você olha aqui, não vê algo, nada que chame a atenção aqui para nós, que o prefeito colocou, não. E ainda por cima querem tirar o colégio. E foi que os pais meteram o peito para não tirar. E mesmo assim, estão lutando para tirar esse colégio daqui. E como eu lhe falei, a embarcação, para onde eles querem tirar esse colégio, não dá. Porque tem criança de seis anos, de seis para cima, até 12 anos, que estudam. E quando os filhos mais velhos que estudam, já passam, a voadeira quebra, passam fome às vezes o dia inteiro. Imagina umas crianças dessas? Não tem condição... (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

A partir desses dados, constituímos o universo de nossa pesquisa empírica: 17 crianças matriculadas no Ensino Fundamental dessa escola. No entanto, por um problema de saúde, pois uma das crianças estava com uma forte gripe e não pôde

participar das atividades na pesquisa em campo, a amostra final foi composta por 16 crianças entrevistadas, conforme apresentado na introdução desta dissertação.

Portanto, ao descrevermos analiticamente esse cenário o encaramos como as mediações socioculturais que constituem parte da experiência da comunidade Cajazeirinha.

2.2 Para além dos meios

Guiando-se pelo teórico Jesús Martín-Barbero (1997), França sublinha a importância de perceber o universo cultural dos indivíduos pesquisados, considerando que eles são os responsáveis por construir suas próprias histórias. Assim, a formação de novos sujeitos em suas diversas dimensões sociais e políticas, nos ajuda a pensar em uma:

Reconceitualização da cultura que nos confronta com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa, não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais. Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 285).

Logo, há nesses pontos uma observação interna e externa, respectivamente, sendo que cada esfera instiga uma compreensão específica. Por sua vez, na análise da comunicação, ou melhor, a abordagem comunicacional visa mesclar esses dois olhares, pois,

[...] o movimento do social que se internaliza e conforma o texto, o texto que se externaliza e modifica o campo do social e da cultura. Não se trata de outro objeto empírico, outro fenômeno social: a abordagem comunicacional se debruça sobre fenômenos do mundo que são também analisados sob outras perspectivas (a distinção se situando aí na pergunta e nos interesses de conhecimento específicos de cada uma). A abordagem comunicacional busca desvelar, nos fenômenos sociais, a presença da comunicação enquanto momento instituidor. Seu objetivo é apreender as relações comunicativas, relações estabelecidas pelas práticas simbólicas, como um espaço de agenciamento e de escolha; um embate de forças. Este embate é a experiência comunicativa (FRANÇA, 2006, p. 19).

França (2006, p. 19) defende o posicionamento de que a ação, que constitui os sujeitos da comunicação, vai além da ação de emitir e receber, e é mais delineada do que uma ação no mundo de uma forma geral. Isto é, é a ação de afetar e ser afetado pelo outro. “É produzir/consumir discursos, representações, sentidos *para e em decorrência*

do outro – e sofrer, junto com ele (embora, não necessariamente, igual a ele), as consequências”.

Analisar os sujeitos no processo comunicativo significa, então, identificar, concomitantemente, nos textos, as marcas dos sujeitos, e em seus posicionamentos, a maneira como atuam, como respondem e produzem sentidos.

[...] a análise comunicativa vai buscar a atualização de possibilidades, a realização de experiências vivas que marcam sua adequação às (e a modificação das) estruturas nas quais esses sujeitos estão inseridos. Não se trata, portanto, da análise de um texto, ou da caracterização de um sujeito, mas do movimento dos textos (narrativas, discursos, representações) no contexto das interlocuções (FRANÇA, 2006, p. 19).

Nesse sentido, é necessário pensar a comunicação a partir da cultura, isto é, focalizar as análises nas mediações, estas compreendidas como “[...] lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292).

Os lugares das mediações culturais, segundo Martín-Barbero (1997), são a cotidianidade, a temporalidade e a competência cultural. Vera França explicita esses três lugares privilegiados das mediações, da seguinte maneira:

É para o espaço da cultura e para esses lugares das mediações que se dirigem os estudos; para as investigações das **práticas cotidianas**, desenvolvidas nessa “situação primordial de reconhecimento” que é a família; para a significação social do **tempo** da produção em contraposição a outras temporalidades; para as distintas **competências culturais** que desfazem as fronteiras rígidas de classes e atravessam os agrupamentos sociais por via da educação formal, mas também através das configurações trazidas pelas etnias, culturas regionais, imaginários (FRANÇA, 2006, p. 8, grifos nossos).

Além disso, França (2001) assim distingue duas concepções do objeto da Comunicação: os meios de comunicação e o processo comunicativo. O primeiro diz respeito à mídia como um objeto empírico, supostamente simples e objetivo, que não pode ser visto como um objeto definidor da área, mas sim, como aspecto central ou uma característica da sociedade contemporânea. A autora, também ressalta que se apenas a mídia fosse vista como um objeto de pesquisa haveria a exclusão de outras práticas comunicativas que marcam a vida social, por isso nosso estudo amplia o foco ao investigar as relações e mediações que ocorrem na comunidade Cajazeirinha, que transcendem a investigação para além do contato com os meios.

Já o processo comunicativo, que pode ser compreendido como processos de produção e circulação de informações, conceituado por França (2001) como um objeto de grande amplitude, implicaria a dificuldade de encontrar a especificidade da

Comunicação. Ao se configurarem os processos de produção, circulação e construção de sentidos, como objetos de estudo da Comunicação, ainda se corre o risco de confundir-se com o estudo das relações sociais a partir da cultura.

Rüdiger também destaca que a Comunicação ocorre a partir da “conversação” na (e da) sociedade em interação, já que se trata de “uma espécie de mediação cotidiana do conjunto das relações sociais, da difusão das ideias e da formação das condutas que têm lugar na sociedade” (RÜDIGER, 1998, p. 16). Sobre a compreensão do termo, adotamos a definição de Braga:

O termo “conversação” tem a vantagem de não se confundir com qualquer outro tipo de interação social. A expressão “conversar” chama a atenção, imediatamente, para o aspecto de troca comunicacional (ainda que o objeto de uma “conversa” possa ser de diversas naturezas – econômica, política, militar, científica, ou sensual). Os modos e objetivos específicos são deixados em segundo plano, e a palavra enfatiza a troca e o fato de que essa troca é uma comunicação. Poderíamos assim dizer que o objetivo e o objeto do Campo de Estudos em Comunicação, de modo quase tautológico, é observar como a sociedade conversa com a sociedade (BRAGA, 2011, p. 66).

A partir da perspectiva de Martín-Barbero (1997), Braga (2011), também analisa a Comunicação com foco na cultura, para isso ele destaca duas perspectivas, que no espaço cultural estão ligadas diretamente ao estudo da Comunicação. A primeira, é observar a diversidade como base para uma problematização com foco comunicacional, enquanto que no ângulo cultural, observa-se, tradicionalmente, a cultura enquanto identidade. A segunda perspectiva é a de autorreflexão do gesto cultural, que significa que as pessoas já não agem, somente, baseadas em hábitos e ações tradicionais, mas sim por “regras” conscientemente próprias.

Quando a cultura se percebe cultura, quando o gesto que faço não pode mais se justificar como se fosse “natural” – através de um “é assim que se faz” – já não estamos, exclusivamente, no território da cultura, mas também no da Comunicação. Ou seja: não é mais cultura enquanto modo de ser, mas cultura enquanto comunicação. É sempre “cultura”, é claro, mas não o é mais apenas como nos acostumaram a vê-la os antropólogos. O gesto de cultura (fala, dança, criação, comportamento), em situação de autoexplicação, já não é apenas movimento de participação e de identificação do indivíduo na comunidade. É também expressão consciente desse identificar-se – é comunicação (aos iguais e aos diferentes) da opção feita. Corresponde a uma seleção entre diversos jogos e atuação consciente sobre suas regras, via interação social. É nesta perspectiva que o gesto cultural nos interessa (BRAGA, 2011, p. 75).

Ultrapassar as fronteiras do território dos meios de comunicação, isto é, imergir a comunicação no âmbito cultural na perspectiva de Martín-Barbero (1997), nem sempre, é estudado de maneira coerente, segundo Braga: “Ao passar dos meios às mediações, às

vezes o que parece haver de propriamente comunicacional nas relações dos usuários com a mídia, parece se diluir no ‘cultural’” (BRAGA, 2011, p. 67). Essa perspectiva significa desafiar hipóteses “de um ângulo pelos resultados de outro, através de um tensionamento entre as diferentes visadas; buscar perguntas mais abrangentes; desenvolver hipóteses heurísticas que procurem articular fragmentos de conhecimento diferentemente produzidos” (BRAGA, 2011, p. 74).

É importante destacar, que recepção e mediação são conceitos que constituem os processos comunicacionais, e para a compreensão desses processos é importante ter claro o que é comunicação e como se delimita um objeto de estudo nessa área, para então, se refletir sobre o objeto de estudo desta pesquisa, que está pautado na análise da presença da televisão na constituição do processo comunicacional. No nosso caso, como parte do cotidiano das crianças da comunidade Cajazeirinha.

Seguindo nessa linha, o conceito de recepção vem para superar a visão limitada de comunicação a partir de emissor/receptor, como um efeito de comunicação. Guillermo Orozco Gómez (2001) propõe a recepção como interação: “Recepción no puede entenderse como mero recebimiento, sino como una interacción, siempre mediada desde diversas fuentes y contextualizada material, cognitiva y emocionante” (OROZCO GÓMES, 2001, p. 23).

Como já discutimos, o receptor não é um agente que absorve, passivamente, um conteúdo midiático, mas aquele que participa, que constrói sentidos dentro de seu contexto cultural. Nesse sentido, nota-se a necessidade de investigar as relações entre receptores dos meios de comunicação e as mediações decorrentes, considerando a cultura e os valores sociais. Consideramos, pois, que “os ‘usos’, portanto, são inalienáveis da situação sociocultural dos receptores que reelaboram, ressignificam e ressemantizam os conteúdos massivos, conforme sua experiência cultural, suporte de tais apropriações” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 66). Na mesma linha, Martín-Barbero destaca que “a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-nos do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 213).

Como abordado anteriormente, os pesquisadores destacam que os Estudos de Recepção têm ocorrido no campo da Comunicação em diferentes abordagens: sob a ótica da teoria dos Efeitos, a partir da *Communication Research*; da teoria dos Usos e Gratificações, quando os chamados “receptores” passam a ter um certa autonomia; das teorias Literárias, com as análises de discursos; até os Estudos Culturais, que vêm

fomentando, cada vez mais, os estudos de recepção na América Latina, principalmente no Brasil.

Os Estudos de Recepção têm deslocado a análise, que sai dos efeitos da comunicação para a investigação da recepção, lugar que concentra boa parte do *processo de comunicação*, usando como principal abordagem, os Estudos Culturais, como se pode perceber nas pesquisas de Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks (2005).

Essas autoras são exemplos no levantamento de Estudos de Recepção feitas no Brasil, durante a década de 1990. As autoras demonstraram que, 73% das pesquisas analisadas, estão na categoria “socioculturais”, que remetem às pesquisas que possuem uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos mediáticos, levando em consideração as relações sociais e culturais, o que demonstra a importância dos Estudos Culturais nas pesquisas no país. As duas categorias restantes, nas pesquisas de Escosteguy e Jacks (2005), são da linha “comportamental”, que incluem os estudos relacionados com a temática dos efeitos e Usos e Gratificações; e “outros”, categoria esta, que reúne pesquisas que descrevem teorias ligadas à recepção. Em estudo posterior, há, novamente, essa constatação em relação aos estudos de recepção:

Nesse contexto, o processo de comunicação nos estudos de corte sociocultural é entendido como horizontal, onde não há um emissor onipotente manipulando um receptor passivo, mero depositário de mensagens, mesmo que haja uma tentativa de imposição de um discurso hegemônico por parte dele. Logo, a recepção não se restringe ao momento de assistir à televisão, começando bem antes e terminando bem depois desse ato. Esses são pressupostos que também balizam os trabalhos de ‘Abordagem Comportamental’, embora não sejam implementados em suas análises e resultados finais, uma vez que, metodologicamente, restringem-se à aplicação de questionários para conhecer hábitos de exposição aos meios e não exploram a produção de sentido” (JACKS, MENEZES, PIEDRAS, 2008, p 106).

A análise da recepção, segundo Jacks e Escosteguy (2005), pode ser considerada a mais inclusiva perspectiva, por fazer uso de várias técnicas de pesquisa empírica para o estudo qualitativo da audiência, aproximando ciências sociais e estudos literários, por exemplo

Nesse foco, as autoras destacam que a análise de recepção “comparte com os estudos culturais a concepção sobre a mensagem dos meios, considerando-a como formas culturais abertas a distintas decodificações, e sobre a audiência, definindo-a como composta por agentes de produção de sentido” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 42)”.

No caso das crianças das ilhas do Lago de Tucuquí que têm a televisão, de alguma forma, praticamente como o único meio de entretenimento e informação – mesmo que por um tempo curto no dia, por não terem disponibilidade de energia elétrica constante, precisam economizar a energia da bateria – é relevante analisar como ocorre a interação entre elas, a partir do que assistem na televisão, levando em consideração a realidade local: inexistência de energia elétrica, embora sediados nas proximidades da hidrelétrica.

É na perspectiva de Estudos de Recepção que abordaremos no próximo capítulo as relações estabelecidas entre o público de nossa pesquisa e os meios de comunicação massiva presentes na comunidade da Cajazeirinha, em Tucuquí. Vale resaltar, porém, que os resultados da pesquisa ainda são exploratórios e de uma primeira aproximação de um empírico tão rico e envolvente.

“É muito difícil olhar para Amazônia e não ver apenas uma paisagem desumanizada; É muito difícil olhar para a Amazônia e ver os homens; É muito difícil olhar para os homens da Amazônia e vê-los como são e não como gostaríamos que fossem; É muito difícil ver os homens da Amazônia em sua diferença sem inferiorizá-los; É, principalmente, muito difícil ouvir os homens da Amazônia e deixar que falem por si mesmos”

(Edir Augusto Dias)

Comunicação Midiática no Cotidiano da Cajazeirinha

3 COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA NO COTIDIANO DA CAJAZEIRINHA

Neste capítulo, analisaremos como os moradores da comunidade Cajazeirinha, que ainda mantêm fortemente uma tradição oral e dispõem de infraestrutura limitada, constituem seus processos comunicacionais também a partir dos meios de comunicação. Assim, destacaremos como esses sujeitos, especialmente as crianças, reelaboram e circulam no cotidiano as mensagens oriundas da mídia.

Os meios de comunicação, como produções culturais, integram a história das sociedades ocidentais modernas, desencadeando diversos e complexos processos comunicacionais, sobretudo, quando esses meios tornam possíveis interações sociais envolvendo múltiplos públicos que habitam espaços e tempos não necessariamente iguais.

Thompson (2011) analisa o papel da mídia nas sociedades modernas apontando como o desenvolvimento dos meios de comunicação transformou as práticas sociais a partir da integração de tecnologias à comunicação, o que possibilitou a criação de novas redes e fluxos comunicacionais.

Para o autor, a mídia constitui novos modos de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas, em que existe um “meio técnico” como elemento material pelo qual a informação é fixada e transmitida. Para além de um simples meio técnico, porém, o desenvolvimento tecnológico confere características específicas à comunicação midiática.

A primeira característica é a *fixação*, que permite preservar a mensagem (forma simbólica), ou seja, se a comunicação aconteceu de forma escrita, seja por meio de uma carta, jornal ou e-mail, a fixação da mensagem será maior do que a comunicação face a face. A mídia também se caracteriza pela reprodutibilidade, compreendida por Thompson (2011), como a capacidade de multiplicar uma forma simbólica de modo a estar disponível ao acesso de inúmeras pessoas.

Nas sociedades antigas, que usavam pedras para fazerem registros escritos, dificilmente havia uma reprodução. No entanto, com o desenvolvimento social e o da escrita, e a partir do pergaminho e do papel aumentou consideravelmente a reprodutibilidade das formas simbólicas (mensagens). E este aumento de reprodução é a base da exploração comercial dos meios de comunicação, pois essa característica fez com que as formas simbólicas pudessem ser mercantilizadas.

Já o terceiro aspecto dos meios técnicos é que eles permitem um determinado grau de distanciamento espaço-temporal. Ou seja, em todas as formas de comunicação midiática não se faz mais imprescindível a presença física dos sujeitos interlocutores, tampouco a simultaneidade se torna obrigatória. Há, portanto, a possibilidade de um afastamento entre aquele que envia e o que recebe a mensagem, que não precisam mais dividir o mesmo espaço-tempo para produzirem e consumirem formas simbólicas.

A mídia, assim, possibilita formas de interação que, com o acelerado avanço tecnológico, complexificam os processos de comunicação. Em grande medida, é a emergência dos fenômenos midiáticos e suas implicações na organização da vida social que fazem com que os meios se tornem objetos empíricos para estudos sociológicos, históricos, psicológicos, dentre outras perspectivas, até se constituírem como um dos objetos empíricos possíveis de serem analisados pela Comunicação. Não é à toa que grande parte das pesquisas em Comunicação tem como ênfase processos midiáticos.

Em parte, o foco nos meios fez com que a área de comunicação passasse a considerar, a estudar a mídia a partir de um viés mais técnico do que cultural. Esse é um dos fatores que levam autores contemporâneos a refletir sobre o que a área tem a contribuir para a compreensão da comunicação, não somente do ponto de vista do impacto da presença dos meios em determinados contextos, mas como esses contextos dialogam com a mídia em processos de comunicação.

Por isso, França (2001) e Braga (2011) discutem o objeto de estudo da Comunicação buscando ampliar a visada da comunicação para além dos meios, sem deixar de conferir à mídia sua importância na constituição das dinâmicas sociais contemporâneas.

Braga (2011) aponta duas recorrentes visões sobre a comunicação: uma primeira, em que ela é percebida como fenômeno presente em todas as esferas da vida; e outra, em que ela é reduzida aos meios de comunicação massiva. Na primeira perspectiva, considerada holística, a comunicação se torna importante objeto de análise para diversas áreas do conhecimento, pois permeia todos os processos sociais. Estando em toda parte, porém, a comunicação, em termos de foco de estudo, acaba não estando em lugar algum. A segunda visão, por sua vez, é considerada reducionista, pois fixa o olhar do pesquisador nos meios, deixando, de lado, por vezes, outros ângulos que também seriam relevantes para a compreensão da comunicação como fenômeno humano e social.

Diante disso, o autor prefere “utilizar a expressão ‘interação social’ (ou, quando necessária maior explicitação, ‘interação comunicacional’), ou ainda, simplesmente

‘interação’ – abrangendo, mas não se restringindo àquelas trocas do modelo alternado-recíproco” (BRAGA, 2011, p. 66), ou seja, contemplando processos os mais diversos que incluem tanto a comunicação midiática quanto diálogos face a face.

Para França (2006) também é possível compreender o processo comunicativo como a possibilidade de uma interação. Significa analisar o núcleo da relação, a força que propicia aos sujeitos interlocutores produzirem sentido, de maneira que sejam afetados simultaneamente. “Tomar a interação como pressuposto é mais que analisar suas formas, é analisar a comunicação como lugar de força – como lugar, espaço ou forma que suscita a ação (intervenção) e permite / acolhe a mudança (o imprevisível)” (FRANÇA, 2006, p. 19).

Thompson (2011) indica três formas de interação: a) a interação face a face, em que a comunicação se dá presencialmente entre sujeitos integrados a um mesmo contexto); b) a interação mediada, que necessita de um meio técnico, como uma carta, um *e-mail*, entre outros, para repassar a mensagem, o que, possivelmente, ocorre quando os interlocutores estão em lugares e/ou tempos separados; e c) a quase-interação mediada, que ocorre a partir do que é transmitido pela TV, rádio, jornal, revista e outros meios de comunicação, em que mensagens são produzidas e recebidas em contextos separados, assim como são disponibilizadas em espaços e tempos diferentes.

3.1 Meios de Comunicação Presentes em Tucuruí

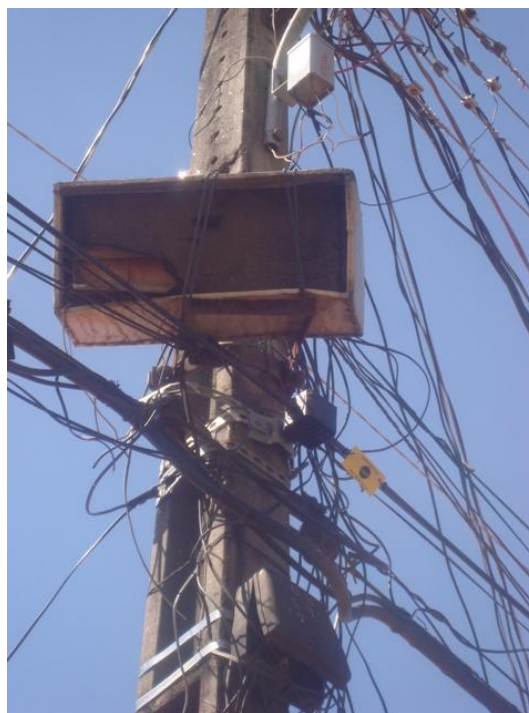
De acordo com a revista Desafio¹ (2007), em edição especial pelos 60 anos de Tucuruí, até o início das obras da UHE Tucuruí não havia meios de comunicação de massa na cidade. Então, o senhor Vila Seca, morador conhecido como Mané Seco, criou um sistema para informar avisos da cidade à população e também para fazer propagandas de lojas e programações religiosas. Esse sistema, que ainda existe em Tucuruí, iniciou-se com a instalação de uma rádio-poste² com dois alto falantes, que, atualmente, ainda existe com um sistema de caixas de som colocadas em postes de iluminação, nas principais avenidas da cidade (DESAFIO, 2007).

¹ A revista Desafio citada era uma publicação mensal de uma revista sobre Tucuruí, editado pela igreja Assembleia de Deus.

² Consideramos rádio-poste, conforme a seguinte descrição: “[...] um sistema de comunicação que usa cabos de som ligados a cornetas ou caixas acústicas instaladas nos postes de iluminação de uma determinada rua. A transmissão é feita nas zonas centrais ecomerciais das pequenas e grandes cidades, tendo como característica principal a transmissão de publicidade e música” (CONDE, BARBOSA, SILVA, 2011).

Figura 41: Rádio poste, instalada em Tucuruí

Fonte: Autora (2013)

Figura 42: Detalhe da rádio poste, em Tucuruí

Fonte: Autora (2013)

De acordo com um pesquisador da história de Tucuruí e também profissional da área de Comunicação³, a presença do rádio na cidade tem início em 1958, quando Mané Seco disponibilizou a Rádio Cruzeiro do Sul, colocando uma caixa de som em alto volume no centro da cidade, com o intuito de possibilitar aos moradores ouvirem e acompanharem os jogos da Copa do Mundo, que ocorreu na Suécia, quando o Brasil foi pela primeira vez Campeão Mundial de Futebol e levou (ou melhor, trouxe) a taça Jules Rimet. Esse pesquisador e radialista, que registra as datas em sua memória pelas edições da Copa do Mundo, frisa que, em 1962, já havia rádios de pilha em Tucuruí, além disso, destaca que a primeira transmissão da Copa pela televisão foi em 1970.

No entanto, ele destaca que, em Tucuruí, as imagens televisivas chegaram apenas no período da Copa do Mundo de 1978, que aconteceu na Argentina. Ela foi transmitida pela TV Globo e retransmitida pela TV Liberal, que liberou imagens para Tucuruí. A viabilidade da retransmissão das imagens da TV Liberal nessa cidade era por conta da presença da Eletronorte e da Camargo Corrêa, que emprestavam a torre de transmissão e um espaço com equipamentos, formando um estúdio.

³ Esse entrevistado atua há 31 anos na área da Comunicação nessa cidade.

Além da Copa do Mundo, outras programações foram retransmitidas na cidade. No entanto, as notícias do país e do mundo chegavam à cidade com atraso, por meio do Jornal Hoje, televisionado no horário do almoço, pela Rede Globo, mas transmitido em Tucuruí às 20h. Também, as telenovelas sofriam atraso na transmissão de seus capítulos, em torno de uma semana de diferença do restante do país. “As crianças decoravam as falas dos seriados ‘Mulher Maravilha’ e do ‘Spektromam’” (DESAFIO, 2007, p. 41).

Em 31 de dezembro de 1981, foi inaugurada a segunda estação de TV nessa região: TV Floresta, canal 12, que tinha também o apoio da Eletronorte e da Camargo Corrêa, mas, nesse caso, para retransmitir imagens da TVS Belém, que era repetidora do SBT. O jornal O Desafio⁴, em sua edição de dezembro de 1982, acerca da inauguração da TV Floresta em Tucuruí, destaca que: “Nessas condições, a programação continuará sendo, como é atualmente, transmitida com uma semana de diferença em relação ao resto do país” (O DESAFIO, 1982).

Foi no ano de 1982, praticamente, que teve início o trabalho do grupo de comunicação que predomina em Tucuruí: o Sistema Floresta de Comunicação, afiliado ao SBT.

O grupo constitui, na verdade, a união de duas empresas, o Sistema Floresta propriamente dito, que possui 5 retransmissoras nas regiões paraenses do Lago de Tucuruí e do Baixo Tocantins e a Rede de Televisão Paraense (RTP), um conjunto de 12 retransmissoras no nordeste do Pará. O grupo também possui a Rádio Floresta AM, a Rádio Floresta FM, ambas em Tucuruí, uma produtora de audiovisual e uma gráfica (CASTRO, 2012, p. 9).

O Sistema Floresta de Comunicação, que aí tem televisão e rádio AM/FM, a Energia FM e a Rádio Filadélfia, que é uma rádio comunitária da Assembleia de Deus (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Em 29 de outubro de 1982, houve a inauguração da primeira emissora de rádio oficial de Tucuruí: a Rádio Floresta, pois, até então, havia apenas a rádio-poste do senhor Mané Seco, atualmente denominada Publicidade Sherazard. O primeiro departamento de jornalismo dessa rádio foi composto por Nonato Santos, Walmyr Corrêa e João Marques Cardoso (O DESAFIO, 1982, p. 3).

[E aquela que tem lá nas escadarias, que fica no poste?] Ah sim, aquilo ali não é bem uma rádio, é uma coisa de propaganda do finado Mané Seco não sei se é Sherazad, não lembro o nome... (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

⁴ Jornal mensal da empresa Construções e Comércio Camargo Corrêa S/A sobre o desenvolvimento da obra da UHE Tucuruí, em meados da década de 1980.

O programa mais antigo dessa emissora é o jornal Tucuruí Agora, que é líder de audiência dos moradores das ilhas do Lago de Tucuruí, inclusive da Cajazeirinha, como veremos adiante. O primeiro programa foi ao ar em 15 de novembro de 1989, conduzido por José Adão Costa e Demóstenes, no segundo dia a condução ficou com Demóstenes e Oswaldo Araújo e no terceiro dia foi apenas João Marques Cardoso, que é o apresentador até hoje.

O Tucuruí Agora, que também é conhecido como o programa do João Marques, além de informar sobre o que acontece na cidade, também disponibiliza espaço para a população solicitar ajuda financeira, fazer doações, entre outras opções, mas, principalmente, auxilia na comunicação de moradores de Tucuruí com os das ilhas do lago.

O grupo Sistema Floresta, que produziu o primeiro e único telejornal local chamado TJ Tucuruí, em 1990, que está ao ar hoje, já sonhava desde então com esse telejornal, como percebemos na reportagem de inauguração da TV Floresta, publicada no jornal O Desafio.

O canal 12 resultou de uma concessão dada à empresa Rádio Floresta Ltda. que começou com apenas dois funcionários e o equipamento necessário para as transmissões. Mas, em breve, pretende iniciar a produção de um jornal local, o primeiro da história da TV em Tucuruí (O DESAFIO, 1982).

A primeira equipe de jornalismo, especificamente, telejornalismo em Tucuruí foi formada pelo Ubiratan Filho (redator e editor chefe), Oswaldo Araújo (apresentador), Lenir Silva (repórter) e Dhyko Reis (cinematógrafo, motorista e editor). Nesse tempo, a edição era feita em vídeo cassete para câmera VHS. “Poucos meses depois, João Marques Cardoso, que já havia conquistado audiência no programa ‘Tucuruí Agora’, na rádio, assumiu a redação, substituindo Ubiratan Filho” (DESAFIO, 2007, p. 41).

Além do SBT (canal 12), o Sistema Floresta de Comunicação também é responsável pela retransmissão da TV Record Belém (canal 2), Rede TV (canal 4), Rede Bandeirantes (canal 6), que retransmite a programação nacional, e a Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA) (canal 10), afiliada da Rede Bandeirantes, que apresenta programações específicas de Belém do Pará.

O Sistema Floresta, o Sistema Liberal, o sistema Energia FM, que eu conheço são esses três maiores. Agora há outros meios pequenos, eu acredito, com gráficas, também é um meio de comunicação, rádios de poste também é um sistema de comunicação, pequenos jornais. (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

Em relação à rede de televisão há, também, em Tucuruí uma retransmissora da TV Nazaré (canal 39), sob a responsabilidade da Igreja Católica, e da TV Globo (canal 7), esta chamada de TV Tropical, pertencente à Rede Tucuruí de Comunicação (RTC), afiliada à Organização Rômulo Maiorana.

Outros meios de comunicação de massa encontrados em Tucuruí são: 3 salas de cinema Moviecom; 1 sala de cinema Cine Rox, da Eletronorte; 3 emissoras de rádios FM: Rádio Floresta FM (comercial), Rádio Energia FM (educativa) e Rádio Filadélfia FM (comunitária); 1 emissora de rádio AM: Rádio Floresta AM (comercial) e 1 Rádio Poste: Publicidade Sherazard, já citada, que faz anúncios e também é utilizada pela Igreja Católica para transmissão das missas dominicais e novenas.

Atualmente, no município, também circulam dois jornais da capital paraense: Amazônia e O Liberal, produzidos pelas Organizações Rômulo Maiorana, vinculada à Rede Globo. Há algum tempo, porém, também circulavam o jornal Opinião, oriundo do município de Marabá, o jornal O Estado de S.Paulo e a Gazeta Mercantil, ambos de São Paulo. Até 2006, Maciel (2006) apontava que havia ainda a Folha de Tucuruí, porém as notícias da cidade agora são relatadas online, pelos sites Cidade de Tucuruí e Tucuruí Online e pelos blogs Folha de Tucuruí e Jornal de Tucuruí.

O jornal chega aqui, O Liberal, chega o Amazônia, chega o Diário⁵. Aqui na vila tem um senhor, que chama-se Maguila. Ele que distribui esses jornais. Os três (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí).

Na região central da cidade, há uma agência dos Correios e Telégrafos e outra agência no Centro Comercial da Vila Permanente. Há, também, provedores de internet via rádio e de linha, são eles: MOnline, Provecon e o NAVEGAPARÁ⁶, sendo este do governo estadual; além de internet 3G na cidade, serviço oferecido pelas operadoras de telefonia móvel que têm cobertura no município (Claro, Oi, Tim e Vivo). A empresa Oi ainda fornece assinaturas de linhas telefônicas para residências e empresas⁷, além de disponibilizar telefones públicos pela cidade, conhecidos como “orelhão”.

⁵ O entrevistado se refere ao jornal Diário do Pará, produzido pela Rede Brasil Amazônia de Comunicação, vinculada à Rede Bandeirantes. Na pesquisa de campo não identificamos, a circulação desse periódico em Tucuruí, embora o entrevistado o tenha mencionado.

⁶ O NAVEGAPARÁ é um programa do Governo do Estado do Pará cuja finalidade é a inclusão digital através da disseminação do acesso à internet para a população de forma gratuita. Atualmente, o programa está presente em 60 municípios do Estado, contando com 100 infocentros públicos. Fonte: (NAVEGAPARÁ, 2013).

⁷ De acordo com o historiador Luiz Henrique Silva (s/d), após a privatização do sistema Telebrás, surgiram dois ramos nos serviços de telefonia: o convencional e o celular: "Telefonia convencional: hoje se encontra sob a responsabilidade da Telenorte Leste Representações S.A., sendo que a empresa privada Telemar/OI, substituiu a Telepará, que era estadual; a Telemar possui dois postos de serviços, sendo um

Além de rádio, televisão, agora é bom que tem Internet, tem e-mail, tem Twitter, esse negócio de computador está avançado. Mas o melhor mesmo é a televisão. Televisão, rádio, chega mais rápido, também o e-mail, mas a maior parte não tem, só quem tem computador, classe média já tem mais um filho. Mas a maior parte, que é carente, como nós na ilha, não temos nada. Nem à pilha nem à energia, nem nada. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A tabela, a seguir, contempla os meios de comunicação presentes em Tucuuruí.

Tabela 10: Atuais meios de comunicação em Tucuuruí

Meios de Comunicação	Identificação	Quantidade
Cinema	Moviecom e Cine Rox (vila UHE)	02
Rádio Poste	Publicidade Sherazard	01
Emissoras de Rádio AM	Rádio Floresta AM (comercial)	01
Emissoras de Rádio FM	Rádio Floresta FM (comercial), Rádio Energia FM (educativa) e Rádio Filadélfia FM (comunitária)	03
Emissoras de Televisão	Bandeirantes, Globo, RBA, Record Belém, Rede TV, SBT e TV Nazaré	07
Jornais (impressos)	Amazônia, Diário do Pará, O Liberal e Opinião	04
Provedores de internet	MOnline, Provecon e Navega Pará	03
Operadoras de celular	Claro, Oi, Tim e Vivo	04
Operadora de telefone público ⁸	Oi (fixo)	01

Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo, em abril 2013

Apresentada as possibilidades de comunicação midiática em Tucuuruí, abordaremos, a seguir, a realidade de Cajazeirinha.

3.2 Os Meios de Comunicação em Cajazeirinha

Na comunidade Cajazeirinha, a partir das duas visitas prévias a campo e, principalmente, no período da pesquisa de campo exploratória, que ocorreu no período de 07 a 16 de abril de 2013, foi possível perceber quais os meios de comunicação de

na sede do município e o outro na Vila Residencial da Eletronorte. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Tucuuruí, no ano de 1999 havia 1.920 terminais com capacidade para mais de 2 mil assinaturas, com previsão para mais de 400 terminais para ampliação; na central telefônica da Vila Permanente, tinha uma capacidade para 800 assinaturas. Há sistemas de DDD, naquele ano havia mais de 80 telefones públicos (orelhões) existentes em Tucuuruí, no final da década de 1990 soma cerca de 80 telefones espalhados pela cidade. "(...) Mas, atualmente, por motivo de vandalismo, muitos deles estão desativados; também, existem reclamações da população porque o serviço é problemático. Telefonia celular: com a rápida adoção do serviço de telefonia celular pela população, a telefonia convencional foi perdendo espaço" (SILVA, s/d, p. 79).

massa disponíveis nessas ilhas, a saber: televisão, com melhor sinal de transmissão da Rede Globo, SBT e Rede Record; rádio, com sinal das emissoras de Tucuruí, Belém, Macapá e Manaus; celular, sendo a operadora VIVO a mais comum, por ter melhor sinal na região; além de revistas e livros didáticos de disciplinas escolares. O sinal das emissoras de televisão depende do tipo de acesso (antena parabólica, por exemplo) disponível na residência, por isso encontramos menções contraditórias ou desencontradas:

Aqui pega todos os canais. Aqui é só um canal que não pega, que o meu esposo falou. É mais a Globo, SBT, Record (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Só pega o SBT e a Globo (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

O sistema aqui só pega SBT e Globo. (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade)

Pega cinco canais: a Globo, pega a TVS, pega a Record, pega a Liberal. Pega cinco canais dessas [emissoras] comuns (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Mas hoje, com certeza, o sinal da Globo já deve ter melhorado. Mas 1989, 1990, era só SBT (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Lá, por exemplo, na minha, pega praticamente o básico. O básico, que lá não tem a... Não, tem a parabólica. Não tem essa Sky, que pega todos os canais, mas a parabólica tem. Tem a Band, tem a Record, pega a TVS, pega a Liberal, pega a Globo. Eu acho que uns sete a dez canais (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Figura 43: Antena parabólica sem uso em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Mesmo com as dificuldades encontradas em Cajazeirinha, nota-se a presença de meios de comunicação de massa eletrônicos (rádio e televisão) instalados em alguns domicílios, além do celular, utilizado também para ouvir rádio. Pelo menos um desses meios midiáticos foi identificado nas casas da comunidade. Algumas famílias possuem somente o rádio, outras somente a televisão e ainda há aquelas que têm o celular também, em alguns casos, mais de um aparelho.

Figuras 44: Televisores e rádio ligados à bateria automotiva, em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Então, isso eu acho que é muito mal organizado, porque nas outras áreas têm. E aqui não tem eletricidade, que podia ter. Porque, minha amada, eu falo mesmo, a minha sogra mora na ilha, na cidade de Cameté, na ilha. E na ilha lá, entra tudo por debaixo, é água. E lá já tem energia, a própria casa dela já tem energia elétrica lá. E aqui em Tucuruí, que é bem aqui a barragem, nós sentimos falta de energia elétrica. Nós, tendo, às vezes, máquina de lavar roupa, como eu tenho, minha televisão, o meu radinho e não tem como... Não tem como usar (ENTREVISTA, MÃE 7, grifo nosso).

O veículo sonoro [rádio] chega em boa parte das ilhas, mas se sintonizado a rádio daqui pega em boa parte das ilhas. Televisão, o povo simples investe muito em comunicação. Investe menos em infraestrutura, investe menos em saúde, mas a comunicação tem que estar lá, tem que estar... Você chega numa casa, você tem uma parabólica lá que pega o sinal. A novela, eu acredito que é o ponto alto de audiência, depois vem o jornal e eu acho que também futebol é um dos aspectos nas ilhas (Formador de opinião 4, masculino, 1 ano e 6 meses em Tucuruí, grifo nosso).

Eu tenho televisão, rádio, celular. Só os três. [Celular, quantos?] Só um [Tem computador?] Não (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

O celular. Aqui em casa não tenho rádio. A gente tem só celular e tem televisão, DVD (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

É televisão, nós assiste o jornal, aí tem o celular, a gente tem, como não é cartão, que ele vai para lá, às vezes o barco quebra alguma coisa, aí ele já liga para cá para ir outra barca daqui para lá para pegar ele (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

É um rádio e um celular. Não temos televisão. Aqui pega as duas rádios aí de Tucuruí, só. Eu escuto o Tucuruí Agora e o programa evangélico, de manhã (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

Temos um sonzinho ali. Eu tinha televisão, mas só que a televisão queimou. Tem celular, tem. Assim, tem assim o celular, que nós nunicamos e escutamos através dele o rádio, de manhã, o momento de louvor. A gente escuta nele (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

É o rádio e a televisão. (Tem celular?) Tenho dois celulares aqui. Aqui pega a Globo, o SBT, todos. Mas nós assiste mais é ela. A Band pega também. (E a Record?) A Record. Tudo pega no canal (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

É, tem o rádio. Tem o rádio e o celular é também meio de comunicação? (É sim). Nós têm dois celulares (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

Nas primeiras visitas de campo à comunidade Cajazeirinha, foi possível conversar com adultos, jovens e crianças⁹ de três famílias e com a professora da comunidade. A partir da observação e com informações de uma formadora de opinião da comunidade, percebemos que são usadas algumas revistas especializadas em disciplinas escolares e alguns livros didáticos com as crianças, na escola, mas o número de exemplares desse material é pequeno, ou seja, não existe uma unidade disponível para cada aluno. Ainda, o celular, que tem baixo sinal em muitos lugares nessas ilhas, não é usado didaticamente¹⁰ nas aulas, portanto, não é comum no cotidiano escolar dessas crianças.

Figura 45: Livros didáticos na escola Emília Rodrigues



Fonte: Autora (2013)

Figura 46: Revistas e livros na Escola Emília Rodrigues



Fonte: Autora (2013)

⁹ Consideramos criança, para este trabalho, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade, de acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2001).

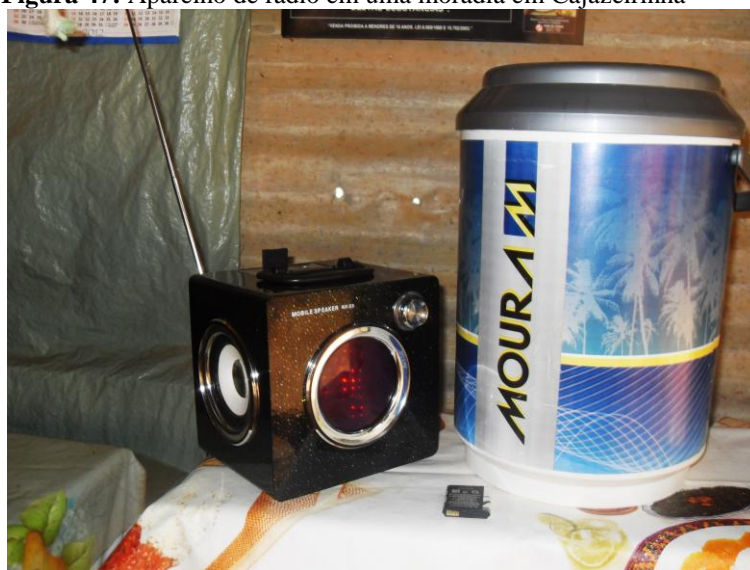
¹⁰ Em pesquisa sobre outra comunidade amazônica (localizada no município de Óbidos, no Oeste do Pará), é realizada uma discussão mais ampla sobre o uso didático de celulares nas aulas. Ver Miranda (2010).

Livro eles têm. Os livros que eles trazem do colégio. [Revista?] Também não, tem não (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Eu nem sei bem, mas tem uma da revista da Roberta, não, Fernanda... Como é, menina? É da Fernanda não sei o quê. É aquela mulher que é dona da TAM. [E como vocês conseguem essas revistas, vocês compram?] Não, essas revistas, vieram umas moças, elas estavam fazendo um trabalho na Eletronorte no ano passado e então elas trouxeram muitas revistas para distribuir para os alunos e a professora na escola. Para fazer trabalho quando for preciso. Ah, Fernanda Montenegro, o nome da revista da TAM (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Dentre os meios de comunicação encontrados na comunidade, o mais antigo é o rádio, que continua sendo, ainda hoje, o principal meio de comunicação da população. Familiares enviam notícias uns para os outros por um programa que tem o viés comunitário, que oferece espaço aberto ao público, para enviar informações à população das ilhas. Apesar de ser o mais antigo meio na Cajazeirinha, é curioso, porém, notar que algumas famílias, somente há pouco tempo, conseguiram adquirir um aparelho.

Figura 47: Aparelho de rádio em uma moradia em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

O rádio faz muito tempo já que tem. O rádio, o sistema aqui é bom para pegar rádio. O sistema de comunicação aqui, mais usado, em questão de comunicação, mandar notícia de uma pessoa para a outra é o rádio mesmo. Há muitos anos tem isso aqui já. (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Eu já tenho rádio há 26 anos lá. Rádio a gente sempre teve aqui. Tucuruí tem mais de 50 anos e eu tenho rádio, é essa faixa etária, porque meu marido não vive sem rádio. Ele pode até viver sem mim, mas sem rádio não... Na hora que ele acorda, já ligando o rádio. Na hora que ele acorda e dorme com o rádio ligado. Eu gastava muito dinheiro com pilha, depois que eu passei a

usar a placa, graças a Deus melhorou (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Nunca ficou sem o rádio não. Às vezes bagunça um a gente já compra logo, porque é ruim a gente sem um radinho. Quando vi pra cá, nós tinha rádio, toda a vida. Tem mais de 20 anos que a gente tem rádio (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Já acompanhavam, porque eles já tinham rádio. É um hábito do pessoal da ilha ouvir a Rádio Nacional. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Olha, desde quando eu arrumei marido, eu tenho rádio dentro de casa. [Faz quanto tempo?] Já faz uns 13, 14 anos. [Vocês escutam todo dia o rádio?] Todo dia. Só quando às vezes a pilha esgota, que a gente não escuta [Vocês usam rádio de pilha?] É... (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade)

Bom, rádio nós temos desde que quando nós viemos de Mocajuba. Eu trouxe as minhas coisinhas. É esse rádio, que está velho... Nós estamos em 2013? Em 2012 que eu vim (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Eu tinha rádio, mas eu levei para o conserto. Meu esposo mandou levar e não foi buscar, deixou para lá, não foi mais. Eu comprei porque eu gosto muito de ouvir. Porque o rádio traz notícia do mundo inteiro para a gente, que nem a televisão. Mas agora a gente está sem rádio. A gente ouve no celular, a gente ouve no celular mesmo. É que a gente ouve só o Tucuruí Agora. Às vezes, a gente nem ouve todo, porque descarrega logo. E também aquele programa do Irmão Severino, não tem, de manhã? Eu gosto demais. Passa na FM e na AM (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Já possui, sabe quanto? Tenho três rádios, já. Tenho até um desse daí, é à bateria esse daí... Aí, o outro que não deu certo, mandei ajeitar ele. O primeiro foi logo no ano que nós chegamos aqui, não sei se é 2008, mais ou menos. Vai fazer cinco anos, foi em 2008. Vim pra cá aí poucos dias eu comprei. Liga o rádio na ilha, minha pilha. Esse daí que era bateria, mas acabou ficando sem bateria (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

Deve ser de muito tempo, porque é um dos meios de comunicação que eles têm... A comunicação, por exemplo, se precisa alguém vir para a ilha e não conseguiu entrar em contato pelo celular, eles dão na rádio, no Tucuruí Agora, eles comunicam. Aí, então, eles ficam atentos ao Tucuruí Agora. [E o rádio?] A maioria tem. Mas mesmo televisão, sendo poucos que têm, mesmo assim eles comentam? Eles comentam, porque eles se deslocam, como eu já falei. Eles se deslocam da sua casa para ir para a casa do vizinho assistir (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

Que a gente tem rádio aqui, não faz muito tempo não. Está com um ano, um ano e pouco. Quando as crianças nasceram já tinha o rádio. Já cresceram ouvindo rádio. Ele fica aqui, está até dependurado, aqui na sala. Quando nós estamos na hora da notícia, fica todo mundo calado. Depois que passa, a gente desliga o rádio e vai todo mundo brincar. A gente liga ele é à pilha (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

Está com um ano que temos rádio aqui. Eu não uso quase ele, porque eu só coloco CD. É só no CD mesmo que eu o uso, não é no rádio. Tem que ligar o motor também para ligar o rádio, no gerador (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Pelo relato que coletamos, a programação de maior audiência no rádio em Cajazeirinha é regional, apesar de haver referência a programas já tradicionais de cadeia nacional, como a Voz do Brasil. Dentre as opções de programação, destacam-se a Rádio Floresta (AM / FM – comercial), especialmente com o programa Tucuruí Agora; a Rádio Filadélfia (FM – comunitária), com o programa evangélico Momento de Louvor e o Tribuna do Povo, que conta com a participação do público; e com menos citações, a Rádio Energia (FM – educativa) e a Rádio Nacional da Amazônia.

Eu assisto o Tucuruí Agora todo dia. [Qual é o horário?] Às 12 horas. Aí termina 14 horas (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Olha, desde quando a rádio foi inaugurada aqui, o pessoal já tinha os rádios, que eles ouviam a Rádio Nacional. Então, começaram já a ouvir a rádio local aqui. O que mais acompanham é o programa Tucuruí Agora. É recordista aqui em audiência, o pessoal gosta. Depois, vem a Filadélfia, com o programa Tribuna do Povo, mas a abrangência dela é alguns pontos das ilhas, não é em toda região que pega. Já o Tucuruí pega bastante, até parte do município de Repartimento. E a Energia é o que tem uma abrangência maior, vai muito mais longe, mas não é tanto ouvida. Para falar a verdade, eu não conheço nenhum programa. No Tucuruí Agora, é informação. Pura informação. Já o Momento de Louvor é religioso mesmo. É direcionado aos evangélicos, logicamente direcionado a eles, mas também na intenção de arrebanhar mais gente para a igreja e tal. O público é religioso. Já o Tribuna do Povo não, o Tribuna do Povo é mais aberto, todos os pastores vão lá fazer as suas programações da igreja, mas qualquer pessoa de movimento social, de associação tem acesso para... (Rádio Filadélfia.) Isso. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Escuta todo dia, toda hora o rádio. É, direto. Escuta os programas e o santo Tucuruí Agora, o jornal que passa para fora, tudo nós tem. No rádio só ouvimos programas de Tucuruí. Não pega nacional. É só daqui de Tucuruí. Só quando a gente assiste a Voz do Brasil (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Aqui pega as duas rádios aí de Tucuruí, só. Eu escuto o Tucuruí Agora e o programa evangélico, de manhã (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

A gente ouve a Energia FM, a AM, aquela de São Paulo. A gente pega todas as faixas lá em casa. Como eu te falei, tem gente muito pobre que nem sabe o que é um rádio. Tem gente muito pobre que não sabe o que é um computador. Tem gente que não sabe nem o que é um sorvete na ilha, um suco gelado nunca viu... (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Na rádio eles [referências às crianças] gostam de ouvir o programa evangélico de manhã, porque na hora da notícia eles não são muito chegados não. Passa hino, eles falando da Bíblia. Eles gostam de ficar escutando, é só uma hora só. Eu acho que ajuda muito no aprendizado deles, porque eles estão ouvindo ali e o que está passando ali, eles vão pôr na cabeça e vão já escrevendo, já conversando com outros coleguinhas deles. Eu indicaria pra outras crianças também. O que ouvimos no rádio, eu acho que acontece sim. Quando a gente fica escutando a gente não fica conversando. Elas têm comentado que... Porque de manhã é só dia de sábado e domingo que eles escutam, porque é de manhã e de manhã eles vão para o colégio. A menina fica conversando mais o menino, aprendem os hinos que vão, ficam cantando

os hinos. Se tem alguma coisa interessante, eles vão lá na Bíblia olhar e ficam rezando os dois, no programa Momento de Louvor, passa é na rádio de Tucuruí. É da Assembleia de Deus (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

Outro meio de comunicação mencionado pelos entrevistados é o celular, porém ainda são poucas famílias que utilizam essa tecnologia. O recurso é mais utilizado para fazer ligações e trocar mensagens entre familiares e amigos, porém também encontramos relatos de usos para pesquisas na internet e para ouvir rádio.

[E pega bem o celular aqui?] Tem vezes que pega, mas tem vezes que é obrigado a gente procurar lugar para pegar [sinal]. [Qual é a operadora que pega aqui?] Vivo (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

A operadora aqui é só a Vivo que pega aqui. Está com uns três meses que o meu esposo comprou esse celular, e está ajudando muito esse celular. A gente usa só para fazer ligação mesmo, mas quem usa é só o meu esposo, ele usa direto. Quando o pessoal faz ligação, ele atende direto. Toda hora estão ligando e ele está atendendo (Mãe 8, 37 anos, 12 anos na comunidade).

A gente usa o celular para ouvir a rádio, comunicar com um parente. É o meio de comunicação que nós temos aqui, por enquanto. [E computador?] Não tenho. Aliás, nenhum de nós, eu acho que aqui, não tem isso na sua casa [E internet, no celular tem?] Não. Ter tem, mas nós não fazemos uso dela. É porque nós não queremos... (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Elas têm celular, as três [filhas] e eu também. O meu esposo não tem, porque ele vendeu o dele. Mas ele tinha. Então temos quatro. [E o celular pega bem aqui?] Pega, a qualquer hora pega aqui. [Qual é a operadora?] O meu é Vivo. Agora só o dela que é programado para Oi e a Vivo. [Ela usa a Oi também?] Usa, porque o namorado dela, quando estava para Belo Monte, lá só pega, na obra, só Oi. Então, ela usa os dois. [E pega Oi aqui também?] Aqui pega Oi, Vivo e TIM, e a Claro também pega. Tem alguns locais que fica ruim de área e a gente tem que procurar. Em alguns vizinhos que é assim. Geralmente aqueles vizinhos que ficam recuados, mais escondidos. Agora, como a gente fica mais próximo da torre... Não, o celular elas não usam, só para jogar. A caçula é que é assim. Agora, as outras não, elas usam para ligar também para as colegas, falar com a minha família. Que o meu filho mora lá em Paraopebas [Parauapebas] e ele liga sempre para elas (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A gente usa o celular para ligar para os parentes. É só para ligação e receber. A gente não manda mensagem, eu mesmo não sei mandar. [E as crianças usam o celular?] Não, não usam não. O meu celular só eu que uso e às vezes elas também quando pegam assim, mas elas não têm. É só para ligar mesmo. [Tem internet no celular?] Não senhora. O meu não pega não. O meu é simpleszinho mesmo (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

[Vocês usam celular para quê?] Mandar mensagem, comunicar com a nossa família. A menina, então é mais para jogar, até porque o celular dela está com um defeitinho, está com problema. Eu não sei se é o fone, não sei o que é. Porque a gente liga, a pessoa não ouve, só a gente que ouve a pessoa. Está com probleminha. Enquanto isso, ele pega rádio e ela gosta de ouvir rádio nele. Ela gosta do programa da Marcinha... Elas três gostam do programa da Marcinha, que é aquela que é na rádio FM. É de Tucuruí, é que a Rádio Floresta pega no mundo inteiro, se usar na internet. Eu também gosto, a gente gosta de ouvir o programa Tucuruí Agora. Está começando o programa já, já,

passa à tarde, e o jornal da Telminha também. E agora tem o da irmã da Marcinha também. Pois é, parece que tem uma irmã dela fazendo programa também. A voz é igual a da Marcinha (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Apesar das restrições para obtenção do sinal das operadoras e das limitações quanto ao carregamento da bateria do celular, o aparelho é bastante utilizado, principalmente por jovens e crianças, para o entretenimento e para acesso à Internet, já que não há computadores na comunidade, segundo alguns moradores – em todas as casas que visitamos, não identificamos computadores ou *notebooks*.

No celular, a minha caçula fica brincando também, só jogando. Só que eu não gosto de deixar, porque como é difícil de a gente estar incomodando os vizinhos para carregar, eu fico com vergonha. Eu repreendo ela: “– Enquanto a gente não estiver com o nosso inversor bom para carregar o celular, eu não deixo.” Porque quando a gente está só em casa, tudo bem. Mas a gente que está na casa do vizinho, eu sou sistemática assim, que tem ser. A gente fica pensando assim: “– Caramba, um abuso de estar toda semana na casa do vizinho.” Eu fico com vergonha, eu faço de tudo também para eu ir só uma vez no dia, uma vez por semana (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A mais velha usa internet, porque ela paga internet. Então ela usa celular também para a internet. Pega. Desde que tenha o crédito, pega. [Ela usa a internet no celular para quê?] Para fazer trabalho também pra escola. Ela não é de estar... Porque tem gente que usa a internet, que é viciada, está ligada ali, deixa de fazer para estar ligada. Não, ela é só nas horas necessárias. É para pesquisa, assim, quando ela está precisando. Ela, a [filha mais velha] fez já três cursos, mas a nossa condição ainda não deu para ela ter um *notebook*. O sonho dela é ter. Ela: “– Mãe, dá um jeito de comprar um para mim.” Eu falo: “– Minha filha, tem paciência, não tenho. A gente tem que esperar. Deus um dia vai preparar para você ter.” Ela já fez dois cursos, três, ela tem os diplomas tudinho guardados aí. A outra também fez. Só duas que não fizeram (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Não, não tem computador lá nas ilhas (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Não tem computador. Só no celular, o dele [filho] tem, do meu filho de 14 anos. Ele usa para ver se tem alguma coisa de vantagem para ele, para o colégio dele, não sabe, que a função dele é só o colégio dele. [Para fazer pesquisa?] Isso mesmo (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Durante nossas visitas prévias à comunidade, a televisão foi o meio de comunicação de maior preferência por parte do público que gostaríamos de estudar, as crianças. “Entre as pesquisas que têm como objeto a recepção televisiva, em geral a questão é como diferentes públicos incorporam o gênero em seu cotidiano, como ele faz a mediação com outros gêneros e meios” (JACKS, MENEZES, PIEDRAS, 2008, p 108).

O histórico da televisão na comunidade é contraditório, haja vista as menções dos entrevistados, incluindo os formadores de opinião, apresentarem versões distintas sobre a chegada do sinal e de aparelhos de televisão na Cajazeirinha.

A gente tem televisão aqui desde quando existiu a televisão... logo, logo, a gente comprou também. Nunca ficamos sem a televisão. Quando chegamos aqui nós não tinha não, aí passou mais uns dois anos depois que nós comprou. Aí depois disso não faltamos mais sem a televisão. Tem uns 18 anos. Quando eles nasceram não tinha não. Ah, televisão foi depois que já nasceu esses outros aí, a menina que tem 15 anos quando ela nasceu já tinha televisão aqui (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Eu fui morar na ilha em 1989. Não demorou muito, mas é de 1989 para cá. Antes, tinha sim, uma pessoa que tinha posse, porque a maioria absoluta é de pessoas simples, humildes, são ou pescador ou trabalhador rural, mas têm alguns vereadores que têm ilha. Então, eles tinham mais posses, tinham uma televisãozinha lá, uma coisa mais privada deles (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Olha, a televisão foi pouco tempo. Por exemplo, na minha ilha, a gente conseguiu no ano de 1990. Foi no ano de 1990... (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A televisão está com uns seis anos que temo aqui (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Há pouco tempo, ela chegou há pouco tempo. As pessoas que têm uma condiçãozinha melhor, que compram o gerador e vão adquirindo os seus aparelhos de televisão. Há pouco tempo, média de um ano, dois anos, que começou a surgir a televisão aqui na nossa região (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

Está com uns seis meses só que nós temos televisão, uns seis meses A gente tinha lá em Paraopebas [Parauapebas], quando a gente morava lá, a gente tinha. Agora, aqui mesmo, a gente veio conseguir agora (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

Quando eu vim para cá, eles já tinham televisão, algumas pessoas. Aí, têm outras que agora já estão comprando também que não tinham, já têm. (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

A televisão a gente tem aqui desde do ano passado. Só tínhamos antes o rádio. O ano passado que a gente veio a ter, porque tinha um pessoal que morava na minha casa, alugada e eles estavam com muitos meses atrasados. Eu falei: “– Gente, eu vou fazer assim com vocês, eu moro na roça, preciso de uma televisão. Eu tenho bateria, mas eu não tenho televisão. Para eu não aperrear vocês, nem vocês me aperrearem, vocês me dão uma televisão, que vocês têm duas. E eu estou precisando.” Casa lá de Tucuruí. Eles pegaram e me deram a televisão, no valor de R\$ 130,00. Eu comprei, Deus preparou, comprei o inversor de R\$ 250,00 e a gente colocou para assistir. Porque esse inversor transforma a energia de 210V para 110V. Puxa da bateria. E aqui a gente passou a usar a televisão em março do ano passado, tem um ano. O meu filho trouxe uma bateria para mim, duas baterias lá de Paraopebas [Parauapebas]. E a televisão eu consegui assim, através desse jeito (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

A televisão temos aqui há pouco tempo, foi perto de 2011. Quando os meninos nasceram tinha televisão na casa da minha mãe, que eu morava com

a minha mãe. Tinha, já tinha televisão (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Está com um mês que eu comprei televisão (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Vale ressaltar que somente em duas das dez residências visitadas (para as entrevistas com as mães ou responsáveis pelas crianças), não havia televisão. Essa proporção não se reflete de uma maneira geral na comunidade, como relatam alguns formadores de opinião.

Não temos televisão e a gente não vai para assistir em outro lugar, não gosto (Mãe 10, 32 anos, 17 anos na comunidade).

Não, aqui nunca consegui uma televisão. Quando as crianças nasceram os meios de comunicação que tinham aqui era o rádio e o celular. Televisão nunca tive não, aqui na nossa casa, não. A gente não teve. A gente nunca teve meio de arranjar. A gente não traz a televisão para cá porque eu acho que precisa de um aparelho que chama revertor. É, tem até um desmontado aí. Aí, ninguém pode trazer... Televisão só na cidade. A gente tem vontade de trazer quando Deus ajudar aqui com energia. Nós crente, nós tudo ora para isso. Nós acha difícil, mas para Deus... Então a gente ora. Aí, às vezes também a energia de lá é motor. Mas é assim que a gente está levando a vida (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

A maior parte não tem televisão, tem bem pouquinhas. Pouquinhas pessoas que têm televisão e é à bateria. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

A maioria não tem televisão. É mais que não tem. Porque não tem coisa para ligar. Às vezes tem a condição de comprar, mas não tem condição de usar porque não tem energia... (Formador de opinião 7, masculino, 20 anos na comunidade).

Mesmo sem energia elétrica e com condições mínimas para ter e manter uma televisão, a maior parte das mães entrevistadas relatam que o ato de ver televisão já está inserido às suas rotinas, tanto durante a semana quanto no final de semana.

Mas para falar que eu gosto de televisão, eu gosto mesmo. Gosto. Se for pecado, Deus me perdoe. Mas eu gosto demais. Até de noite, as novela, o jornal, terminou o jornal. Às vezes, quando terminava o jornal, aí começa aquela novela, eu já estava cochilando, às vezes não via nem o que acontece. Faz tempo que não vemos televisão, faz, viu. Está perto de um ano que eu assisti aí num dia desses num dia que nós fomos para a igreja e aí passou um filme na casa do pastor. Da mãe do pastor, estava ligada, a gente assistiu (Mãe 5, 52 anos, 20 anos na comunidade).

Para sabermos o que as crianças compreendem sobre a televisão e qual o papel desse meio de comunicação no cotidiano delas, desenvolvemos uma atividade em grupo em que pedimos para que elas escrevessem ou desenhassem o que a televisão representava para cada uma.

Nos desenhos das crianças mais novas (com seis ou sete anos), encontramos a figura do televisor com a projeção de imagens que possivelmente remetem à programação favorita de cada uma. O mais interessante, porém, é notar que a composição dos desenhos sempre agrega elementos do cotidiano das crianças para além da TV, como a natureza e a casa, que também podemos associar à ideia de lar e família. Assim, vemos que a televisão é vista como uma integrante de um processo de comunicação mais amplo, ligado às demais mediações socioculturais dos moradores da comunidade.

Figura 48: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 7, menino, 6 anos)

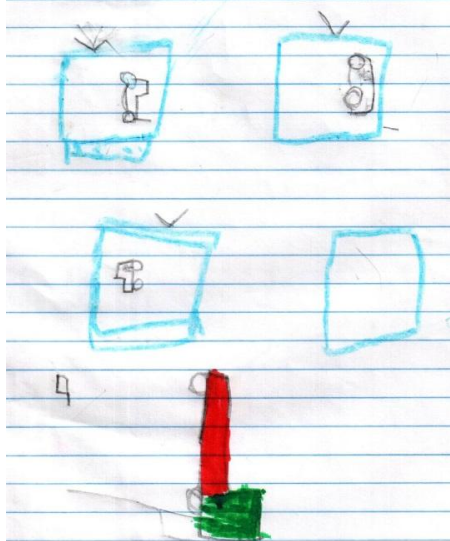


Figura 49: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 10, menino, 6 anos)



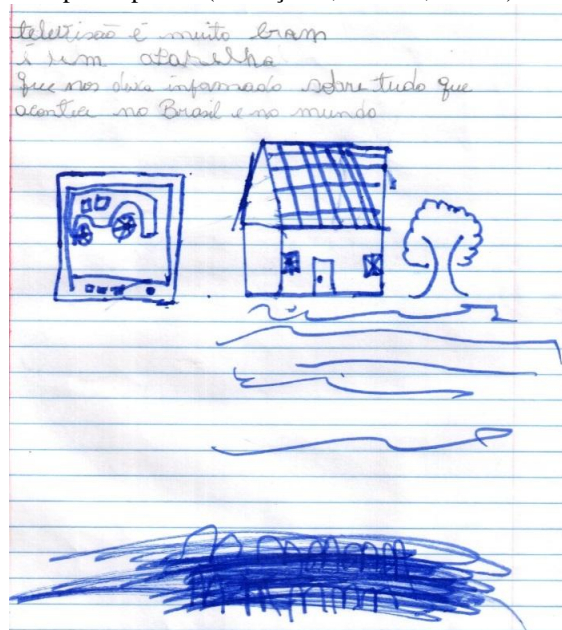
Figura 50: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 9, menina, 6 anos)



Figura 51: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 16, menina, 7 anos)



Figura 52: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 15, menino, 7 anos)



Nos desenhos de crianças mais velhas (com nove, dez ou onze anos), há maior detalhamento da parte técnica da televisão, que é apresentada com antena e botões. Alguns fazem referência direta a conteúdos da TV aberta, como as novelas *Carrossel* e *Salve Jorge*, o desenho do *Pica-Pau* e o programa *Domingão do Faustão*. Encontramos também breves redações, em que as crianças apontam que a televisão ajuda a informá-las do que ocorre na sociedade e possibilita assistirem a programações de entretenimento, como novela e desenhos, além de ajudar na escola.

Uma criança de 11 anos, escreve que a televisão é algo bom e que ajuda na educação, no convívio e no desenvolvimento das pessoas, mas também pontua que a televisão pode ensinar coisas ruins.

Figura 53: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 4, menina, 9 anos)

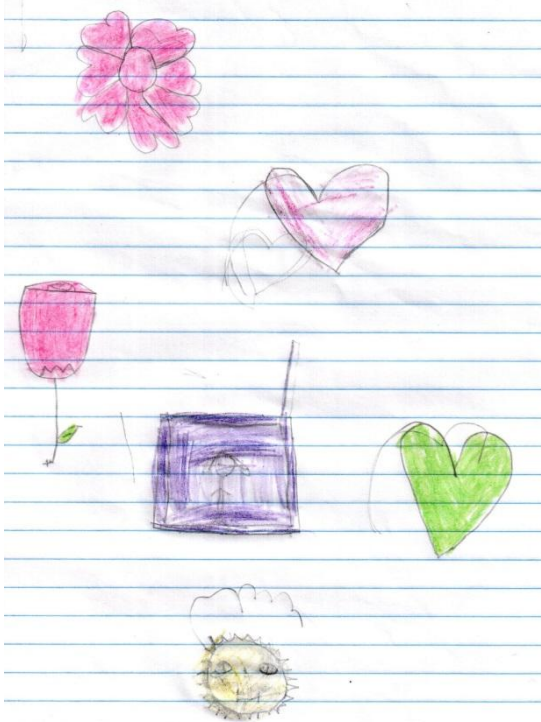


Figura 54: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 6, menina, 9 anos)



Figura 55: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 12, menino, 9 anos)

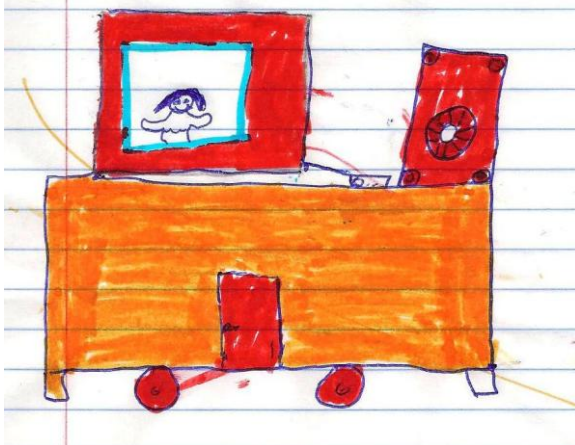


Figura 56: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 11, menino, 9 anos)

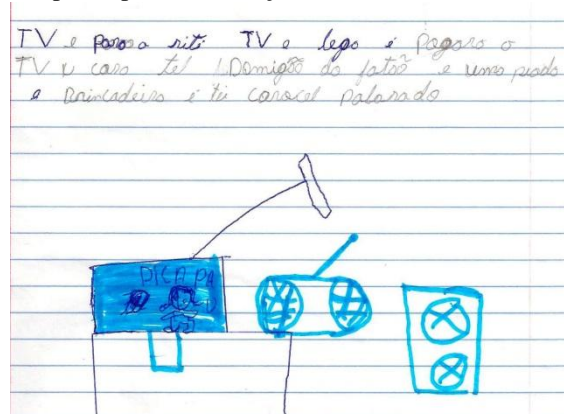


Figura 57 Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 3, menina, 9 anos)

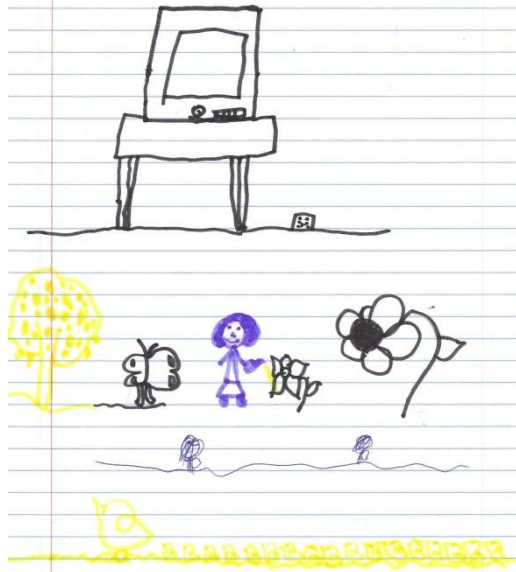


Figura 58: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 5, menina, 9 anos)

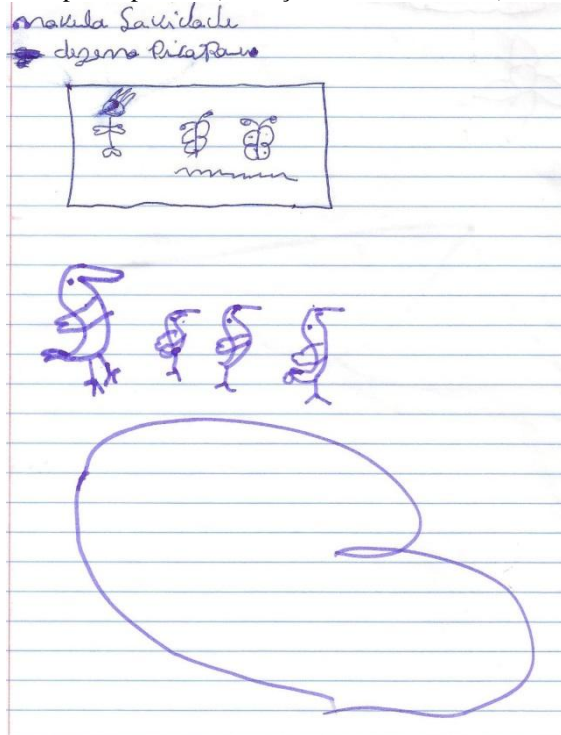


Figura 59: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 2, menina, 10 anos)

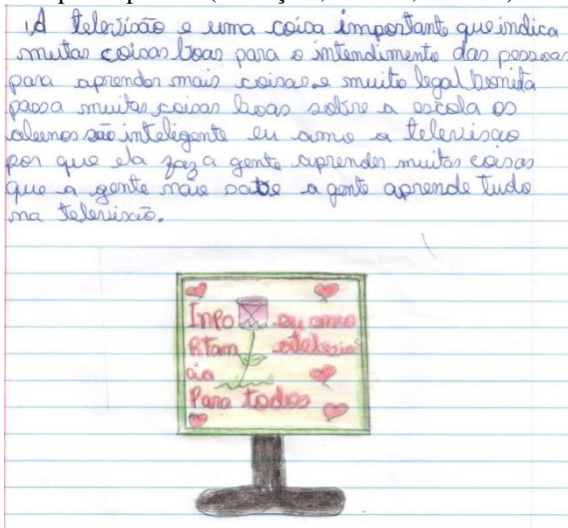


Figura 60: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 1, menino, 10 anos)

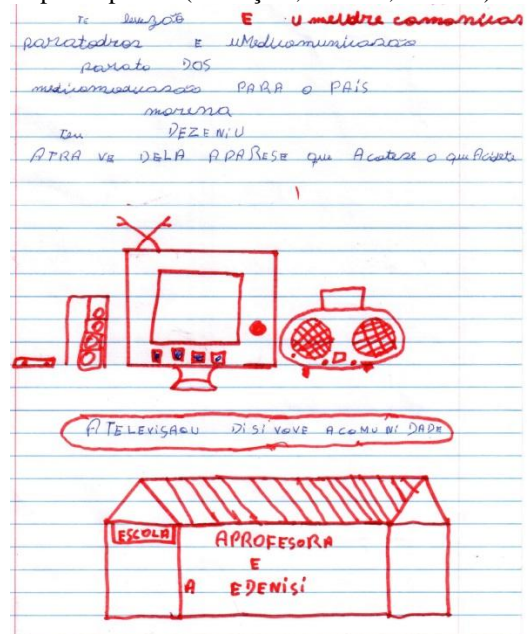


Figura 61: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 13, menina, 10 anos)



Figura 62: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 14, menino, 10 anos)

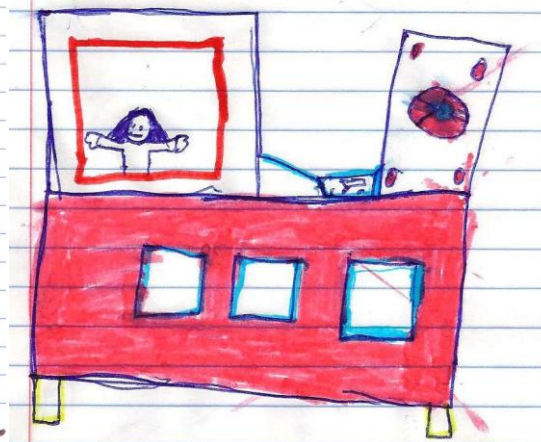
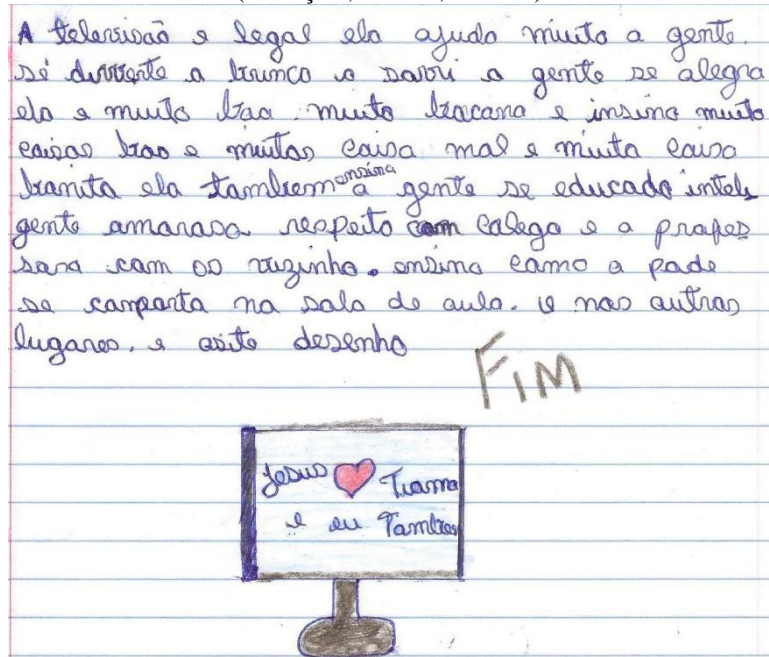


Figura 63: Ilustração de uma das crianças participantes (Criança 8, menina, 11 anos)



A partir dos relatos coletados, em geral, as crianças assistem a televisão com os pais, familiares e outras crianças. Como nem todas as famílias possuem aparelho de TV ou bateria, é comum a reunião de vizinhos nas casas em que a televisão funciona. Cada

ambiente de assistência, porém, torna-se particular, tanto pela presença de múltiplos sujeitos quanto pela montagem dos equipamentos.

Acompanhado. Crianças e dois adultos só. [Seus pais nunca assistiram com vocês?] Nunca. Só quando vem para a casa do pastor. Com os meus primos, com o meu tio, com a minha tia e com a minha prima (E os seus irmãos?) De vez em quando eu levo esse daqui ou então a Lilene (Criança 1, menino, 10 anos).

Pela parabólica. E lá [na Cajazeirinha] a antena normal também pega. Pouca gente que tem televisão lá. E as televisões que têm em outras casas, como na minha região da Cajazeirinha, elas são pegadas à bateria. Lá no cumpadre é bateria, na comadre é à bateria. [Mas eles usam antena parabólica também?] Não, não. Só lá em casa mesmo que tem por causa da comunidade (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

[Você falou da bateria, tem cabeamento para energia, não tem?] Não tem. É televisão adaptada. É. Hoje não, hoje tem muito pescador, mas muito mesmo, que tem uma placa solar que ele comprou, já tem a televisão, já tem um rádio, tudo adaptado à energia de placa solar. [Em nenhuma dessas ilhas, na comunidade?] No nosso município, não. Só tem nos municípios de Goianésia e Jacumbá. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

A maioria usa essas antenas comuns, que a gente pouco vê ainda na cidade, porque na cidade a maioria já é parabólica. E aí, eles passam a ter acesso apenas àquele canal que está assinado lá. [Pela antena comum?] Hum, hum. (Formador de opinião 3, masculino, 20 anos na comunidade).

Em geral, o hábito de assistir à televisão ocorre à noite, no horário em que todos os familiares conseguem estar juntos para aproveitar o pouco de energia adaptável (por meio de transformadores ou conversores que são utilizados nas baterias automotivas) que utilizam. A maior parte das crianças afirma assistir a televisão em suas casas ou na casa de amigos e parentes. Outra parte dos entrevistados indica que vê televisão apenas quando vai para a cidade ou na casa de algum familiar, sem muita frequência.

Porque, como você vê, aqui na minha casa, eu tenho assim, o rádio, tinha televisão, tenho máquina de lavar roupa. Mas eu não tenho o melhor, que é de gerar energia, que é o motor. Precisa se deslocar para a casa dos tios deles para quando eles querem assistir. Eu não preendo não, eu falo: “- Vai.” Porque isso faz parte mesmo. Vão para a casa do tio, que é da parte do meu esposo aqui tem quatro tios. Só que só dois que têm casa aqui. Eles moram um junto com o outro. E eles vão para lá, eles vão assistir televisão. [E vocês vão também assistir televisão lá?] Olha, eu não. Porque eu não gosto de assistir televisão, não é porque eu sou evangélica, mas é porque eu não gosto mesmo. A não ser filme evangélico. Quando eu saio assim, mas é mais para a casa do pastor. Mais para a casa do pastor que eu saio às vezes, quando não tem culto. Mas é difícil... (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Às vezes é lá na rua, a mãe, a minha irmã, eu e o tio. (E aqui na Cajazeirinha, vocês assistem na casa de alguém?) Na casa da tia. (Mas é sempre que vocês assistem lá ou algumas vezes?) Às vezes. (Toda semana?) Não. Às vezes. Não. (Não? Por quê?) Porque aqui não tem televisão. (E você não assiste na casa de outra pessoa?) Não. Só quando estava lá na rua. (Na cidade?) Uhum. (E vocês escutam rádio?) Lá na rua não. Aqui na ilha sim. Aqui nós escuta

rádio. (Vocês escutam o quê no rádio?) O programa do João Marques. Nós escuta o programa da Marcinha, do Marcelo Manteiga e do pastor. (Qual é o pastor?) Eu não sei qual é. Passa de manhazinha (Criança 3, menina, 9 anos).

Durante a semana, eu assisto o Pica-pau que passa e só, até a hora que termina (Criança 14, menino, 10 anos).

Assisto. Tem vez que eu vou na casa da tia, eu gosto mais é da Carrossel. Tem vezes e nós vamos duas vezes, tem vezes que nós vamos uma e tem vezes que nós vamos três (Criança 13, menina, 10 anos).

Nós não estamos mais assistindo porque o nosso inversor arrebentou. (Quebrou a televisão?) Não, o inversor. (O quê?) O inversor. (Inversor? O que é o inversor?) É um negocinho quadrado, que tem a bateria, liga a bateria, liga o inversor e liga a televisão. Entendeu? (É a bateria do carro, é uma bateria automotiva?) Não. Dessas mesmo, quadradas (E vocês não estão assistindo televisão em casa? (É.) Vocês vão assistir em outro lugar?) É, nessa vizinha aqui. (Na casa da sua vizinha?) É (E você assiste televisão, todos os dias vocês vão para a casa da vizinha assistir, agora que está com problema a televisão?) Não, todos os dias não. (Quantas vezes na semana vocês assistem televisão?) Umas duas vezes. (Umas duas vezes?) É. (E quando a televisão de vocês estava funcionando, vocês assistiam todos os dias?) Era. (Todos os dias?) A gente ligava na hora da novela, porque senão descarregava e não dava para a gente assistir todos os dias. Porque quando a bateria descarrega, a gente leva lá para o onze, aí carrega. E se for luz, parece que acende e tem que parar. Porque as luzes são 16, por exemplo. Agora a gente tem três baterias. (Então, quando tinha, quando estava funcionando o aparelho, vocês assistiam todos os dias?) Hum, hum. (Faz tempo que queimou esse aparelho?) Faz um pouco. (Quanto tempo? Uma semana, um mês ou mais tempo?) Quase um dois meses, por aí. (Uns dois meses?) Uns dois meses. A gente também usa uma bateria na luz. Entendeu? E as duas a gente coloca na televisão. (Então, vocês ascendem às lâmpadas à noite?) Liga assim, quando a gente vai jantar (Criança 6, menina, 9 anos).

Não. (Em nenhum lugar você assiste?) Não. (Na sua casa não tem TV, não é? Você só escuta o rádio, é?) Hum, hum. (E o que você mais gosta de ouvir no rádio?) Hino. (Você sabe cantar?) Sei. (Quais são as músicas que você gosta de cantar?) O hino. (Mas qual? Qual cantor? Sabe o nome de cantores?) Da Damares. (Qual?) Da Damares. (Você já assistiu televisão alguma vez?) Já. (Onde?) Aqui. (Aqui na sua casa?) Foi. (Você já teve televisão?) Já. (E o que aconteceu? Queimou, o que aconteceu?). (Deu problema?) Foi. (Faz tempo que você não assiste televisão?) Faz. (Você queria assistir? (Queria.) (Ou você não gosta?) Gosto (Criança 2, menina, 10 anos).

Já aos finais de semana, boa parte das crianças afirma que assiste à televisão, algumas na própria casa, outras na casa de algum familiar, tanto na cidade quanto na ilha. Alguns entrevistados, porém, não veem televisão aos sábados e domingos, porque priorizam a igreja ou outras atividades com a família ou com os amigos.

Não assisto. [O que você faz à noite no sábado e domingo?] Fico sentado aqui fora (Criança 12, menino, 9 anos).

Não assisto. [Só durante a semana?] Só dia de semana (Criança 1, menino, 10 anos).

Só na casa da minha tia. [Onde é a casa da sua tia? Aqui na Cajazeirinha?] É. [Aí você vai para lá assistir televisão todo dia?] Não, só quando eu vou na

outra ilha. [Mas toda semana você vai para essa outra ilha?] Não, só sábado e domingo (Criança 16, menina, 7 anos).

Só de final de semana, de manhã até umas 22 horas (Criança 14, menino, 10 anos).

No final de semana eu vou para a casa do meu tio. [E assiste lá também?] É (Criança 4, menina, 9 anos).

Assisto. [Você assiste o quê?] O Faustão, o coiso... [Qual é?] O Fantástico. Só. [Isso no domingo, não é?] É. [E aos sábados?] Não (Criança 5, menina, 9 anos).

Eles [crianças] assistem. (Mas eles conversam ou eles ficam atentos, assistindo? Como é?) Eles ficam atentos, assistindo. (Só olhando para a televisão?) É. (E onde é que vocês assistem televisão?) É aqui em casa. No quarto. (De quem?) Da mãe (Criança 5, menina, 9 anos).

Conversa. Sobre a novela. Quando tem acidente, que já acaba o acidente, nós falamos que morreu gente. (Mas acidente passa aonde?) Teve um dia que teve um acidente aí em Tucuruí. (E você soube como?) Falou na televisão. Foi bem perto da barragem, puxaram o ônibus. Só morreu uma mulher. No jornal passou. (E você soube disso por onde?) No jornal. E a minha tia foi lá no local do acidente. (E qual foi o jornal que passou?) Todos eles estavam passando, o TJ, o Liberal e aquele que ele [outra criança] disse. (Nacional? Passou no Jornal Nacional?) Passou (Criança 1, menino, 10 anos).

Quanto à programação assistida, entre as mães entrevistadas há preferência pelas telenovelas e pelos telejornais, até porque a assistência é mais comum no período da noite, como já havíamos destacado, para otimização de energia.

Nós assiste a novela das 18 horas, depois o jornalzinho de Belém, depois o jornal grande [Jornal Nacional], a outra novela, aí depois a novela das 23 horas (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Não. Lembro só da novela... Ei, menina! Qual é? [Salve Jorge.] A minha neta que sabe, que ela fica prestando mais atenção do que eu, que sempre eu estou aqui na cozinha. Só vejo mesmo o jornal e as novelas, só. [E durante o final de semana, que não passa nem novela nem jornal, o que vocês assistem?] O final de semana, é aquela rádio Nossa Senhora da Aparecida. [Passa na TV?] Passa. Eu gosto de assistir à missa. É domingo. A missa começa às 18 horas e termina 19 horas. Passa às 6 horas, passa às 18 horas. Eu gosto de assistir mais é 18 horas. Aí, termina 19 horas (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

A gente assiste é lá no meu quarto. Assistimos à noite, a novela, o jornal. [Quais os programas que vocês assistem?] É a novela. Salve Jorge. É a que eu mais gosto de assistir. A gente assiste mais é Salve Jorge, que ela passa mais tarde. O jornal é o Jornal Nacional. Dia de domingo eu gosto de assistir o Fantástico, o Faustão (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Eu sempre gosto de assistir o Jornal Liberal, o TJ Regional, que é daqui de Tucuruí, e o Jornal Nacional, e o Programa do Ratinho (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

É mais à noite mesmo que nós assiste final de semana e dia de semana. Nós assiste o jornal, O liberal, o nacional, as novelas. A gente assiste aqui na

frente, na sala. Só vemos só aqui em casa, nós não gosta de assistir na casa dos outros não. Nós assiste tudo junto, todo mundo está sentando (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

De manhã a gente gosta de assistir aquele jornal que passa de Belém. Acho que é no SBT, eu não estou bem lembrada. Que o homem fala assim, que ele fala que quando a gente tem algum problema, alguma coisa difícil, no hospital, alguma coisa, a gente liga para ele, que eles vão verificar. Eu não estou lembrada o nome do Jornal, não sei se é Liberal. Eu sei que ele é de Belém, da área de Belém. Eu gosto muito de assistir o jornal do estado. Quando as meninas estão aqui, quando estão todas aqui em casa que assistimos. Quando elas não estão, assiste quem está em casa. Assiste desenho também. O meu marido ele gosta. Eu falo sempre para ele, o meu esposo, que ele é meio enjoado, eu falo: “– Não é assim, marido, se você quiser assistir, chama as meninas para elas se distraírem.” Porque criança quer carinho: “– Você chama as bichinhas, que não tem clube, não tem nada para a gente sair, não tem praça, uma lanchonete, nada. Vamos distrair, assistir, não é?” Ele pega e as chama para assistir, quando está bom o inversor. Não presta mais isso, é aquela, não presta mais não (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Quanto às crianças, ao que mais assistem são novelas, desenhos, jornal, programas de auditório e filmes, programações nem sempre recomendadas para sua faixa etária. As novelas a que elas assistem são da Rede Globo e SBT, sendo as mais citadas: Salve Jorge, Guerra dos Sexos, Carrossel e Flor do Caribe. Em relação aos desenhos, o mais citado é o Pica-Pau, que é transmitido pela Rede Record, além de Tom e Jerry, Kiko Bitode, Kick Buttowski, Ben 10 e Scooby Doo.

Os telejornais também são destacados pelo público infantil. Entre os mais citados estão dois de âmbito nacional (Jornal Nacional e Jornal da Globo) e um de cobertura estadual (Jornal Liberal). É interessante notar que não é citado o jornal local TJ Tucuruí, que abrange notícias da cidade e seus arredores. São citados ainda programas de auditório, como o Programa da Xuxa e o Domingão do Faustão, além da revista eletrônica Fantástico, todos produzidos e veiculados pela Rede Globo.

A maior parte da programação televisiva, como podemos perceber trata mais de assuntos de interesse nacional e internacional do que necessariamente da realidade local, ou seja, da Cajazeirinha. Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 107-108) destacam o papel da televisão como "agente integrador da cultura nacional e regional, desempenhando uma importante função referencial, pois a identidade cultural só é reconhecível no coletivo". Em parte, a oferta desse conteúdo mais regionalizado fica a cargo de emissoras de rádio e outros meios de comunicação que, como indicado anteriormente, possuem relevante audiência também na comunidade.

Há menções ainda a filmes, principalmente sobre a história de Jesus. A casa do pastor, por exemplo, se torna ponto de referência para crianças que moram em ilhas

próximas a dele e que vão para lá assistir à televisão. Na casa do pastor, a programação disponível são apenas filmes sobre a vida de Jesus e desenhos, programação essa orientada pela esposa do pastor.

Figura 64: Televisão com aparelho de DVD em uma casa em Cajazeirinha



Fonte: Autora (2013)

Olha, quando não tem culto, sempre a gente liga a televisão mais cedo, 19 horas a gente já liga. Mas é só noticiário mesmo. Na hora da novela a gente tira, coloca um filme. Eu compro filme evangélico, bíblico para eles. Eles assistem, eu coloco para eles a historinha da Bíblia. Eles sempre assistem. Sempre, quando eu compro filme, eu sempre reúno as crianças aqui, coloco para eles assistirem. (Por quê?) Porque eu acho que é bom para eles terem uma noção das coisas. Chegamos 21 horas da igreja, aí assistimos televisão. Olha, a gente assiste sempre, quando está passando Jornal Nacional, a gente assiste. Aqui a gente só evita de assistir novela, mas o resto. Assim, o Ratinho a gente assiste, o Programa do Ratinho. (E vocês evitam a novela por quê?) Porque eu acho assim, que para a criança não é um bom exemplo. Porque tem muitas cenas que eu acho que não são adequadas para a criança. Então, a gente evita a novela aqui em casa (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

Alguns filmes que estão passando e alguns filmes locados. Na região aqui são mais filmes evangélicos. Por ser uma comunidade, digamos que 70% evangélicos, nós atribuímos mais os filmes evangélicos, filmes bíblicos, que

servam para a edificação da própria comunidade (Formador de opinião 2, masculino, 2 anos na comunidade).

O que mais gostam de ver são os desenhos. Porque eles acham engraçado ver as brincadeiras dos bichinhos com o outro. E do jeito que eles veem os bichinhos fazerem, às vezes querem fazer em casa também. (Eles já imitaram algum deles assim?) Algum deles já. Mais é aquele menino meu, que está lá na escola, que gosta de imitar essas coisas (O que ele imita?) Ele imita os desenhos. Como é, [nome da filha], do desenho que ele gosta de imitar? O Ben 10, ele gosta de estar imitando o Ben 10, Homem Aranha. Tudo ele imita (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Ah, a novela às vezes, elas gostam. Não estava passando aquela, era Maria do Bairro que passava à tarde? Elas gostavam e eu também gosto. A Usurpadora. Eu sei que essas novelas que passam à tarde, que elas gostam e a gente assiste. À noite assistimos também. Assim, quando está prestando a televisão, que está no jeito aí, está tudo ok, nós assistimos jornal. Aquele, eu gosto do Jornal Nacional, o Liberal, o TJ. O TJ é regional, eu gosto, que é 19h15 parece. E o Jornal Nacional. A gente completa as novelas, entendeu? Vemos Salve Jorge. A Guerra dos Sexos também. É bacana, eu gosto (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Para eles, é televisão. Para eles, o sonho deles é a televisão, eles poder assistir desenho até não querer mais, dizer assim: “-Hoje é meu dia, que a minha mãe não me chama.” E criança, lá na ilha, não tem muito também o que fazer, a não ser ajudar os pais. Mas quando eu abro lá na minha ilha, faz tempo que eu nem faço isso, mas eu ligava a televisão, a grande lá, chamava, eles ficavam tudo sentados naquela roda enorme. (Formador de opinião 1, feminino, 15 anos na comunidade).

Muita novela. (Qual a novela, eles comentam?) Da Globo, eles comentam todas as novelas a partir das 18 horas da Globo. (Então, eles comentam aqui mais na sala de aula?) Não é sempre. Eles comentam o que passou na novela e eu peço um silêncio, deixa a novela de lado. Eles param, mas depois eles querem comentar. (Então, percebe que eles assistem?) Dá para perceber que eles assistem e também tem um aluno só que assiste filmes. Ele assiste filme, mas é filme alugado. (Em DVD, é?) É, DVD. (Formador de opinião 5, feminino, 2,3 anos na comunidade).

A respeito dos personagens e personalidades da TV que estão mais presentes na memória das crianças da comunidade os mais citados são: Morena, Théo, Delegada Helô, Livia Marine, Russo, Irina, Galego, Sheila, Dona Diva, Clóvis, Lucimar, Vanúbia e Wanda (da novela Salve Jorge); Nando, Roberta, Juliana, Felipe, Otávio, Carolina e Flor (da novela Guerra dos Sexos). Apresentadores como William Bonner (Jornal Nacional), Ratinho (Programa do Ratinho), Eliana (Programa da Eliana) e Regina Casé (Programa Esquenta), também são citados, além do desenho animado Pica-Pau e o personagem “Cara da Riqueza”, do programa humorístico Zorra Total. Novamente, notamos a prevalência de produções da Rede Globo.

Sei. Eu vou falar o nome só de um que eu sei. William Bonner. (Ah, William Bonner. Muito bem. Quem você lembra mais?) Do...os artistas. O Ratinho (Criança 15, menino, 7 anos).

Pica-pau... A Morena. A Lívia Marine ..e as outras que eu esqueci o nome lá. Me esqueci o nome delas (Criança 14, menino, 10 anos).

Nando, Roberta, Juliana, Felipe. (Esses são de qual programa?) É da Guerra dos Sexos. (Quem mais você lembra?) O Otávio, a Charlot, a Carolina, a Flor. (Esses são todos da Guerra dos Sexos?) Hum, hum (Criança 13, menina, 10 anos).

A Morena, o Théo, a Juliana. (Que Juliana?) Da Guerra dos Sexos. (Da Guerra dos Sexos?) É. O Felipe, a Roberta, o Nando (Felipe e Roberta são de onde?) Da Guerra dos Sexos. E a Morena com o Théo é Salve Jorge (Criança 8, menina, 11 anos)

Sim, Willys. (Quem você conhece?) As mulheres que passam no jornal o nome também é Willys. (Terceira pessoa – É o nome do homem que apresenta o jornal.) (Ah, do Jornal Nacional, o Willian Bonner? Entendi. E quem mais você conhece da televisão, de personagem. Que você lembra? Você já falou o homem do jornal. Lembra de mais pessoas das novelas, do Carrossel, Salve Jorge, que você assiste?) A Morena, o Théo, a diretora do Carrossel. (Do Carrossel, quem?) A diretora do Carrossel (Criança 7, menino, 6 anos)

A Eliane, a... Não tem aquele programa do Esquenta? Aquela lá também, que eu não me lembro o nome dela não. (A Regina Casé?) É, esse mesmo. (Do Esquenta?) Hum, hum. A gente assiste o Faustão também, quando a gente vai lá para a roça no final de semana (E quem é essa Eliane? Ela tem programa?) É. (Que dia que passa?) Ah... (É o programa da Eliana?) Da Eliane, é. Que tem a letra E assim, não tem? (Ah, sim. É da Eliana) (Você gosta dela?) Gosto. Só passa palhaçada. [Ela fala com uma terceira pessoa.] (Criança 6, menina, 9 anos).

A Morena. (A Morena?) Hum, hum. (Quem mais?) O Théo, a d.Helô, o Russo, a Irina, o Galego. (Quem? O Galego?) É. A Sheila, a d. Diva, o Clóvis. (Clóvis?) É. (De onde ele é, o Clóvis?) Ele é marido da d. Diva. A cara da riqueza. (De qual programa?) Do Zorra Total. A filha da cara da riqueza, a Brites e a coisa... (Criança 5, menina, 9 anos).

Sobre os personagens da televisão que essas crianças gostariam de ser, a maior parte das meninas indicou a Morena e os meninos, o Théo, personagens que formaram o casal protagonista na novela Salve Jorge. As meninas, argumentaram a escolha afirmando que essa personagem é bonita, legal, famosa e tem uma filhinha; já os meninos justificaram considerando que o personagem tinha cavalo, trabalhava no exército e era bacana.

O restante das crianças, citaram, aleatoriamente, o William Bonner, por acreditarem que ele é inteligente; o Ratinho, devido ser um artista diferente; a Regina Casé, por achar que ela é legal e ter o cabelo bonito; e dois personagens da novela Guerra dos Sexos, a Roberta e a Juliana, por serem legais e bonitas. Houve, ainda, uma minoria de crianças que não soube citar um personagem que gostaria de ser, sendo que essas são aquelas que assistem TV raramente, pois não há aparelho televisor em suas casa.

A respeito do que veem na televisão e que acreditam que realmente acontece na vida real ou é baseado na vida real, a maior parte das crianças dizem que acreditam que acontece de verdade aquilo a que assistem, seja nas novelas ou nos jornais. Outras dizem que acreditam apenas no que é veiculado em outros programas como o do Ratinho e telejornais, mas que não é verídico o que acontece nas telenovelas. Uma menor parte das crianças diz que não acredita no que vê na televisão e/ou acredita apenas em algumas coisas.

Acontece. Porque eu vejo. (Você vê acontecendo na vida real?) Hum, hum. (O quê, por exemplo? Me diz uma coisa que você viu na televisão e que você viu que acontece mesmo de verdade) Na televisão é homem brigando (Criança 16, menina, 7 anos).

Só acho que não acontece é da novela. Mas do jornal e do Ratinho, eu acho que acontece (Criança 15, menino, 7 anos).

Acontece. (O quê, por exemplo? O que você vê lá, que você acha que acontece mesmo, de verdade?) Engraçado, mas ali a coisa, a coisa briga muito, a Charlot. O Otávio mais a Charlot brigam muito. (E na vida real tem mesmo essas brigas?) Tem (Criança 13, menina, 10 anos).

Que eles colocam. Não (Criança 12, menino, 9 anos).
Tem umas que são verdade, as outras não são. (O que é verdade, por exemplo?) Sei lá. (O que você acha que é mentira?) As pessoas se batendo (Criança 11, menino, 9 anos).

Que lá é uma gravação. (Uma gravação? Então, é de verdade ou não?) É. (É? Então, quando você está assistindo, tudo que acontece lá com a Juliana, com a Morena na novela, está acontecendo de verdade? Está?) Está (Criança 9, menina, 6 anos).

Não. (Eles inventam tudo?) Não. Por uma parte é verdade, pela outra é mentira. (Por que você acha isso?) Porque muitas coisas que eles mostram não é verdade (Como o quê, por exemplo? O que você acha que passa, que não é verdade?) Não sei o que é (O que passa lá, que você acha que é verdade?) Do tráfico das pessoas. (Isso é verdade?) É (Criança 8, menina, 11 anos)

Acontece. Porque passou no jornal. Eu vejo no jornal (Criança 7, menino, 6 anos).

Só algumas que acontecem. (Algumas?) É. (Você acha que é mentira? Mas você acha que isso acontece na vida real, que tem pessoas que matam outras? Como assim, algumas? Quais são algumas dessas coisas que acontecem de verdade?) Aquelas mulheres na boate. (As mulheres na boate, é?) É. (E o que mais?) Não sei mais não. Eu sei que acontece mais coisas. (Acontece mais coisas?) É (Criança 5, menina, 9 anos).

Tráfico de pessoa acontece. (Como você sabe?) Porque passa no jornal que pessoas são traficadas. (Então você assiste jornal também?) Assisto. (Qual é o jornal?) O Jornal Liberal, Nacional e o TJ. (Qual?) TJ. (TJ? É o de Tucuruí?) É (Criança 1, menino, 10 anos).

Os adultos também comentam sobre esse assunto. Eles, dizem que acreditam que muitos dos assuntos abordados pela televisão, seja nas novelas ou em jornais ou até mesmo em programas de auditório, são conteúdos baseados na vida real. No entanto, alguns frisam, ainda, que vários conteúdos televisionados são apenas fantasias.

Olha, muita coisa que aparece na televisão acontece na vida real sim. Agora, muita coisa não. Por exemplo, olha, como tráfico de pessoa, isso é verdade. Isso é uma realidade muita grande. E muitas coisas não acontecem, como... Assim, mulher com mulher, homem com homem andando, isso é verdade. Agora, tem outras coisas que não são verdade, que aquilo só estão ensinando coisas que não são verdade. (E o quê, por exemplo, que você acha que não é verdade?) Que não é verdade, tem muitas coisas que são ensinadas assim, que muitas vezes não pratica a traição. Estão ensinando lá. E muitas vezes aquela pessoa não está fazendo aquilo na vida real dele, aquilo lá é só uma cena. Pra mim muitas coisas da televisão atrapalham. Eu creio que sim, que atrapalham. Que ensina muita coisa que não agrada (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

(Vocês acreditam que o que passa na TV é de verdade, acontece na vida real aquilo que está vendo lá?) Eu não acredito não. (Mas será que baseiam na vida real?) Algumas vezes eu acredito que acontece, algumas coisas. Agora, algumas coisas não. Esses programas que eu falei que as crianças gostam de assistir eu acho que ajuda no desenvolvimento delas (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Eu acho que é sim, que essas coisas da televisão acontecem mesmo na vida real. As crianças só assistem mais é comigo, com o pai deles e o tio deles mesmo. Só adulto mesmo (Mãe 8, 37 anos, 12 anos na comunidade).

Que passa a televisão e que acontece de verdade mais é o jornal, porque tudo que passa no jornal acontece mesmo. Novela, não, e até evitamos novela. Até porque é uma ficção (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

Assim, como agora essa novela Salve Jorge, eu vi algumas partes. Não vou falar que eu não assisto, mas eu vi sim, quando eu morava perto da menina ali. Eu assisti algumas partes que me chamaram a atenção. Que realmente, o que passa lá na Salve Jorge, que pega a menina brasileira, para levar para se prostituir, acontece de fato na vida real. Isso realmente acontece. E como foi através dessa novela que foram pegadas muitas meninas, até filhas de atores, que estavam se prostituindo para fora, nas boates assim. Então, isso veio para alertar o povo. Isso é muito bom (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Para as autoras Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 107-108), a televisão é "responsável por alterações nas formas de usufruir o dia a dia, pela instauração de novas sociabilidades e por mascarar e negar conflitos, em uma tentativa de unificar os estilos de vida, conteúdos sociais, culturais e religiosos" (JACKS, MENEZES, PIEDRAS, 2008, p 107-108). Assim, perguntamos às mães se elas acreditavam que a televisão contribuía ou não para formação das crianças. Todas disseram que esse meio de comunicação ajuda sim seus filhos, porém, algumas fizeram ressalvas, destacando que apenas alguns programas são saudáveis, principalmente desenhos e jornais.

Eu acho, porque assim, por uma parte é bom, porque ajuda as crianças mais a desarmar [desenvolver-se], aprender algumas coisas também. Agora, por umas partes não é bom, porque ensina muitas coisas que não é para as crianças aprenderem. Assim, sobre negócio de novela que eu estou falando. Ah, eu ia indicar para eles assistirem desenho, aquele programa que tem da... Qual é o nome dela? Daquela, [fala o nome da filha], que passa ensinando as coisas. Como é o nome dela? Ana Maria Braga. Assim, esses programas assim. Porque eles iam aprender muitas coisas assim, um bocadinho de coisas eles aprenderiam. Eu acharia bom que eles aprendessem (Mãe 2, 34 anos, 23 anos na comunidade).

Com a televisão, olha, eu acho que eles aprendem um pouco. Eles veem mais ou menos o que está acontecendo lá fora, a violência que tem lá fora. Entendeu? Pelo jornal (Mãe 3, 27 anos, 03 anos na comunidade).

Do que elas assistem eu acho assim, que em uma parte deve ajudar. Porque às vezes tem aqueles programas que têm aquela mocinha e o rapaz. Como é nome daquele programa que tem a mocinha e o rapaz, sabe? Que eles eram meninos e agora já estão uma moça e um rapaz. Eles às vezes fazem brincadeiras e dão tipo assim, as brincadeiras tipo matemática e a criança às vezes desarma[desenvolve]. Eu acho que em parte ensina alguma coisa. Que nem eu estou falando, a matemática ajuda. Se a criança for uma criança que é curiosa para aprender, ajuda. Agora, aquele que só quer... Se for para ajudar na matemática, que nem eu falo assim. Tem alimentação, tem programa que às vezes... Tem aquele programa também da Ana Maria Braga, não é? Aquele é ótimo, eu gosto. Fazer comida também, alimentação eu acho bacana. Eu acho que a novela, a gente sabe que a novela, aquela cena eles fazem ali é só novela. Mas só que na vida real, baseando, acontece do mesmo jeito. É baseado, é sim (Mãe 4, 39 anos, 27 anos na comunidade).

Com as novelas eles aprendem, filha, mas eu adoro mais eles aprender é o jornal, porque no jornal eles estão vendo o que está acontecendo, o que está passando, aquele sofrimento, aquela agonia, porque olha, tem muita coisa horrível no jornal. Eles estão vendo aquilo ali, aí eles estão pegando aquele exemplo. E aquilo ali serve de um exemplo para eles. Ainda mais o meu, que já está, rapaz... Aí, eu gosto mais que eles assistam o jornal. Que passa na televisão e que acontece na vida real, das novelas não acho não, filha, só o jornal. (Que acredita que acontece de verdade?) É, o que acontece de verdade (Mãe 1, 58 anos, 25 anos na comunidade).

Como eu lhe falei, tem parte que vem coisa boa, ajuda. Porque tem programação que incentiva a criança a, como que se diz? A criar ânimo, fazer coisas, novas ideias. Mas tem também parte que traz também novas ideias, mas para a ruína. É por isso que falo assim, ter uma televisão em casa, tudo bem. Mas nós temos que saber a programação que os nossos filhos têm que assistir, porque a educação vai desde a casa, é de dentro da casa. Eu não tenho nada contra, mas somos nós que temos que ver o que os nossos filhos devem assistir ou não. É isso aí. E, olha, a maioria das vezes eles assistem acompanhados das crianças, dos primos deles. Porque como eles vão para lá para a casa da tia deles, eles ficam assistindo com os primos deles, mas sempre tem algum adulto na hora (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

O que eles assistem ajuda mais um pouco, ajuda bastante a coisar para eles prestar atenção no que está acontecendo. Eu coiso, indico também. Porque é bom a gente assistir. É bom a gente assistir as coisas para ver o que acontece. Do que eles veem, rapaz, eu acho que uma parte é verdade, muitas não é. Isso eu falo sempre. Muitas coisas que passa no jornal é verdade, porque a violência está demais. A violência, a droga, a mal criação do filho para o pai,

também tem muito pai que é carrasco. Isso é o que está acontecendo no Brasil todo. A gente vê mesmo passar. Não é mais como era antigamente, que era bom para a gente criar os filhos da gente. Se ajudam eles, não sei. Agora eu não sei não. Eu acho que sim, que eles estão vendo. A gente não quer que eles pratiquem isso não. Essas coisas que estão acontecendo (Mãe 6, 61 anos, 05 anos na comunidade).

Bom, tem alguns desenhos que eu deixo eles assistirem como ele falou: é o Pica-Pau. Que sempre nós gostamos de alugar DVD para eles assistirem evangélicos. Sempre é isso. Mas devido a um sobrinho que eu tenho aqui, eles vão com ele assistir a novela (Mãe 7, 28 anos, 1,10 anos na comunidade).

Para além do momento de assistência, porém, buscamos saber quais associações são realizadas pelas crianças entre o conteúdo televisivo e o seu cotidiano. A maior parte afirmou que comenta, geralmente, sobre as novelas com amigos e familiares. Algumas, porém, dizem que não conversam sobre nada que viram na televisão.

Eu comento com a Juliana, o Lucas e a Ana Paula. (Seus amigos da escola?) Hum, hum. (E vocês comentam mais sobre o quê?) De Salve Jorge e da Guerra dos Sexos. (Salve Jorge e Guerra dos Sexos?) Hum, hum. Sobre a Carrossel. (O que você já gostou, que viu passando na TV, que vocês começaram a conversar sobre isso?) Carrossel. (Era sobre o quê?) Coisa de não quer ir para o colégio. E o cachorro ia morrendo e ele chorou (Criança 13, menina, 10 anos).

Costumo, eu converso com eles. Sobre a novela. (Me diz uma coisa que vocês conversam sobre a novela?) [trecho inaudível] o cara conversa muito. (O quê?) É na Carrossel, porque um menino que está sozinho, aí ficam fazendo [trecho inaudível], fazendo aquela palhaçada (Criança 11, menino, 9 anos).

Sim. Da novela. (Mas o quê da novela?) O que passa nela. É que ela pergunta o que foi que aconteceu na novela e eu falo o que acontece (Criança 8, menina, 11 anos).

A gente conversa assunto de novela, de jornal, programa. (No intervalo, na escola?) É, na hora do intervalo (Criança 6, menina, 9 anos).

Sobre a Morena, sobre os acidentes, quando acontece, nós contamos. Sobre a novela todinha (Criança 1, menino, 10 anos).

Conversamos. Dos desenhos. (Sobre o que está vendo na TV?) Hum, hum. Comento. Do filme. (Do filme que vocês assistiram?) Desenho. (E vocês falam o que vocês gostaram, é?) É. (Criança 4, menina, 9 anos)

Quando eles assistem vejo mais é comentário, na hora da coisa é comentário. É. Eles riem, eles se beliscam. É desse jeito. Eles começam a falar sobre o que está passando na novela. Assim, até de manhã, antes de eles irem para a escola, eles já estão comentando: “-Tal coisa, passou isso na novela.” Tem dias que é o dia todinho aquilo, eles ficam rindo. Eu acho engraçado eles ficarem falando (Mãe 9, 26 anos, 12 anos na comunidade).

Assim, consideramos que as vivências dos moradores da comunidade Cazajeirinha aqui apresentadas, sobretudo das crianças, integram processos comunicacionais que se dão tanto na perspectiva das interações mediadas (com o uso de celulares), quanto quase-interações mediadas (com a presença significativa de meios massivos), assim como interações face a face (THOMPSON, 2011).

Do mesmo modo em que trabalhamos no capítulo anterior as mediações socioculturais que constituem o cotidiano da comunidade, buscamos evidenciar a importância também da comunicação midiática nesse contexto em que, apesar das dificuldades de infraestrutura enfrentadas pelos moradores da Cajazeirinha, encontramos ocorrências diferenciadas de assistência de TV e uso de outros meios de comunicação.

Acreditamos, como Braga (2011) e França (2006), que esse exercício de perceber objetos que reconhecem a importância da mídia sem ofuscar a forte marca da oralidade na comunicação humana nos fornecerá subsídios para compreender o tão complexo processo comunicacional, cujos sujeitos e as variáveis constituintes são múltiplos.

O QUE ENCONTRAMOS NO CAMINHO

O movimento de sair de Tucuruí, no sudeste do Pará, e vir para a capital paraense em busca do que não conseguíamos enxergar estando lá, representa não só um deslocamento físico de um município a outro do estado, mas um deslocamento do nosso olhar sobre a realidade do local onde nascemos e moramos, bem como de nossa perspectiva de vida e de mundo. E dizemos isso porque foram essas mudanças que nos permitiram perceber o contexto no qual estávamos inseridas e que se refletem diretamente nesta pesquisa. Ou seja, nossa trajetória de vida está intrinsecamente imbricada nesse início de nossa caminhada acadêmica.

A inquietação que provocou esse deslocamento foi tentar compreender os processos comunicacionais da comunidade Cajazeirinha e mapear os meios de comunicação massivos existentes em Tucuruí e nas ilhas dessa comunidade.

Iniciamos nossa caminhada a partir de um levantamento bibliográfico e documental que nos permitiu entender melhor a formação de Tucuruí. Propusemo-nos a compreender a história da cidade, buscando dados para além da data de sua criação. Precisávamos entender como Tucuruí se formou e para isso foi essencial perceber como se deu o processo de constituição da cidade a partir da configuração das primeiras povoações no local. Nesse breve passeio pela história, encontramos fatos extremamente significativos, como por exemplo, informações sobre o povoado denominado Vila de São Bernardo de Pederneiras; passando pela implantação da Estrada de Ferro Tocantins, um dos fenômenos de atração de população para essa região; conhecendo alguns fatos como a emancipação de Baião, quando Tucuruí tornou-se município em 31 de dezembro de 1947. Vimos, também, uma caracterização sociocultural da cidade até chegar à formulação e ao desenvolvimento do projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE).

Assim foi possível entender o contexto no qual surge e é implantada a Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE). Como projeto governamental, a proposta oficial era o desenvolvimento do país. Apreendemos e destacamos ao longo do primeiro capítulo algumas questões derivadas desse tipo de projeto na Amazônia. Mensurar as perdas e ganhos desse tipo de intervenção não é tarefa fácil e sequer foi o objetivo deste trabalho. No entanto, acreditamos que investigar os processos comunicacionais de uma comunidade constituída a partir da construção da Usina, aproximando-nos do seu cotidiano, seja uma maneira de fornecer indicativos para a compreensão dos impactos

provocados por esse tipo de projeto. A UHE Tucuruí foi inaugurada 22 de novembro de 1984 e 28 anos depois ainda é um assunto polêmico, pelo menos localmente. Não há dúvida que no âmbito do sistema capitalista o desenvolvimento do país é necessário, inevitável mesmo e urgente. Entretanto é necessário entender de que forma de “exploração” dos recursos naturais queremos e qual a melhor maneira de executá-la. Qual será o modelo de desenvolvimento para este século, o mesmo dos séculos passados? Em que a história pretérita do desenvolvimento e de seus modelos servirão para o presente do país e seus projetos, especialmente na região amazônica? Buscaremos/encontraremos possibilidades mais equilibradas de uso dos bens naturais?

Historicizando o surgimento, a implantação e o desenvolvimento da cidade, contextualizando sua população e seu entorno, foi possível retratar como se deu a implantação da UHE Tucuruí e seus impactos, como as mudanças climáticas, geográficas e topográficas na região onde a usina foi implantada. Entre os quais está o surgimento do mosaico de unidades de conservação, com terras a serem preservadas. Mostramos que nesses locais, surgem novas populações, ao redor do lago. Centenas de ilhas se formaram no interior do lago para onde afluem pessoas em busca de melhores condições de vida. São brasileiros amazonenses oriundos de Tucuruí e de outros municípios paraenses, e também de outros estados do Brasil.

Inferimos que, realmente, há várias “Amazônias” ainda por serem estudadas. A Amazônia onde está situada a comunidade Cajazeirinha, nosso objeto específico de trabalho, constitui-se a partir de um processo histórico conflituoso, pois a UHE Tucuruí desmatou uma vasta área na região o que, além de ter causado danos irreparáveis, produziu novos lugares para habitação atraindo populações diversas que se reuniram e formaram comunidades. Partimos então para perceber o processo de configuração dessa comunidade, e nos deparamos com experiências, hábitos culturais, exclusão e segregação.

Vimos, ainda, que para compreendermos as relações das crianças no seio de suas famílias na comunidade, precisamos vê-las como sujeitos que desenvolvem práticas comunicativas, as quais estão contempladas nos processos comunicativos (FRANÇA, 2006). Esses sujeitos, denominados também de sujeitos em comunicação, foram observados neste estudo como sujeitos ativos, como aqueles que participam ativamente nos processos comunicativos, a partir da visão dos Estudos de Recepção Latino-Americanos (ESCOSTEGUY, JACKS, 2005; FRANÇA, 2006). As crianças foram consideradas como sujeitos que fazem uso dos meios de comunicação, como televisão,

rádio, celular, livros e revistas, sendo livres para reelaborarem e ressignificarem os conteúdos massivos, de acordo com suas experiências culturais (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

A reflexão tendo como pressupostos os Estudos de Recepção colaborou para percebermos as mediações culturais em Cajazeirinha, independentemente e além de meios de comunicação como a televisão, nossa focalização inicial para o estudo com as crianças. Portanto, com a realidade que encontramos na comunidade e essa postura teórica assumida, foi possível observarmos algumas ações de crianças como práticas comunicativas, desde que o contexto da pesquisa nos obrigou ao deslocamento do espaço dos meios para o lugar em que se produz sentido: as *mediações* (MARTÍN-BARBERO, 1997), para podermos perceber os processos comunicativos (FRANÇA, 2006).

Dessa maneira, encontramos práticas das crianças, em suas relações familiares, que apontam como principais mediações: a família, a escola, a igreja e os meios de comunicação – principalmente televisão e rádio, pelas menores dificuldades de acesso. As crianças têm uma rotina que entrelaça essas mediações. Como observamos em campo e também a partir dos depoimentos tanto das crianças quanto das mães e formadores de opinião, o cotidiano dessas crianças engloba brincadeiras, ir para a escola, assistir televisão, ouvir rádio, além das relações e atividades em casa (domésticas e/ou escolares).

Para este estudo os conceitos de mediação e recepção se mostraram como dimensões dos processos comunicacionais. Sendo assim, a partir dessa escolha percebemos que apesar dos meios massivos fazerem parte do cotidiano das crianças era necessário observar essa comunidade a partir das suas interações sociais estabelecidas no cotidiano, suas relações com o ambiente em que viviam, a forma como se divertiam, suas escolhas religiosas, enfim, o que as constituía como *sujeitos em comunicação*. Vimos os processos comunicacionais, acontecendo com ou sem televisão.

Em grande parte os processos de comunicação nessa comunidade se dão a partir da interação face a face, conforme Thompson assinala. É nessa interação que se dá a transmissão de valores, o ensinamento religioso, o aprendizado de ofícios. As brincadeiras tomam parte significativa do dia dessas crianças. No cotidiano desses meninos e meninas as brincadeiras tradicionais (roda, se esconde ou esconde-esconde, pira alta, boneca, bola, dentre outras) são constantes e muitas delas acontecem na água,

ou a partir dela (mãe d'água, canoa etc.). O espaço de lazer é todo o lago, mesmo com seus perigos naturais.

Mesmo tendo seus processos comunicacionais tecidos em grande medida a partir do contato face a face, tendo como base a oralidade, foi possível perceber a circulação das mensagens dos meios de comunicação massiva e a importância atribuída para esses meios. Nas entrevistas, observações e dinâmicas com as crianças foi possível constatar como a televisão e o rádio são percebidos como itens de primeira necessidade, mencionados junto aos produtos de alimentação e infraestrutura básica.

Com acesso limitado aos meios massivos a comunidade possui formas coletivas de assistência e uso da televisão, na casa dos vizinhos ou parentes. O que faz com que raramente as crianças estejam sozinhas assistindo aos programas. No caso do rádio, observamos que ele ocupa um papel destacado na dinâmica de vida dos moradores da Cajazeirinha. O celular é um meio que tem sido utilizado pelos moradores para comunicação pessoal e apenas poucos jovens o utilizam para além de sua função básica, como plataforma de exibição de vídeos, por exemplo. Mas é interessante verificar como a dinâmica da vida cotidiana é alterada pelo uso desse meio. É possível perceber nas falas dos entrevistados como o celular tem sido utilizado para organizar atividades econômicas: a venda de produtos da horta na cidade.

No caso das crianças e a televisão, em campo foi possível verificar, por meio dos grupos focais, observação e outras práticas de estudo de recepção, a forma como o público dessa comunidade se relaciona com esse meio. Os desenhos produzidos por essas crianças indicam o quanto a relação com os elementos do cotidiano estão mais presentes do que propriamente a televisão. Interessante perceber que o limitado acesso ao meio indica uma atenção maior ao que está presente durante todo o dia, em vários ambientes nas quais as crianças convivem (casa e escola), as brincadeiras, os animais, as plantas, a natureza enfim.

O acesso limitado também restringe o tempo da assistência, geralmente, no horário noturno para acompanhar novelas e jornais. Os jornais preferidos são os de Belém, o que indica maior identificação com questões da capital do que com as locais. A preferência de programação das crianças é também novelas, desenhos, jornal, programa de auditório e filmes, muitos dos programas não recomendáveis para faixa etária das crianças. É interessante destacar que uma das mães não permite a assistência de novelas, mas adota como preferência para assistência dela e dos filhos o programa do

Ratinho, o que indica a existência de um critério, embora não nos detivéssemos em juízo de valores.

Além da riqueza de informações a que tivemos acesso, que não se encerra neste trabalho, conseguimos realizar um diagnóstico não conclusivo, mas bastante elucidativo dos meios de comunicação massivos existente em Tucuruí, identificando a escassez ou precariedade desses serviços em Cajazeirinha. Encontramos muito mais e percebemos ainda mais, pois essas descobertas alimentarão futuros trabalhos. Mas acreditamos poder afirmar que as informações que coletamos, em uma primeira aproximação, são extremamente significativas para o estudo da história dos meios e dos processos de comunicação na Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Aline Reis de Oliveira. **Os territórios protegidos e a Eletronorte na área de influência da UHE Tucuruí – PA**. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2008.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DAS ILHAS DA CAJAZEIRINHA. Estatuto. Tucuruí, PA, maio 2000.

BARBOZA, Myrian Sá Leitão; BARBOZA, Roberta Sá Leitão; KNOECHELMANN, Clarissa Mendes; PEZZUTI, Juarez Carlos Brito; OLIVEIRA, Ana Cristina Mendes de. **Antes havia muito peixe que nós dávamos para os nossos cachorros, eles eram roliços, hoje em dia até para nós tá difícil**: reflexão sobre os conflitos no uso dos recursos pesqueiros pelos ribeirinhos do lago Tucuruí-PA. Seminário Internacional Amazônia e Fronteiras do Conhecimento. Belém: Universidade Federal do Pará; Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 9 a 11 dez. 2008.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BONIN, Jiani Adriana. **Pesquisa exploratória**: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo. In: XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2012, Juiz de Fora-MG. *Anais...* Juiz de Fora: Compós, 2012.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. Unisinos, v.XXV, n.58, p. 62-77, jan-abr. 2011.

BRASIL. Resoluções nºs 26/06, 31/06, 01/07, 02/07 e 05/07: Comissão Especial: atingidos por barragens. Brasília: Conselho de Defesa da Pessoa Humana, jul. 2007.

BRASILIT. **Telhas onduladas**. Página oficial da empresa na internet. Disponível em: <<http://www.brasilit.com.br/produtos/telhas-onduladas/>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

CASTRO, Jorge Abrahão de; MODESTO, Lúcia. **Bolsa família 2003-2010: avanços e desafios**. Brasília: Ipea, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_bolsafamilia_vo11.pdf> Acesso em: 11 jul. 2013.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Sistemas de comunicação na Amazônia. **Revista Fronteiras** (Online), v. 13, p. 179-191, 2012.

CIDADE de Tucuruí. [Registro fotográficos da cidade de Tucuruí]. Disponível em: <<http://cidadedetucuruui.com.br/>> Acesso em: 10 dez. 2012.

CMB – Comissão Mundial de Barragens. **Estudo de caso**: Usina Hidrelétrica de Tucuruí (Brasil) – Relatório Final. Laboratório Interdisciplinar de Meio Ambiente. Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação de engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. LIMA/COOPE/UFRJ, 2000.

CONDE, Evelyn Iris Leite Morales; BARBOSA, Elaine dos Santos; SILVA, Nilton César da. Rádio de poste: o início da sonoridade elétrica em Rondônia. X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Boa Vista, RR, jun. 2011. In: **Anais...** Boa Vista, RR: Intercom, 2011.

DESAFIO. **A revista da família**. Tucuruí: Centro Educacional Cultural Gamaliel, ano 3, n. 8., dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cbdb.org.br/xxviisngb/T99/A16.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2007.

DE LUCA, Luiz Gonzaga Assis. **A hora do cinema digital**: democratização e globalização do audiovisual. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. Coleção Aplauso. Série Ciência e Tecnologia.

ELETRONORTE - Centrais Elétricas do Norte do Brasil. **Livro Branco**: sobre o meio ambiente na Usina Hidrelétrica Tucuruí. Brasília: Ministério de Minas e Energia; Eletrobrás, 1987.

____. Centrais Elétricas do Norte do Brasil. **Eletronorte**: 30 anos de pura energia brasileira. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2004.

____. **Casa de Força da Usina Hidrelétrica de Tucuruí**. Tucuruí, 2012a. Cartão postal, 10 cm x 15 cm.

____. **Vertedouro da Usina Hidrelétrica de Tucuruí**. Tucuruí, 2012b. Cartão postal, 10 cm x 15 cm.

____. Centrais Elétricas do Norte do Brasil. **Transmissão**. Página oficial da empresa na internet. Disponível em: <<http://www.eln.gov.br/opencms/opencms/pilares/transmissao/estados/tucuruui/>>. Acesso em: 21 jan. 2012c.

____. **Eclusas da Usina Hidrelétrica de Tucuruí**. Tucuruí, 2012d. Cartão postal, 10 cm x 15 cm.

____. Centrais Elétricas do Norte do Brasil. **Municípios com imagem**. Arquivo com visualização da abrangência geográfica de todos os municípios adjacentes à UHE Tucuruí. Formato PDF. Tucuruí: Eletronorte, 2012e.

____. Centrais Elétricas do Norte do Brasil. **Escavações para construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí**. Arquivo de divulgação com fotografia durante a obra da UHE Tucuruí. Formato banner impresso. Tucuruí: Eletronorte, 2012f.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FERREIRA FILHO. Antonio Augusto. **A Elevação da Cota do Reservatório Hidráulico da UHE Tucuruí e seus Efeitos sobre a População da RDS Alcobaça (PA)**. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia), Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2010.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** X Compós – Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação. In: *Anais...* Brasília, jun. 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1266.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

_____, Vera Regina Veiga. **Sujeito da comunicação, sujeito em comunicação.** 2006.

_____, Vera Regina Veiga. **Contribuições de G.H. MEAD para pensar a comunicação.** XVI Encontro da Compós, junho 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GOMES, I. **O conceito de recepção e a abordagem do processo comunicativo.** In: Textos de Comunicação, nº 36. FACOM /UFBA, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. **Censo 2010.** Contagem populacional. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=15&dados=1>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

_____. Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. **Cidades.** São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=150810>. Acesso em: 28 jun. 2012.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. de. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. Revista FAMECOS, n. 30, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** São Paulo: Escrituras, 1995.

MACIEL, Edmilson Rodrigues. **O Lago.** [S.l.: s.n.], 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Comunicação e mediações culturais. Entrevista a Cláudia Barcellos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho, 2000.

____. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTINO, Luiz C. História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. **E-Compós**, 2004.

MARTINO, Luiz Claudio; BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **Estudos Culturais Latino-Americanos:** convergências, divergências e críticas. Intexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n 22, p. 3-19, janeiro a junho 2010.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MAZZON, José Afonso. **Formulação de um modelo de avaliação e comparação de modelos em marketing.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1978.

MEAD, George-Herbert. **L'esprit, le soi et la société.** Paris: PUF, 2006.

MEC - Ministério da Educação. Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Estudo de Recepção com Crianças:** a comunicação em uma comunidade de Óbidos - Pará - Amazônia – Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social-Jornalismo), Universidade Federal do Pará, 2010.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará.** Belém: Delta; O Liberal, 2001. 15v.

MOURA, Ignacio Baptista de. **De Belém a S. João do Araguaia:** vale do rio Tocantins. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

NAVEGAPARÁ. **O que é o NAVEGAPARÁ?** Disponível em: <<http://www.navegapara.pa.gov.br/?q=content/o-que-%C3%A9-o-navegapar%C3%A1>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

O DESAFIO. Tucuruí: Construções e Comércio Camargo Corrêa S.A., dez. 1982.

OROZCO GÓMES, Guillermo. Recepciones televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudio. **Cuadernos de Comunicaciones y practicas sociales**, n. 2, PROIICOM, UIA, México, 1991.

____. **La investigación em comunicación desde La perspectiva cualitativa.** Guadalajara, México: Instituto Mexicano para El Desarrollo Comunitari, 1997.

____. **Televisión, audiencias e educación.** Buenos Aires: Grupo editorial Norma, 2001.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PANDOLFO, Clara. **Amazônia Brasileira**: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras. Belém: Cejup, 1994.

PARATUR. **Lendas paraenses**. Disponível em: <www.paratur.com.br/portal/turismo-no-norte/belem/lendas-pai-degua/>. Acesso em: 07 jun. 2013.

PINHEIRO, Maria Fernanda Bacile. **Problemas sociais e institucionais na implantação de Hidrelétricas**: seleção de casos recentes no Brasil e casos relevantes em outros países. 2007. 204 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento em Sistemas Energéticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2007.

ROCHA, Gilberto de Miranda. **Todos convergem para o lago!**: Hidrelétrica Tucuruí, municípios e territórios na Amazônia. Belém: Universidade Federal do Pará; Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008.

ROCHA, Maria de Nazaré Almeida. **Educação ambiental em comunidades de ilhas no entorno do reservatório da UHE Tucuruí – PA**. 2002. 77 f. e anexos. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2002.

RÜDIGER, F. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Calos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SARACURA, V.; GHILARDI Jr., R.; SILVA, M. Mosaico de Unidades de Conservação da região da UHE Tucuruí- Implementação de um modelo de gestão ambiental para o reservatório. XXVII Seminário Nacional de Grandes Barragens. In: **Anais...** Belém-PA, Comitê Brasileiro de Barragens. 2007.

SECTAM - Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. **Macrozoneamento da área de influência, a montante, do lago-reservatório da usina Hidrelétrica de Tucuruí**. Belém: SECTAM, 2000.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 3. ed. revista e nova tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: USP, 1974.

SILVA, Edenice Pereira da; DUTRA, Manuel José Sena. Construindo um Objeto de Estudo: a Televisão e as Práticas Comunicativas das Crianças na Comunidade Cajazeirinha no Lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 3 a 7 set. 2012, Fortaleza-CE. In: **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012.

SILVA, Luiz Henrique Barros da. **Tucuruí**: das origens aos dias atuais - dados históricos, geográficos, econômicos, culturais e sociais. Tucuruí, s/d. No prelo.

TELEDRAMATURGIA. **Salve Jorge**. Blog do Nilson Xavier. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/salvejorge.asp>>. Acesso em 06 jun. 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TSU, Victor Aiello; GEERTZ, Clifford. A Mitologia de um Antropólogo (entrevista). In: **Revista de Estudos da Religião**. n. 3, 2001: p. 126-133. Disponível em <www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_geertz.pdf> Acesso em: 05 dez. 2012.

TUCURUÍ (município). **Inventário turístico de Tucuruí**. [S.l.: s.n.], 1999.

_____. **Municípios e Territórios na Amazônia**. Belém: Numa/UFPA, 2008.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Sustentável. Departamento de Turismo. **Inventário do potencial turístico**. Tucuruí, 2010. CD-ROM 1.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA. **SECTAM vira SEMA e APA de Algodão ganha chefia**. Out 2007. Disponível em: <uc.socioambiental.org/noticia/sectam-vira-sema-e-apa-de-algodoal-ganha-chefia> Acesso em: 06 jun. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4ª. ed. Lisboa: Presença, 1995.

APÊNDICE I

ROTEIRO INICIAL COM OS LÍDERES DA COMUNIDADE

- As pessoas costumam fazer o que no dia a dia?
- Assistem TV?
- Desde quando há televisão nas ilhas de Tucuruí?
- Tem TV em todas as famílias da Comunidade Cajazerinho?
- E as crianças, o que fazem durante o dia?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA LÍDERES DE OPINIÃO

- Quantas famílias residem em Tucuruí?
- Quais os meios de comunicação que têm em Tucuruí?
- Desde quando há rádio nas ilhas de Tucuruí? Quais as emissoras atuais de rádio?
- Desde quando há televisão nas ilhas de Tucuruí? Quais as emissoras atuais de TV?
- Tem TV em todas as famílias da Comunidade Cajazeirinha? (Saber qual a presença de TV nos domicílios da Comunidade Cajazeirinha).
- As pessoas costumam fazer o que no dia a dia, na comunidade? (Verificar o cotidiano, aspectos culturais, religiosos, festas comuns, etc.).
- E as crianças, o que fazem durante o dia?
- As crianças assistem TV e com quem? Onde fica a TV?
- Qual a infraestrutura para os meios de comunicação de massa nas ilhas da Cajazeirinha? (Cabeamento, antenas, energia elétrica, etc.)
- Quais os programas de TV que as crianças da Cajazeirinha costumam assistir? (Gênero, horário, publicidade, etc.)
- Há quanto tempo você vive / convive (ou conhece) em Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que sabe da história de Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que melhorou desde que chegou aqui?
- Poderia me contar o que piorou desde que chegou aqui?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

- Qual seu nome?
- Há quanto tempo trabalha nessa escola? E qual as séries que leciona aqui?
- Onde você mora?
- [Se fora de Cajazeirinha]: Há quanto tempo você convive com a comunidade de Cajazeirinha? [Se dentro da Cajazeirinha]: Há quanto tempo você mora em Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que sabe da história de Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que melhorou desde que chegou aqui?
- Poderia me contar o que piorou desde que chegou aqui?
- Sabe me dizer quantas famílias residem em Tucuruí?
- Poderia me contar a rotina da comunidade? O que as pessoas costumam fazer no dia a dia, na comunidade? (Verificar aspectos culturais, religiosos, festas comuns, etc.).
- E as crianças, o que fazem durante o dia?
- Quais os meios de comunicação que têm em Tucuruí?
- Como funciona a infraestrutura para os meios de comunicação de massa aqui? (Cabeamento, antenas, energia elétrica, etc.).
- Desde quando há rádio nas ilhas de Tucuruí? Quais as emissoras atuais de rádio?
- Desde quando há televisão nas ilhas de Tucuruí? Quais as emissoras atuais de TV?
- Sabe se tem TV em todas as famílias da Comunidade Cajazeirinha? (Saber qual a presença de TV nos domicílios da Comunidade Cajazeirinha).
- Quais os programas que costuma assistir quando está aqui na comunidade? E quando está na sua casa em Tucuruí? (Perceber gênero, horário, publicidade, etc.).
- Sabe se as crianças assistem TV? E com quem?
- Você costuma mencionar algo que viu na televisão para os alunos? Pode citar alguns exemplos?
- As crianças conversam sobre algo ou alguém que viram na TV?
- As crianças conversam sobre o que os pais/responsáveis assistem na TV?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS

- De quê as crianças brincam aqui?
- Qual o horário que elas costumam brincar?
- Como elas brincam e com o quê?
- Quais as brincadeiras preferidas pelas crianças?
- Quando você (pai e/ou mãe) era pequeno você brincava de quê?
- Você vê alguma diferença na sua infância para a infância de seus filhos? Quais?
- Seus filhos estão na escola?
- Em qual o horário vão para a escola?
- Qual a rotina das crianças durante a semana? E aos finais de semana? (Verificar se comentam sobre assistência de TV).
- Quais os meios de comunicação de massa têm em sua casa? Como TV, rádio, revista, livro, jornal, celular, computador com internet...
- [Se tem Rádio]: Desde quando vocês têm Rádio?
- [Se tem TV]: Desde quando vocês têm TV?
- Quando as crianças nasceram, vocês já tinham televisão?
- Quais os horários e dias que as crianças costumam assistir TV?
- Em qual local da casa as crianças assistem TV?
- Além de casa, as crianças costumam assistir TV em outro local? Com quem?
- Qual(is) programa(s) as crianças gostam de assistir na televisão?
- Qual(is) programa(s) você gosta de assistir na televisão?
- Qual sua opinião sobre os programas que as crianças assistem na TV? Você acha que as crianças aprendem alguma coisa com esses programas? Você indicaria esses programas para outras crianças? Por quê?
- O que vocês e as crianças assistem na TV que vocês acreditam que aconteçam realmente na vida real? (Saber qual o grau de realidade na programação que as crianças assistem; identificar a mediação videotecnológica; a representabilidade e verossimilhança que permite naturalizar seu discurso “ante os olhos da audiência”); a programação, os gêneros, a publicidade etc.).
- Você acha que esses programas de alguma forma ajudam ou atrapalham na compreensão das crianças?

- Em geral, as crianças assistem TV sozinhas ou acompanhadas por jovens ou adultos? (Identificar mediação situacional).
- [Se os pais ficam juntos para assistir TV com as crianças]: Descreva a forma que o(s) filho(s) assistem TV, se ficam atentos ou dispersos, se conversa ou não com outras pessoas, se assiste em casa ou em outro ambiente social.
- Quando as crianças estão vendo TV elas conversam? Em geral, falam sobre o quê?
- Em geral, elas conversam sobre algo ou alguém que viram na TV?
- Os professores pedem para as crianças assistirem algum programa na televisão? Qual(is) programa(s)?
- A TV mudou alguma brincadeira delas? Quais e por quê?
- O que você gostaria que seu(s) filho(s) assistissem na TV? Por quê?
- Quais informações, valores, crenças, emoções, etc. você costuma passar ao(s) seu(s) filho(s)? (Identificar mediação cognitiva (conjunto de fatores que influem na percepção, processamento e apropriação de elementos/acontecimentos que estão diretamente relacionados com a aquisição de conhecimento)).
- Há quanto tempo você vive em Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que sabe da história de Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que melhorou desde que chegou aqui?
- E que piorou desde que chegou aqui?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS CRIANÇAS

Instruções: Se até 2 crianças, fazer com todas a parte das crianças; se houver mais de 2 crianças, fazer somente com as duas que têm data de aniversário mais próxima.

- O que você faz durante a semana? E aos finais de semana?
- De quê vocês costumam brincar em casa? E na escola?
- Qual o horário que vocês costumam brincar quando estão em casa?
- Poderia me contar quais as brincadeiras que vocês costumam fazer?
- Dessas brincadeiras, quais as que você prefere brincar?
- Você vai para a escola? Qual a série?
- Qual o horário que você fica na escola?
- Você assiste televisão durante a semana? Quanto tempo por dia?
- E aos finais de semana, assiste televisão? Quanto tempo por dia?
- O que você mais gosta de ver na televisão? (Programação..)
- Poderia dizer quais artistas, personagens da TV que você lembra?
- Desses artistas ou personagens, quais deles você mais gosta? Por quê? (Perguntar sobre cada um dos artistas/personagens citados).
- Se você pudesse escolher, qual desses personagens você gostaria de ser? Por quê?
- Você acha que na vida real isso que você vê na TV acontece mesmo? Por quê? (Identificar mediação videotecnológica: o grau de realidade na programação que as crianças assistem; representatividade e verossimilhança que permite naturalizar seu discurso “ante os olhos da audiência”; a programação; os gêneros; a publicidade etc.).
- Você costuma conversar com sua família sobre o que assistiu na televisão? O que mais vocês conversam sobre o que veem na TV?
- Em geral, você assiste TV sozinha(o) ou acompanhada(o) de adultos? Ou de outras crianças? Quais?
- [Se os pais ficam juntos para assistir TV]: Me diga como seus pais (ou responsável) assistem TV? Eles ficam atentos na TV ou eles olham apenas um pouquinho? Eles conversam ou não com outras pessoas? Eles assistem em casa ou em outro lugar? (Identificar mediação situacional).
- Você costuma comentar/conversar com seus amigos sobre o que assistiu na televisão? O que comenta com eles?
- Você costuma comentar/conversar com sua professora sobre o que assistiu na televisão? E o que você fala para a professora sobre o que viu na TV?
- A sua professora pede para você assistir algum programa na TV?

- Em geral, as pessoas que você convive, conversam sobre algo ou alguém que viram na TV? Pode me dizer alguma dessas conversas?
- O que os seus pais ensinam para vocês sobre o que é certo fazer e o que não é? (Identificar mediação cognitiva (conjunto de fatores que influem na percepção, processamento e apropriação de elementos/acometimentos que estão diretamente relacionados com a aquisição de conhecimento).
- Você sempre morou em Cajazeirinha?
- Poderia me contar o que sabe da história de Cajazeirinha?
- O que você acha da Usina Hidrelétrica de Tucuruí?
- O que você acha que melhorou desde que chegou aqui?

E o que piorou desde que chegou para morar aqui?

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS NA ESCOLA

Dinâmica 1: Apresentação com crachá gigante

Atividade:

Reunir as crianças da turma em círculo. Cada uma vai dizer o seu nome e o que mais gosta de fazer em casa ou na escola (Ex. Ana; Brincar de boneca). Todos os demais alunos repetem o nome e o que mais ela disse que gosta de fazer. A pesquisadora entrega o crachá e pincéis para a criança escrever nele o seu nome e o que mais ela gosta de fazer. Segue isso com cada criança.

Objetivo:

Conhecer as crianças; deixá-las mais integradas com a pesquisadora; saber o que mais elas gostam de fazer.

Material:

- Crachás grandes de papel com barbante
- Canetas hidrocor
- Giz de cera
- Lápis de cor
- Canetas
- Lápis

Obs.: No final da dinâmica, a pesquisadora guarda os crachás para poder entregar e para usar novamente no dia das próximas dinâmicas.

Dinâmica 2: Quem sabe, responde**Atividade:**

Fazer uma pergunta que remeterá à história da Cajazeirinha e de Tucuruí e de programação televisiva (sempre alternando com alguma pergunta fácil, por exemplo, qual a cor da banana?). Tocar uma música animada de criança para todos cantarem, brincarem até interromper de repente a música, tempo em que a pessoa corre até o local previamente indicado e responde à pergunta correspondente (Pode ser repetida a pergunta quando a criança chegar para responder). Quem acertar ganha doces (chocolate, pirulito, balinha) e pipoca.

Obs.: Marcar nome e idade de cada ganhador.

Perguntas:

- Qual a cor do cabelo do Pica Pau no desenho?
- Como surgiu a comunidade Cajazeirinha?
- O que é Tucuruí?
- Qual o nome da novela da Morena?
- Qual o morador mais antigo da Cajazeirinha?
- O que faz a usina hidrelétrica de Tucuruí?
- Qual o nome do apresentador do jornal Nacional?
- Qual o nome da cantora da Banda Calypso?
- Qual o nome completo de sua escola?
- Quantos anos tem a Hidrelétrica de Tucuruí?

Objetivo: Perceber o conhecimento das crianças sobre a história da Cajazeirinha, sobre Tucuruí e sobre alguns personagens/pessoas da televisão.

Material:

- Notebook e/ou rádio
- Caixinhas de som
- Música de criança
- Doces (chocolates, balinhas, pirulitos...)
- Pipocas Pantera

Dinâmica 3: Redação escrita

Atividade: Cada criança escreve uma redação com o tema “*O que você acha da televisão?*”. Fazer um texto (pode ter desenho) que relate o que é a televisão para ela, para a família dela, o que tem na televisão, etc.

Objetivo: Perceber o ponto de vista da criança sobre a televisão, sobre os programas, e saber qual a importância desse meio de comunicação para ela e sua família.

Material:

- Folhas com pauta
- Lápis
- Borrachas
- Canetas
- Lápis de cor
- Giz de cera

Dinâmica 4: Agradecimento à comunidade

Reunir crianças na escola no último dia. Agradecer pela colaboração de todos. Entregar brindes para as crianças e doar para a escola o material escolar usado nas dinâmicas. Oferecer um lanche a todos.

Objetivo: Agradecer pela colaboração na pesquisa; ressaltar a importância da pesquisa para o desenvolvimento da região.

Material:

- Material escolar
- Bolos
- Refrigerantes
- Sucos
- Pãezinhos recheados
- Copos descartáveis
- Lenços descartáveis
- Pratinhos descartáveis
- Doces (chocolates, pirulitos...)
- Brindes para as crianças (kit escolar)

ppGCom
Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia • UFPA

